

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO

ANDREIA SILVA LISBOA

O BRAZIL – CENTRAL E SUAS POTENCIALIDADES

NA “REVISTA A INFORMAÇÃO GOYANA”

(1917-1935).

GOIÂNIA

2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO

ANDREIA SILVA LISBOA

O BRAZIL – CENTRAL E SUAS POTENCIALIDADES

NA “REVISTA A INFORMAÇÃO GOYANA”.

(1917-1935).

Dissertação apresentada ao Mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Faculdade História da Universidade Federal de Goiás.

Área de Concentração: Culturas, Fronteiras e Identidades.

Linha de Pesquisa: Identidades, Fronteiras e Culturas de Migração.

Orientador: Professora Doutora Cristina de Cássia Pereira de Moraes.

GOIÂNIA

2009.

ANDREIA SILVA LISBOA

O “BRAZIL – CENTRAL” E SUAS POTENCIALIDADES

NA REVISTA A INFORMAÇÃO GOYANA

(1917-1935).

Dissertação defendida pelo programa de Pós- Graduação em História, nível mestrado,
da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás aprovada em: ___/___/___,
pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof(a). Dr(a). Cristina de Cássia Pereira Moraes (UFG).

Presidente

Prof(a). Dr(a). Gisele Porto Sanglard (FIOCRUZ/Casa de Oswaldo Cruz)

Membro

Prof(a). Dr(a). Danilo Rabelo (CEPAE/UFG)

Membro

Prof(a). Dr(a). Anderson Oliva (UNB)

Suplente

Prof(a). Dr(a). Maria do Carmo F. Tedesco (CEPAE/UFG)

Suplente

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida;

A minha família que acompanhou mais essa trajetória;

**Ao meu amigo e amor Eduardo Soares de Oliveira, companheiro de
todos os momentos;**

**As minhas queridas amigas Livia Teixeira Duarte e Nara Lima de
Alecrim pelo estímulo;**

**A minha professora Cristina de Cássia Pereira de Moraes pela
orientação, paciência e confiança.**

RESUMO

O presente trabalho propõe analisar a revista *A Informação Goyana*, editada no Rio de Janeiro entre 1917 e 1935. O objetivo consiste em perceber as estratégias de projeção do estado de Goiás produzidas por um grupo de intelectuais goianos registrados nas páginas da revista. Nesse sentido, buscamos perceber o conjunto de representações feitas para apresentar o estado nas demais regiões do país. Isto posto, objetivamos identificar nas páginas da revista, os elementos de reconfiguração da identidade, goiana. Ou seja, a tentativa dos intelectuais da *Informação Goyana* de integrar Goiás a um projeto de nação moderna para tanto exaltou e identificou quem eram os goianos, o que produziam economicamente, politicamente e culturalmente, ressaltando assim suas potencialidades e possibilidades de contribuição para o progresso brasileiro, integrando definitivamente Goiás ao Brasil.

PALAVRAS- CHAVES:

Identidade, Representação, Imprensa, Goiás, Informação Goyana.

ABSTRACT

This study aims to analyze the *Informação Goyana* magazine, published in Rio de Janeiro between 1917 and 1935. The goal is to understand the strategies of projecting the state of Goiás produced by a group of intellectuals goianos recorded in the pages of the magazine. In this sense, we seek to understand the set of representations made to present the state in other regions of the country. That said, we aimed to identify the pages of the magazine, the elements of reconfiguration of identity, goiana. That is, the attempt by intellectuals to *Informação Goyana* integrate Goiás a project of modern nation to both praised and identified who the Goiás, which produced economically, politically and culturally, thus highlighting their strengths and potential contributions to the Brazilian progress integrating definitely Goiás in Brazil.

KEYS WORDS:

Identity, Representation, Press, Goiás, *Informação Goyana*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I: A REVISTA A INFORMAÇÃO GOYANA.....	15
1.1. Apresentação da revista: A Informação Goyana em análise.....	15
1.2. As raízes do pensamento teórico e científico de seus escritores.....	27
CAPÍTULO II: A LUTA PELA INTEGRAÇÃO NACIONAL NA REVISTA A INFORMAÇÃO GOYANA.....	42
2.1. Redescobrimdo o Sertão.....	42
2.2. O sertão e o litoral: uma nova nação.....	51
CAPÍTULO III: AS REPRESENTAÇÕES DE GOIÁS NA INFORMAÇÃO GOYANA.....	61
3.1. A Imprensa e o Conhecimento do Passado.....	61
3.2. O discurso na <i>Informação Goyana</i>	66
3.3 O discurso e a memória.....	74
3.4 Além do discurso: questão de saúde.....	82
CONCLUSÃO.....	91
BIBLIOGRAFIA.....	83
ANEXO.....	102

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe analisar a revista *A Informação Goyana*, editada no Rio de Janeiro entre 1917 e 1935. O objetivo consiste em perceber as estratégias de projeção do estado de Goiás produzidas por um grupo de intelectuais goianos registrados nas páginas da revista. Dessa maneira, o recorte temporal do trabalho justifica-se pelo período em que a revista foi editada e publicada, o que não nos impede de recorrer aos anos anteriores ou posteriores para melhor compreender essas estratégias.

Partimos do pressuposto que a revista *A Informação Goyana* se constituiu em um campo político – ideológico e, que, portanto, tinha como finalidade produzir um discurso de defesa sobre o *Brazil –Central*, mais especificamente sobre o estado de Goiás. Ademais, seus articulistas defenderam ao longo de suas páginas a importância do Estado para o desenvolvimento econômico, político, social e cultural do país, ou seja, com esse objetivo eles exaltaram as potencialidades econômicas, naturais, bem como também, sua cultura e sua história.

Para, além disso, ao exaltar as potencialidades do *Brazil-Central*, que é a estratégia principal dos articulistas de *A Informação Goyana* para representar o Estado, evidenciou-se a construção de uma identidade “nova” e “moderna” para os goianos. Assim, objetivamos identificar nas páginas da revista, os elementos de reconfiguração dessa identidade. Nesse intuito de integrar Goiás a um projeto de nação moderna era preciso antes de tudo identificar e mostrar quem eram os goianos, o que produziam economicamente, politicamente e culturalmente, ressaltando assim suas potencialidades e possibilidades de contribuição para o progresso brasileiro, integrando definitivamente Goiás ao Brasil.

Nesse processo de reconfiguração identitária, a diferença aparece numa relação estreita e dependente, isso ao se considerar que as identidades são múltiplas e relacionais, pois dependem do outro diferente para existirem e se afirmarem. Nesse sentido a identidade e a diferença são também estreitamente dependentes da representação, na medida em que o conceito de representação é entendido como

qualquer sistema de significação, uma forma de atribuir sentido. Um sistema linguístico e cultural, arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado às relações de poder. Nesse intuito, é por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquire sentido. (SILVA, 2000, p.91).

Questionar a identidade, ou melhor, buscar uma reconfiguração significa, nesse contexto, questionar os sistemas de representação que lhe dá suporte e sustentação. Nesse sentido, uma das hipóteses aqui levantadas é que os articulistas que criaram e escreveram para a *Informação Goyana*, ao buscarem uma identidade moderna para os goianos questionam alguns sistemas de representações já produzido no período da Primeira República, sobre o interior do Brasil como um todo, e sobre o estado o Goiás.

Durante esse período, em especial depois da primeira grande guerra, Luiz A. Castros Santos (1985), ressalta que a produção literária e sociológica tornou-se marcadamente nacionalista, na medida em que se refletia sobre a construção de uma identidade nacional. Nesse cenário, havia segundo o autor, duas correntes de pensamento nacionalista, uma idealizava um Brasil Moderno e percebia no crescimento e progresso das cidades brasileiras os sinais de conquista da civilização. Já a outra corrente preocupava-se em recuperar no interior do país as raízes da nacionalidade, bem como integrá-lo ao Brasil (SANTOS, 1985, p. 3).

Dessa forma cada grupo, construiu um sistema de representações sobre si e sobre o outro. Isto é, a primeira corrente considerava que nas grandes cidades brasileiras, estaria a chance do desenvolvimento e do progresso brasileiro. O Brasil moderno seria representado assim por elementos europeus e principalmente pela imigração estrangeira, estritamente europeia e branca, ou seja, o Brasil moderno significava ser um Brasil europeizado. Já o interior do Brasil o chamado, o Sertão, entendido como o lugar distante do poder público abrangia assim as regiões distantes dos grandes centros, era representado por essa corrente como o lugar do atraso, do abandonado, de um povo fraco e desprovido de recursos.

Contudo, para a segunda corrente nacionalista, os elementos constitutivos da identidade nacional, estariam no interior do país. Propunha, desse modo, uma redescoberta do sertão brasileiro, que estaria abandonado, devido ao descaso do poder público, mas tinha muito a contribuir para o desenvolvimento nacional. Por isso, esse grupo procurava construir imagens positivas do sertão e do sertanejo.

Isso posto, em agosto de 1917, um grupo de intelectuais goianos, formado no final do século XIX e início do XX, editou a revista *Informação Goyana*, que circulou

principalmente no Rio de Janeiro, a capital federal, onde a revista foi editada, em Goiás e nos principais Estados do país e até em alguns países estrangeiros, encerrando suas atividades por volta de 1935. Ela teve um número expressivo de colaboradores, constituído na sua grande maioria por goianos, tendo como principais editores e articulistas, Henrique Silva (1865-1935) e Americano do Brasil (1892-1932).

Definida em seu frontispício como “Revista mensal, ilustrada e informativa das possibilidades econômicas do Brasil Central”, *A Informação Goyana* trabalhou de modo rico e complexo as várias expressões de vida do *Brazil-Central*¹, dedicando especial atenção a Goiás. Os dirigentes da revista pretenderam inserir Goiás num circuito político de discussão do qual o Estado estava praticamente ausente, para que este pudesse ser visto e discutido como possibilidade econômica, política e cultural. É o que se observa no “*artigo-programma*”, escrito para o primeiro número, publicado em agosto de 1917, em que o texto apresenta com clareza, que o periódico não pretendia ser mais um órgão técnico no meio jornalístico em que se inseriu.

A Revista pretendia tornar-se especializada na temática do *Brazil Central* - “inter-land brasileiro” - com fim político, informativo e de propaganda, enfim educativo. Demonstrando preocupação em relação à ignorância, ao desinteresse dos empresários da capital federal pelo Estado de Goiás, o periódico tomou para si não só a tarefa de preencher lacunas deixadas pela imprensa carioca, como também, de refutar as informações errôneas vinculadas sobre o Estado, isso na concepção dos editores da *Informação Goyana*, para tornar o Estado conhecido, assim como suas possibilidades econômicas aos olhos de investidores particulares e do próprio governo federal (NEPOMUCENO, 2003, p.16).

Graças a esse esforço, não só os recursos naturais e as possibilidades econômicas da região ganharam divulgação, mas também a história de Goiás, seu folclore, seus costumes, suas lendas, sua literatura, “a história de seus homens ilustres, a coragem de seus habitantes”, ou seja, busca-se construir um contra-discurso, que demonstrasse uma realidade diferente daquelas representações desabonadoras do sertão brasileiro e de Goiás, produzida por grupos hegemônicos dos grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro.

¹ Na concepção do grupo que criou e escreveu *A Informação Goyana*, o Brasil Central compreendia: “Minas, Goyaz, Matto Grosso, Oeste de São Paulo e os altos sertões da Bahia, Piauhy e Maranhão” (*A Informação Goyana*, fev. 1918, p.82).

Dessa forma, esse discurso contribui para a construção de uma *identidade goiana*, pautada em representações positivas que enaltecem a região, o que para os intelectuais da revista representava também um elemento imprescindível na constituição de uma identidade nacional. Além disso, o desejo maior era diagnosticar e contribuir para a solução dos problemas nacionais, ou seja, o anseio maior era contribuir para a construção do progresso material e da nacionalidade brasileira.

Nesse sentido, esses intelectuais pretenderam construir uma “teoria” do Brasil Central, em especial para Goiás. A tarefa a eles atribuída foi a de descobrir com base no conhecimento construído cientificamente, o papel que Goiás teria de desempenhar no conjunto da nação brasileira. Isto é, cabia aos colaboradores contribuir cientificamente para remover o atraso e promover o progresso material de Goiás, pois ao mesmo tempo, integraria-o as “*mais prosperas zonas do paiz*”.

Do ponto de vista metodológico, identificamos nos últimos anos pesquisas que utilizaram a imprensa como fonte documental sobre a história de Goiás.² A imprensa neste sentido se apresenta como uma fonte rica em dados e elementos, permitindo dessa forma, um melhor conhecimento social das manifestações culturais e políticas de uma dada sociedade (ZINCMAN, 1985, p.80).

Ter a *Informação Goyana* como objeto dessa pesquisa, tornou-se um desafio devido a vasta extensão de suas publicações, 213 números de revista em 1912 páginas, assim como ponto de partida antes da leitura propriamente dita do periódico, fizemos

² Alguns exemplos são: CHAUL, Nasr Fayad Caminhos de Goiás: da construção da “Decadência” aos limites da modernidade. São Paulo: USP, 1995. (Tese de doutorado). ASSIS, Wilson Rocha. Os Moderados e as representações de Goiás n’ A Matutina Meiapotense (1830-1834)-Goiânia, 2007(Dissertação de mestrado). BITTAR, Maria José Goulart. *As Três Faces de Eva na Cidade de Goiás*. Goiânia, 1997(Dissertação de Mestrado). -BORGES, Lindsay. *Revista da Arquidiocese de Goiânia (1957-1967): as representações da diferença e a construção da unidade religiosa*. Goiânia, 2007 (Dissertação de Mestrado). CARDOSO, Maria Divina Costa. *Movimento Estudantil em Goiânia: (1960 a 1964)*.Goiânia, 2002 (Dissertação de Mestrado). -COSTA, Livia Batista da. *Da Defesa da Honra à Defesa da Vida: Uma história da violência contra a mulher na cidade de Goiânia*.Goiânia, 2006 (Dissertação de Mestrado). - SILVA, Mônica Martins da. *A festa do Divino. Romanização, patrimônio & tradição em Pirenópolis (1890-1898)*. Goiânia, 2000(Dissertação de Mestrado). CUNHA, Bruno Domingues. *História da esquerda em Goiás – 1960-1979*. Goiânia, 2001 (Dissertação de mestrado).

uma leitura de todos os números de uma forma mais geral, mas operando alguns cortes que nos interessava, conforme os objetivos já apresentados.

Assim, com intuito de corroborar nossa hipótese, selecionamos alguns artigos considerando-os decisivos para nossa pesquisa:

- *Os editoriais da revista* (artigos produzidos no lugar dos editoriais, “editoriais” assinados) que geralmente apareciam nas edições de número 1, publicados no mês de agosto de cada ano. Nesses editoriais a redação ou um colaborador escolhido pela direção retomaria os objetivos da revista, fariam um balanço de sua circulação no ano, apontariam as dificuldades de tal publicação para vangloriarem a iniciativa da revista de propagar o sertão brasileiro, em especial o Estado de Goiás.
- *As notas e os artigos comemorativos do aniversário da revista.* O que nos permitiram perceber como a revista era recebida por seus leitores, constituída na maioria por homens de negócios que se configuravam como possíveis investidores, outros órgãos da imprensa goiana, carioca e alguns leitores esporádicos.
- *Artigos que tratam do Centro Goyano, da Associação Universitária Goyana e da Associação Goyana.* Essas entidades foram amplamente divulgadas na revista, isso porque, tais associações traziam em sua essência os mesmos objetivos da *Informação Goyana*, ou seja, o de projetar o Estado de Goiás.
- *Os artigos mais expressivos de colaboradores e escritores.* Aqui selecionamos ao longo de todas as publicações da *Informação Goyana* os artigos que encontramos os elementos representativos no qual esse grupo utilizou para melhor representar o interior do Brasil e, em especial, o território de Goiás.

Nessa perspectiva, conhecer a história por meio da imprensa pressupõe um trabalho com método rigoroso, tratamento adequado da fonte e reflexão teórica. Sem esses ingredientes corre-se o risco de repetir para o leitor, a história que a imprensa conta (CAPELATO, 1988, p.23). Portanto, o método de Análise do Discurso se apresenta como um caminho viável para o nosso estudo.

No Método de Análise de Discurso, compreendemos que a fala do sujeito é situada em seu contexto para melhor ser compreendida, já que a ciência se constroi numa relação dinâmica entre a razão daqueles que a praticam e a experiência que surge na realidade concreta. A linguagem é dessa maneira um lugar de conflito, de confronto

ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade uma vez que os processos que a constituem são histórico – sociais (BRANDÃO, 1991, p.10).

A análise do discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação seria o discurso, que torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive.(ORLANDI, 2005, p. 17). É nesse sentido que percebemos o discurso dos articulistas da *Informação Goyana*, com o objetivo principal de transformar as representações desfavoráveis ao Estado, deslocando para um conjunto de representações positivas.

Nesse sentido, a utilização de tal método requer alguns cuidados fundamentais como, por exemplo: um documento é sempre portador de um *discurso* que, assim considerado, não pode ser visto como algo *transparente* - o conteúdo histórico que se pretende resgatar depende muito da forma do texto: o vocabulário, os enunciados, os tempos verbais e outros elementos textuais.

Considerar o conteúdo histórico do texto dependente de sua forma não implica reduzir a história ao texto, a exemplo do que fazem os autores estruturalistas e pós-estruturalistas, que negam haver história fora do discurso - pelo contrário, trata-se de relacionar texto e contexto, buscar os nexos entre as ideias contidas nos discursos, as formas pelas quais elas exprimem e o conjunto de determinações extratextuais que presidem a produção, a circulação e o consumo dos discursos ‘o historiador deve sempre, sem negligenciar a forma do discurso, relacioná-lo ao social’(LOZANO, 1997, p.42- 52).

Cardoso & Vainfas (1997), pontuam alguns cuidados na aplicação do método da análise. Primeiro, valorizar a interpretação semântica do texto não é simplesmente recorrer às citações ilustrativas, realçando, aqui ou ali, as ideias e significados que se pretende explorar, como se o documento falasse por si mesmo. Segundo, aventurar em métodos que exijam sólida formação lingüística é risco que pode comprometer a pesquisa. E terceiro, adotar certa flexibilidade no uso do método escolhido, de modo a não cair prisioneiro de procedimentos que prejudiquem as interpretações históricas de fundo e a verificação das hipóteses de trabalho.

Considerando, dessa forma, que os sujeitos que produziram ou escreveram para a *Informação Goyana*, falam a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo, partindo de um conjunto de representações de um certo tempo e lugar histórico,

do qual são frutos. Buscaremos na medida do possível, realizar uma análise de tais discursos atentando as recomendações metodológicas expostas acima.

Diante dos objetivos apresentados e das reflexões feitas, estruturamos a dissertação em três capítulos. No primeiro capítulo, buscaremos apresentar o contexto histórico em que a revista surgiu, as raízes do pensamento teórico e científico dos intelectuais que escreveram suas páginas, bem como, as relações sociais e políticas de seus escritores e principais colaboradores.

O intuito deste capítulo é apresentar a revista em questão, principiando uma análise da sua forma e conteúdo, respondendo ou mesmo levantando algumas questões importantes como: quando e como a revista surgiu? Quem eram seus principais escritores e colaboradores? Para quem foi escrita? Qual o seu público de leitores? Ou ainda, quais seus objetivos principais?

No segundo capítulo, o objetivo consiste em analisar, a questão da integração entre o sertão e o litoral e como esse tema está em pauta nos artigos da revista. Assim, em um primeiro momento buscamos trabalhar o contexto histórico em que o novo olhar sobre o sertão aparece analisar o próprio conceito de sertão. Para um segundo momento identificar como esse processo de encontro entre o interior e o litoral foi desenvolvido e mesmo percebido pelos articulistas da *Informação Goyana*. Dessa forma analisaremos as expedições científicas pelo sertão brasileiro com o objetivo civilizatório, em especial a viagem dos médicos Arthur Neiva e Belízario Penna, ao norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e norte a sul de Goiás pelo Instituto Oswaldo Cruz.

No terceiro e último capítulo, procuraremos analisar o discurso evidenciado nas páginas da revista, ressaltando a utilização da imprensa em Goiás como instrumento de poder seja para formar uma certa consciência sobre o *Brazil-Central*, como voz política. Logo, o objetivo desta pesquisa é desnaturalizar os discursos, percebendo as categorias que os ordena, assim como as possíveis omissões. Enfim, a pesquisa pretende deixar aflorar as contradições, o diferente que subjaz a todo discurso. Para, além disso, procuraremos analisar o que está além do discurso de projetar uma imagem positiva sobre Goiás. O que de concreto os articulistas da *Informação Goyana*, vão encontrar no interior do Brasil Central para contrapor com a construção do discurso do atraso e da decadência feita a respeito de Goiás. Aqui encontramos um elemento fundamental a questão da saúde.

CAPÍTULO I

A REVISTA A INFORMAÇÃO GOYANA.

*Além de todas as glórias que nenhum goyano é capaz de lhe negar conscientemente, possu'e a Informação a de ser e ter sido sempre ardorosa advogada de Goyas, defendendo sua produção de falsas rotulagem e mostrando para o Brasil as maravilhas da terra abençoada que elle esqueceu.
(Collemar Natal e Silva. A Informação Goyana, Agost. 1930. p. 1492.)*

1.1. APRESENTAÇÃO DA REVISTA: A INFORMAÇÃO GOYANA

Em agosto de 1917 foi publicado o primeiro número da revista *A Informação Goyana*, editada no Rio de Janeiro, por um grupo de jovens goianos, em sua maioria residentes na Capital Federal. A revista contou com a participação de inúmeros profissionais, em grande parte formados no Rio de Janeiro, tais como: engenheiros, médicos, professores, religiosos, políticos, historiadores, militares, dentre outros (TAVARES, 2007, p.235).

Editaram ininterruptamente entre 1917 a 1935 cerca de 213 fascículos distribuídos em vários Estados brasileiros e em alguns países. Nos primeiros cinco meses de circulação a revista foi redigida nas dependências do escritório da *Brazil-Ferro - Carril*³ e editada nas Oficinas Gráficas do *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro, chegando à margem de 500 exemplares por tiragem (NEPOMUCENO, 2003, p.31).

Nesse sentido, temos como criadores e diretores da revista Henrique Silva e Americano do Brasil. O Primeiro, Major Henrique Silva⁴, nasceu em Bonfim, atual

³ Revista quinzenal de transporte economia e finanças, publicada no Rio de Janeiro em 1910. Revista esta que Henrique Silva foi colaborador desde seu aparecimento, deixando-a para se dedicar à Informação Goyana. “Deixou de fazer parte do nosso corpo de colaboradores desta revista o Major Henrique Silva, motivou esse afastamento, ter elle que se dedicar mais intensivamente a ‘Informação Goyana’, que com alevantado intuito de prestar serviços ao seu Estado natal, recentemente fundou”. (Da Brazil-Ferro – Carril, nota publicada na Informação Goyana em fev. De 1918, p.84).

⁴ Henrique Silva iniciou a sua carreira de armas em 1882, como cadete no esquadrão de Cavallaria de Goyaz, matriculando-se em 1883, na Escola Militar da Praia Vermelha (A Informação Goyana, maio de

Silvânia, Estado de Goiás, no dia 18 de março de 1865. Era filho de Francisco José da Silva e Ana Rodrigues Moraes e Silva. Ao residindo no Rio de Janeiro, dedicou se ao jornalismo desde muito cedo publicando artigos de assuntos variados sobre o Estado de Goiás (TELES, 1982, p.2). Em maio de 1935, a revista traz um número especial sobre ele por acasião de seu falecimento.

Em um artigo sobre a biografia do militar, um dos articulistas da revista, Luiz Mendes, foi escolhido para ressaltar a figura do jornalista:

Jornalista deixou traços indeleveis do seu espirito como collaborador do o Jornal do Comércio, Diário de Notícias, Brazil-Ferro – Carril, etc., no Rio de Janeiro; o Correio do Povo, o Jornal o Comércio e a Tribuna do Povo, etc., no Rio Grande do Sul; o Luctador Goyano, etc, em Goyas.⁵

Ele participou assim, da fundação de vários outros jornais como os acima citados e deixou uma variedade de obras publicadas entre 1898 e 1915, sobre diferentes assuntos referentes ao *Brazil-Central*, em especial o estado de Goiás. Entre tais obras podemos citar algumas como:

A Caça no Brazil Central, Rio de Janeiro, 1898; Poetas Goyano, Bagé, de 1901; Fauna Fluviatil de Goyaz, volume I, Bacia do Tocantis e Araguaya, São Paulo, 1905; Fauna Fluviatil de Goyaz, volume II, Bacia do Parahyba, Rio de Janeiro, 1906; Sumé e o Destino da nação Goyá, Rio de Janeiro, 1910; Perola e conchas na perlíferas do Araguaya, Rio de Janeiro, 1915.⁶

O editor chefe da revista participou também de várias comissões de levantamentos e estudos de viabilidade para maior “interiorização” do país, incluindo a *Comissão Cruls*⁷, o que pode ser considerado uma motivação para que Henrique idealizasse *A Informação Goyana*, e colocar Goiás na discussão nacional como uma potencialidade promissora. (TAVARES, 2007, p.236).

1935, p.1919).

⁵ *A Informação Goyana*, maio de 1935, p.1919.

⁶ *A Informação Goyana*, 15 de novembro de 1919, p.424.

⁷ *Em 1892 a Comissão Exploradora do Planalto Central foi constituída sobre a presidência do engenheiro belga Luiz Cruls, que residia no Brasil. A essa comissão coube estudar, reconhecer e delimitar a área em que deveria ser edificada a futura Capital Federal do Brasil.*(*A Informação Goyana*, 15 de dezembro de 1919, p.59 e 60).

Em 21 de maio de 1935 morre Henrique Silva. Neste momento, a revista que fundara não conseguiu continuar sua missão após a morte de seu mecenas, dando por encerrado suas publicações. O último número da revista foi dedicado a seu idealizador e patrono, em forma de homenagem por seus serviços prestados a Goiás e ao Brasil (NEPOMUCENO, 2003, p.62). Ademais, é evidente o lamento pelo falecimento do Major Silva e o reconhecimento da obra que deixou em favor de Goiás e de suas riquezas através do articulista Luiz Mendes, em maio de 1935, como podemos observar:

Morre Henrique Silva com 70 anos de idade,..., tendo dedicado meio século de sua vida á propaganda e á grandeza do seu Estado Natal. A Sua morte dá-me a impressão de um gigante que tomba, de uma extraordinaria luz que se apaga...E commigo toda Goyas se agita, em todos oa sectores intellectuaes, porque não ha quem não seja immortal, desapareceu a mais abnegada incarnação do homem necessario á Patria⁸.

O co-fundador da revista *A Informação Goyana*, Antônio Americano do Brasil⁹, homem ligado ao saber médico por formação e literato por vocação, ao retornar para Goiás em 1918, assume a Secretária de Estado dos Negócios do Interior e da Justiça e assume a circulação do “*Correio Oficial*” em maio aquele ano, após dezoito anos de interrupção. Conseguiu nessa época, reunir grande parte de documentos oficiais dentro de sua secretaria, bem como, publicar uma série de artigos sobre fatos da História de Goiás, nos principais órgãos de imprensa da época, o “*Correio Oficial*” e a “*Informação Goyana*”. Foi também nomeado Tenente Médico do Exército em Vila Boa e; incumbido da tarefa de redigir para o IHGB¹⁰ um resumo da História de Goiás, abrangendo o período de 1722 a 1889. Não é demais, pois, ressaltar que a maior vocação de Antônio Americano tenha sido a história, para além de atuar como poeta,

⁸ *A Informação Goyana, maio de 1935, p.1919.*

⁹ Americano do Brasil, amigo e sobrinho neto de Henrique Silva, nasceu em 1892 nos arredores de Bonfim (Silvania) morou em Santana das Antas (Anápolis). Mudou-se aos 18 anos em 1911 para o Rio de Janeiro onde cursou Medicina na Faculdade de Medicina Praia Vermelha. Mantém uma coluna no Jornal “*Imparcial*”, sobre as dificuldades relativas à língua portuguesa, o que mostra sua atuação desde cedo como jornalista. Quatro anos depois voltou a Goiás para se recuperar de uma infecção pulmonar e só retoma seus estudos no Rio de Janeiro em 1916. Assim em 1917 juntamente com Henrique Silva funda a *Informação Goiana*, dedicada aos interesses de Goiás.

¹⁰ O IHGB (Instituto Histórico Geográfico Brasileiro), reafirma a intelectualidade do co-fundador da *Informação Goyana*, no momento em que se buscava apresentar Goiás ao Brasil. Para maiores informações sobre O IHGB, ver: SANDES, 2000, p. 79-80.

folclorista, jornalista – posto que, colaborou com vários jornais no Rio de Janeiro e em Goiás - e político (BRASIL, 1890, p.8).

Em 1932, Americana do Brasil morreu assassinado em Santa Luzia, pelo ex-aluno de seu genitor Aldrovando Gonçalves, de 26 anos, como notícia em primeira capa a *Informação Goyana* de Abril de 1932:

Registramos o acontecimento trágico, fazemos-o com imenso pesar que nos causou o desaparecimento de um colaborador insigne da “Informação Goyana”, e também com a esperança de que o sicario que o cortou o fio dessa existencia tão preciosa á sua patria encontre a rigorosa punição que merece. Henrique Silva¹¹.

Nesse sentido, essas pequenas biografias apresentadas dos criadores e fundadores da revista, nos fornecem indícios da importância do periódico a *Informação Goyana* ao longo de suas edições. O que percebemos em comum nessas trajetórias de vidas foi a preocupação constante em apresentarem ao Brasil e aos próprios goianos as riquezas naturais, culturais, econômicas e sociais de Goiás, bem como, suas atuações no jornalismo ao escreverem e fundarem vários jornais tanto nas terras goianas como na Capital Federal.

Henrique Silva e Américo do Brasil mantinham dessa forma, relações com um grupo de goianos que residiam e estudavam no Rio de Janeiro e contribuíram na elaboração da revista. Isto posto, tanto Hugo de Carvalho Ramos¹² como seu irmão Victor de Carvalho Ramos¹³, que estudavam direito no Rio de Janeiro quando surgiu *A Informação Goyana*, faziam parte, portanto, da colônia de goianos que moravam na capital federal, um dos locais onde Henrique Silva buscou recursos humanos e materiais para compor a revista (NEPOMUCENO, 2003, p.97).

¹¹ *A Informação Goyana, abril de 1932, p. 1640.*

¹² Hugo de Carvalho Ramos, nasceu na Cidade de Goiás em 21 de maio de 1895 morreu no Rio de Janeiro em 12 de maio de 1921. Suas obras são: *Obras completas de Hugo de Carvalho Ramos*. São Paulo: Panorama, 1950, 2 v. *Tropas e Boiadas* (contos). Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1917. Seu único livro em vida. Além da *Informação Goyana*, Hugo de Carvalho Ramos também escreveu durante o período de 1910 e 1914, mais de oitenta contos publicados nos jornais: A Imprensa, Gazeta de Notícias, Lavoura e Comércio e a revista Fon-Fon no Rio de Janeiro (TELES, 2000, p.166).

¹³ Vitor de Carvalho Ramos escritor goiano irmão de Hugo de Carvalho Ramos, nasceu na Cidade de Goiás, no dia 16 de fevereiro de 1893. Também estudou direito no Rio de Janeiro, tendo colaborado na *Informação Goyana* como escritor. Foi co-fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, fundando também a Academia do Triângulo Mineiro, pertencendo à Academia Goiana de Letras. Faleceu em Uberaba (MG), no dia 14 de junho de 1976. (TELES, 2000, p.167).

Publicaram, assim, textos de alguns escritores e poetas do estado de Goiás, como Hugo de Carvalho Ramos e Cora Coralina¹⁴, poetisa que só ganhou projeção muitos anos após suas publicações. Além de vínculos familiares e laços profissionais, estes são também responsáveis pela aglutinação dos colaboradores em torno da proposta da revista. Olegário Pinto¹⁵, Americano do Brasil, e Ayres da Silva¹⁶ por exemplo, além de jornalista, foram também deputado federal na época em que circulou a revista, defendendo os interesses de Goiás tanto na câmara dos deputados como, por meio das páginas da *Informação Goyana* (NEPOMUCENO, 2003, p.99).

Outro colaborador, Antônio Azevedo Pimentel¹⁷ foi o que mais teve matérias publicadas depois de Henrique Silva, pois, escreveu no periodico de 1917 a 1921, sendo fundamental na consolidação do mesmo. Para, além disso, ainda se identificam certos colaboradores que apesar de não terem contribuído para a revista como articulistas, apoiaram sua proposta e foram, muito destes, patronos do projeto. Ou seja, são personalidades conhecidas nos circuitos culturais, com contribuições significativas, na sociedade, na política, entre os militares e os religiosos, tais como: Leopoldo de Bulhões, Guimarães Natal, Capistrano de Abreu, dentre tantos outros, que foram de grande importância para a consolidação da revista no início de sua história.

Nesse sentido, esse grupo estava interligado tanto por vínculos familiares e laços profissionais, como pela amizade. Não desvinculamos aqui também sua importância econômica. Um exemplo é Guimarães Natal, um dos patronos da *Informação Goyana*, o qual era avô materno de Colemar Natal e Silva¹⁸, membro da

¹⁴ Cora Coralina, [pseudônimo](#) de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, nasceu na Cidade de Goiás em agosto de 1889 e morreu em Goiânia em abril de 1985. Para maiores informações ver: DELGADO, 2003.

¹⁵ Olegário Herculano da Silveira Pinto nasceu na Cidade de Goiás em 16 março de 1855. Fundou com Leopoldo de Bulhões e outros, o jornal *Aurora*. Barcharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Recife, em 1889. Foi ainda engenheiro fiscal das Estradas de Ferro do Grão-Pará, de Paranaguá-Curitiba e de Mauá-Petrópolis e, em 1902 foi comandante da Brigada da Guarda Nacional da então capital da República, Rio de Janeiro. Em 1912 foi eleito presidente do Estado de Goiás, renunciando um ano depois para candidatar-se a uma cadeira no Congresso Nacional. Eleito com expressiva votação teve oportunidade de representar Goiás durante 14 anos, exercendo o mandato de deputado federal e senador. (TELES, 2000, p.160).

¹⁶ Nasceu em Porto Nacional –TO, em 1872, formado em Medicina, em 1898, no Rio de Janeiro. Além de colaborar na *Informação Goyana*, fundou em Porto Nacional o jornal, *Norte de Goiás*, um dos primeiros periódicos na região do Tocantins (TELES, 2000, p.1888-189).

¹⁷ Filho de importante família de fazendeiros da região fluminense formou-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, foi secretário da Comissão de Saneamento do Rio de Janeiro, diretor do Laboratório Bacteriológico Federal, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e professor da Faculdade de Odontologia e Farmácia de Ribeirão Preto, onde faleceu em 1928 (VERGARA, 2008.p.867).

¹⁸ Nasceu na antiga São José do Tocantins em 1907. Estudou direito no Rio de Janeiro, fundando o Centro Goiano que mais tarde se tornou a Associação Goiana, nessa Capital. Em 1930 volta a Goiás se dedicando à advocacia é também um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Jornalista, jurista, historiador e pesquisador, foi Colemar Natal e Silva um incansável batalhador pelas causas goianas (TELES 2000, p.187).

geração mais nova de colaboradores da revista e principal criador do Centro Goyano. Ainda estudante de direito no Rio de Janeiro, Colemar Natal, já aparecia no cenário cultural e político da época pelas páginas de *A Informação Goyana*. Depois de formado regressou a Goiás se tornando uma figura importante na vida política e cultural do Estado. O mesmo podemos observar de Hélio Seixas de Britto, que por meio da revista surgiu no cenário político da capital federal, ainda como estudante de medicina. Posteriormente, já formado, retorna ao Estado e se elege deputado e prefeito de Goiânia, entre 1961 e 1965 (NEPOMUCENO, 2003, p.99 -100).

Da troca de influências e experiências foi que esse grupo criou, escreveu e/ou colaborou com a organização desta revista. Nesse sentido, concordamos com o filósofo italiano Gramsci (1978), que considera que para se formar um intelectual, não necessariamente há que se ter uma formação acadêmica específica, mas sim uma ação social. Isto é, independente de sua escolaridade, o intelectual está relacionado diretamente com o lugar que se ocupa nas relações materiais e sociais de uma determinada sociedade. Dessa forma, o que possibilita essa categoria “intelectuais” foi à ampliação e divisão da noção de Estado em dois grandes planos, ou seja: a “*sociedade civil*” isto é, o conjunto de organismos chamados comumente de “privados” e o da “*sociedade política ou Estado*”, que correspondem à função de “*hegemonia*” que o grupo dominante exerce em toda sociedade e àquele de “*domínio direto*” ou de comando, que se expressa no Estado e no governo “*jurídico*”.(GRAMSCI, 1978, p.10-11).

Estas funções são organizativas e conectivas, pois os:

(...) Os intelectuais são os “comissários” do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político, isto é: 1) do consenso “espontâneo” dado pelas grandes massas da população à orientação impressa pelo grupo fundamental dominante à vida social, consenso que nasce “historicamente” do prestígio (e, portanto, da confiança) que o grupo dominante obtém, por causa de sua posição e de sua função no mundo da produção; 2) do aparato de coerção estatal que assegura “legalmente” a disciplina dos grupos que não “consentem”, nem ativamente nem passivamente, mas que é constituída para a toda sociedade, na previsão dos momentos de crise no comando e na direção, nos quais fracassa o consenso espontâneo. (GRAMSCI, 1978, p.10- 11).

Esse modo de focalizar a questão abriu caminhos para Gramsci afirmar que todos os homens são intelectuais, embora nem todos desempenham, socialmente essa função. Assim, todos os homens são filósofos, porque pensar é próprio do homem como tal, a não ser uma personalidade patológica. O que separa um grupo do outro não é a forma de conhecimento em si mesmo, mas um tipo de pensamento, a coerência sistemática, a possibilidade de usar a própria história do pensamento, o seu sentido e também o seu desenvolvimento nas ações e tentativas de explicações do mundo. Assim, o que existe para o filósofo são os graus variados de atividades intelectual. “*Em suma, todo homem, fora da sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um “filósofo”[...], possui uma linha conciente de conduta moral, contribui[...]para manter ou para modificar uma concepção de mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar.*” (GRAMSCI, 1978, p. 7).

Nesse sentido, Gramsci também define duas categorias de intelectuais, o orgânico, proveniente da classe social que o gerou, tornando-se seu especialista, organizador e homogeneizador e o tradicional que acredita estar desvinculado das classes sociais, tendo uma certa autonomia e continuidade histórica. Essa última categoria aglutina assim, os literatos, filósofos e artistas. Nesse intuito segundo, o filósofo italiano, como os jornalistas se veem como literatos, artistas e filósofos, julgam-se verdadeiros intelectuais de uma sociedade, pois se consideram independentes do grupo dominante.

O novo papel do intelectual na sociedade consiste segundo Gramsci, num incluir-se ativamente na vida prática, como organizador (GRAMSCI, 1978, p.8). Dessa forma, considerando o jornalista como um intelectual, e seu papel na sociedade, temos “como expressão de um grupo que pretende difundir uma visão integral de mundo” (GRAMSCI, 1978, p.201). Nessa perspectiva, pensando na *Informação Goyana*, o que temos é um grupo de intelectuais goianos, que trabalhou ativamente na vida prática, divulgando uma imagem integral sobre Goiás. O que esses pretendiam era contruir representações positivas, que promovessem o Estado integralmente.

Assim, esse grupo de intelectuais, delineavam objetivos claros para o primeiro número da revista publicado em 15 de agosto de 1917:

tornar melhor conhecidos de nós mesmos e dos estrangeiros o seu saluberrimo clima , as suas riquezas extraordinárias , as suas fontes de vida, as suas possibilidades econômicas – como também refutar com factos e

algarismos exactos as apreciações injustas que tantas vezes em livros e imprensa se tem propalado acerca da terra goyana.¹⁹

O objetivo que os articulistas de *A Informação Goyana*, esboçam para si é o de apresentar o Estado de Goiás para os próprios goianos que desconheciam a riqueza de seu Estado, bem como para os demais brasileiros ao assumirem um papel educativo e formador de opinião, sobre o que o Estado tinha a oferecer para o conjunto do país.

Desta forma, Collemar Natal e Silva uns dos articulistas da revista, pública em agosto de 1930 um artigo com o título “O dia da Informação Goyana” - no qual comemora os quatorze anos de existência da revista - e relembra a alegria do aparecimento na imprensa da Capital federal, de um órgão dedicado aos interesses de Goiás e o seu sucesso durante esses anos em apresentar o que de melhor possui o Estado de Goiás: “quanto a geographia, história, fauna, flora, pecuária, lavoura ethnographiaclima, enfim, possibilidades, conquista e riquezas nativa e tudo o que se refere à evolução social e moral de nosso berço querido”.²⁰

Outrossim, exalta ainda, Colemar Natal e Silva a figura de Henrique Silva e sua constante luta em projetar Goiás e suas possibilidades, no cenário nacional, portanto, é importante perceber que para além de divulgar as possibilidades econômicas, cada número da revista aborda uma variedade de assuntos referentes à fauna, à flora, à história de Goiás, à literatura, ao folclore, enfim, à cultura goiana como um todo. Contudo, não podemos deixar de perceber o ufanismo, quase sempre acrítico, dos escritores da revista, causado por uma visão apaixonada, um discurso intencional, com objetivo claro de projetar uma imagem positiva do Estado.

Sobre a origem de *A Informação Goyana*, Nepomuceno nos remete aos primeiros anos da República, no fim do século XIX e início do XX, ao se referir à criação de um Centro Goiano de propaganda sobre as possibilidades de Goiás na Capital Federal. Essa iniciativa foi projetada no interior da Escola Militar da Praia Vermelha, onde estudou Henrique Silva e outros escritores de *A Informação Goyana*, como Olegário Pinto. Embora não tivessem muito êxito, a formação do Centro Goiano de Propaganda resultou na publicação da revista *BRAZIL CENTRAL*, definida pelos seus criadores, como “Revista mensal consagrada aos interesses de Goyas”. Essa revista teve

¹⁹ *A Informação Goyana*, Janeiro de 1917, p. 01.

²⁰ *A Informação Goyana*, Agosto de 1930, p.1492.

Henrique Silva, Olegário Pinto e Cansio Pova que divulgaram em um único número, no dia 15 de abril de 1891, onze matérias (NEPOMUCENO, 2003, p.33-37).

Nos objetivos centrais dessa única publicação podemos encontrar vários pontos de convergência entre a *Brazil Central* e *A Informação Goyana*, pois ambas declararam que foram criadas para divulgar as possibilidades econômicas de Goiás. Ademais, argumentaram também, que o Estado era parte de uma área desconhecida e ignorada pelas autoridades políticas do país. Dessa forma, seus interesses tendiam a um ponto comum, tornar conhecidas as riquezas naturais de Goiás, indicar e descrever o local onde poderiam ser encontradas e mais que isso, chamar à atenção das autoridades políticas e dos capitalistas para o estudo e para a exploração dessas riquezas (NEPOMUCENO, 2003, p.35).

Nesse sentido é importante ressaltar que a *Informação Goyana* trouxe em suas páginas temas variados sobre o Estado de Goiás sendo que, sua maior ênfase era dada aos aspectos econômicos da região, evidenciando assim, suas possibilidades econômicas por meio de características geográficas favoráveis e a variedade de recursos naturais que oferecessem diferentes atributos que poderiam ser explorados economicamente. Um exemplo são os artigos que Henrique Silva escreveu, primeiro sobre a “*Arvore e Papel*” (*Lasyandra Papyrifera*) encontrada em Goiás e sua importância econômica para o Estado. Sobre essa espécie da flora goiana e o quase desconhecimento sobre ela Henrique Silva escreve:

Dentre as peculiaridades da opulenta flora do planalto goyano uma ha que, pelo valor economico, ou pela riqueza de seus finos caracteres botanicos, devia estar melhor conhecida e mais vantajosamente representada que em simples classificação nas taboas de systematica.

Nós que temos uma horta botanica onde se colletam as specimens vegetaes mais sobresalentes do nosso paiz e até do estrangeiro, alguns de menor importancia, desconhecemos essa interessante propriedade do declives da Serra Dourada, em Goyaz,e a que os naturalistas europeus emprestaram minuciosos cuidados e particular estudo.²¹

Outro exemplo seria o artigo sobre “*A Palmeira Burity*”, que seria para o editor chefe da revista “Dentre as palmeiras mais úteis, mais bellas e mais elegantes do Brasil, cabe a primazia ao Burity (*Mauritia Vinifera*). Do Burity estrahe-se um succo usado

²¹ *A Informação Goyana*, 15 de setembro de 1917. p. 32.

depois da fermentação, como bebida do qual pode tirar excelente açúcar”²². Ressalta, dessa forma, as potencialidades econômicas da palmeira do buruti, que podem ser exploradas por homens de negócios interessados em investir nas riquezas naturais do Estado.

Igualmente, não podemos caracterizar a revista como exclusivamente econômica. Outros temas são escritos com conteúdo histórico, político, educacional, literário, sobre a saúde, a geografia, a população e a comunicação, tornando assim o Estado de Goiás conhecido em suas múltiplas abordagens. Enfim, é umas revistas regionalistas, no sentido de que procurou expressar um “excessivo interesse e amor pela própria região” (BOBBIO, MATTEUCCI & PASQUINO, 1991, p.1084).

A *Informação Goyana* tratou nesse sentido de forma bem ampla da fertilidade do solo goiano, dos seus recursos naturais ao incluir o reino animal, vegetal e mineral. Das atividades econômicas, especialmente a pecuária, a agricultura, a indústria artesanal e o comércio. Apesar de não ser uma revista *estatal*, também trouxe em suas páginas mensagens e relatórios do governo do Estado, destinados à Assembléia Legislativa, bem como discursos das autoridades locais, em diferentes eventos e ocasiões, além de reproduzirem decretos e atos oficiais. Dessa forma apesar de se dizer ausente de posicionamentos políticos, podemos perceber ao longo da pesquisa indícios, ou discursos que nos revelam o contrário.

Por conseguinte, os anúncios publicitários, assim como afirma Ilka Stern Cohen, a presença das propagandas em jornais e revistas abriam novas perspectivas para ambos os lados, na medida em que para a imprensa os anúncios representavam um suporte econômico e para as indústrias ou outros anunciantes a imprensa constituía em um veículo de implantação do número de consumidores (COHEN, 2008, p. 105-1096).

Contudo, o padrão não era exatamente esse, iniciativas mais modestas dependiam em boa parte de seus recursos e da boa vontade de amigos. Nesse aspecto *A Informação Goyana*, se configura também em uma exceção nesse padrão, como era um veículo de comunicação pequena com uma tiragem, menor, fazendo na maioria permutas com outros impressos, a maioria de seu capital advinha de seu idealizador Henrique Silva e se complementava com a doação de amigos.

Vale apontar que a revista foi mantida, no início por anúncios. Anúncios apresentados antes do editorial ora ocupando três, ora duas páginas iniciais. Os principais anunciantes foram: “Companhia Mechanica e Importadora de São Paulo-

²² *A Informação Goyana*, 15 de setembro de 1917. p.34.

fabricante de máquinas aperfeiçoadas”; Casa de Saúde Dr. Eiras”; “Gotas Estimulantes”; “Externato Murell da Silva”; “A Avicultura”; “Hotel Avenida”; “185 e 139 Loterias e Comissões” ; “ Companhia e Loteria Nacional” e a “Sociedade Nacional de Agricultura”, que permaneceram durante todo o primeiro ano (TAVARES, 2007, p. 336). Esses anúncios foram desaparecendo a partir de 1921, ficaram apenas o subsídio do governo de Goiás, que embora pequeno, foi fundamental para a manutenção da revista. O restante dos recursos vinham de poucos anúncios, assinaturas, doações do grupo de goianos residentes no Rio de Janeiro, além dos próprios recursos de Henrique Silva (TAVARES, 2007, p. 336; NEPOMUCENO, 2003, p.50).

Com relação à sua circulação e ao seu público leitor, algumas características desta revista nos trazem elementos que se destacam e repetem. Em nossa análise, observamos a utilização de três tipos de fontes: os relatórios dos viajantes que visitaram Goiás no século XIX, os relatórios dos presidentes de províncias e os estudos técnicos desenvolvidos *in loco* (NEPOMUCENO, 2003, p.54). Seus colaboradores usaram citações na língua original das fontes consultadas, principalmente em francês, inglês, alemão e espanhol. Assim as características e a linguagem técnica utilizadas, de fato, deve ter exigido alguma erudição por parte dos escritores e articulistas²³ da revista.

Pela mesma razão, podemos considerar que o público alvo de leitores da revista era muito específico e a pretensão era atingir um maior número de leitores possível. Não podemos esquecer que o objetivo principal era tornar o Estado de Goiás conhecido em suas potencialidades e refutar as opiniões equivocadas, apresentadas pela imprensa da Capital federal, que atingia aos políticos, aos homens de negócios, bem como a imprensa da época.

Nesse intuito, *A Informação Goyana* tinha poucos assinantes, suas publicações eram doadas e permutadas com várias instituições importantes, aumentando dessa forma, o âmbito de circulação da revista e demonstrando o tipo de leitor erudito que teve como alvo. Por meio dessa troca, a revista chegou em vários Estados do país e no exterior.(NEPOMUCENO, 2003, p.53-54). Essas permutas aparecem no artigo intitulado “ ‘*A Infomação Goyana*’ no paiz e no estrangeiro” de novembro de 1917: “*Continuamos a receber em permutas tanto revistas como jornaes do Brasil, da Europa a das duas Americas.*”²⁴. Henrique Silva menciona ainda os nomes de dois jornais americanos que receberam *A Informação Goyana* e escreveram muito bem a respeito,

²³ Articulista; autor ou autora de artigo jornalístico. Escritores; autor de obras literárias ou científicas.

²⁴ *A Informação Goyana*, 15 de Janeiro de 1917, p. 69.

os nomes são “*O Boletim Pan- Americano*” e o argentino “*Boletim da Camara do Commercio Argentio Brasileira*”. De âmbito nacional ele menciona o intercâmbio com jornais do Triângulo Mineiro; “*Lavoura e Commercio*”; “*Gazeta de Uberaba*” e o “*Araguary*”²⁵.

A revista também mantinha correspondentes em algumas partes de Goiás, na capital do Estado, nas cidades de *Formosa, Ipameri, Bonfim (Silvânia), Roncador, Natividade, Porto Nacional, Catalão, Santa Luzia (Luziânia), Corumbá, Bella Vista, Jaraguá, Bareiros, dentre outras cidades*.²⁶

Com efeito, a boa relação com a imprensa carioca, logrou tanto em texto publicado quanto em correspondência para sua redação, os maiores elogios por ocasião da comemoração de sua fundação em artigo comemorativo de aniversário em agosto de 1928. Henrique Silva começa agradecendo as referências que a imprensa da Capital federal, faz em relação ao XII ano de existência da *Informação Goyana*. E registra as notas, veiculadas no “*Jornal do Commercio*”, “*O Paiz*”, “*Brazil-Ferro-Carril*” e “*O Jornal*”:

Completa agora doze annos de existencia “A Informação Goyana”, fundada e dirigida superiormente pelo Sr. Major Henrique Silva , que affirma , muito bem, ser a sua revista o repositorio mais completo do que ha sobre Goyaz na historia, na geographia, na fauna, na flora, na pecuaria, em lavoura, na athnographia do clima etc. “*Jornal do Commercio*.”

A Informação Goyana – Entrou no seu 12º anno de existencia a “Informação Goyana”, que se publica nessa capital, sobre a competente direcção do major Herque Silva, nosso prezado collega de imprensa e incansavel propugnador das grandezas e das possibilidades economicas do Estado. Os nossos parabens ao brilhante confrate. *Brazil-Ferro-Carril*.

A Informação Goyana – Com o numero que temos á vista, entra no 12º anno de uma trajectoria de publicidade da “A Informação Goyana”, mensaria que se edita nesta Capital, sobre direcção do major Henrique Silva. Mantendo a linha rectilinea, do programma traçado em seu primeiro numero, as columnas desse mensario constituem o melhor repositorio de dados informações historicos, geographicos, das possibilidades economicas e da evolução industrial e commercial do Estado Central, de que formou sua denominação. “*O Jornal*”²⁷

É importante perceber que em todos os fragmentos as parabenizações ao décimo segundo aniversário da revista são dados também ao major Henrique Silva, pelo

²⁵ *A Informação Goyana, 15 de novembro de 1917, p.70.*

²⁶ *A Informação Goyana, maio de 1918, p.80.*

²⁷ *A Informação Goyana, Agosto de 1928, p.1299.*

seu empenho em divulgar as riquezas econômicas, históricas, geográficas, naturais e comerciais de Goiás. O que ressalta, nesse contexto, a importância do mentor e criador da *Informação Goyana* na imprensa carioca.

As representações sobre Goiás, que foram construídos nas páginas desse periódico caracteriza também o momento vivido por seus escritores e colaboradores a sua formação. Com intuito de atender um público específico que poderia investir nas possibilidades do *Brazil Central*, a revista procura tornar conhecidas as coisas relacionadas ao estado de Goiás, e refutar “com factos e algarismos exactos”²⁸, as aparições injustas sobre o Estado em livros e na própria imprensa carioca. Nesse sentido, primeiro vamos investigar as raízes da formação desse grupo de jovens goianos e o momento em que criaram a revista para compreender a forma que construíram todo o conteúdo sobre Goiás em suas páginas.

1.2. AS RAÍZES DO PENSAMENTO TEÓRICO E CIENTIFICO DE SEUS ESCRITORES:

Compreender o período de formação superior dos escritores da *Informação Goyana* e o momento em que a revista foi editada no Rio de Janeiro é uma tarefa importante para nossa pesquisa. Nessa reflexão é essencial discutir o conceito de nação, ou melhor, a constituição de tal conceito para o conjunto do Brasil que se buscou nos fins do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

Pensando nas identidades nacionais, consideramos como Hall (2001) que estas são formadas e transformadas no interior da representação. Ou seja, a cultura nacional não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos, isto é, um sistema de representação cultural. Dessa forma, a nação é composta tanto por instituições culturais, como também por símbolos e representações. Hall afirma que a cultura nacional é também discurso, um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto as ações quanto a concepção que cada integrante dessa cultura nacional tem de si mesmo (HALL, 2001, p.51).

A identidade nacional ao produzir sentidos sobre “a nação” constroem identidades. Isto é, produz sentidos dos quais os membros dessa nação podem se identificar uns com os outros. Esses sentidos estão contidos segundo Hall como “nas

²⁸ *A Informação Goyana, Agosto de 1917, p.05.*

estórias que são contadas sobre a nação, memórias, que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas”. Dessa forma as culturas nacionais não devem ser pensadas como unificadas, mas como constituintes de um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade. São nessa perspectiva “atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo ‘unificadas’ apenas através do exercício de diferentes formas do poder cultural” (HALL, 2001, p.52- 62).

Desse modo, no processo de construção de um discurso da cultura nacional que produza sentido, temos diferentes sistemas de representações que lutam para construir sentidos no qual os membros de uma determinada nação se identifiquem entre si. No caso do Brasil, temos no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, discursos que buscam construir uma identidade nacional e refletir rumos para um “Brasil Moderno”. Nesse sentido, Herschmann e Pereira (1994)²⁹, analisam o projeto paradigma /moderno³⁰ que se desenhou com ênfase especial na virada do século XIX para o XX, configura -se ao longo dos anos 1920 e 1930 no Brasil.

A pretensão desse modelo era de reexaminar os discursos que conduziram a modernidade³¹ como projeto a partir dos anos 1920 e 1930. Para isso, retoma o período de 1870-1937 para repensar o moderno a partir da explicitação de sua crise na contemporaneidade, examinando entre outros aspectos, as formas do saber técnico-científico especializado (medicina, educação e engenharia), que se constituíram nas bases do paradigma moderno (HERSCHMANN e PEREIRA, 1994, p.10). O que nos atenta nessa discussão primeiro é o período em que os autores caracterizarão como

²⁹(HERSCHMANN e PEREIRA, 1994, p.10).

³⁰ “Paradigma/ moderno” entendido não ainda como um rígido modelo, mas como um conjunto de procedimentos, de hábitos internalizados, de questões/problemas capazes de mobilizar e de orientar as reflexões de uma época ou de uma geração. (HERSCHMANN e PEREIRA, 1994, p.11).

³¹ Refletindo sobre a construção mais genérica da noção de modernidade, os autores, se remetem em especial as últimas décadas do século XIX, no qual idéias como novo, progresso, ruptura, revolução e outros nessa linha fazem parte não só do cotidiano dos agentes sociais, mas principalmente caracterizam o imaginário, o discurso intelectual e os projetos de intervenção junto à sociedade. Assim, é exatamente a estas idéias que as noções de “moderno” ou de “modernidade”, vão se afirmando nesse momento de aceleração de industrialização e de consolidação internacional do capitalismo. Citando Le Goff, em “Antigo/Moderno”, os autores enfatizam que o par antigo/moderno vai sofrer profundas transformações com a revolução industrial na segunda metade do século XIX e no século XX. O aparecimento do conceito de “modernidade” como reação ambígua da cultura à agressão do mundo industrial na segunda metade do século XIX, e no século XX a generalização no Ocidente. A introdução da idéia de modernização em outros lugares além da Europa, em países desenvolvidos ou atrasados resultado do contato com o mundo Ocidental. Nesse sentido, um novo conceito que aparece e se impõe no campo da criação estética, das mentalidades e dos costumes: a “modernidade”. Moderno, modernidade, modernismo ou mesmo modernização são categorias específicas, que vão ocupando espaço no campo intelectual, constituindo em palavras de ordem no século XX. No Brasil isso é verificado, especialmente ao longo dos anos 1920 e 1930, quando afirmar – se moderno significa, por exemplo, e antes de qualquer coisa, tentar assumir um lugar prestigiado no debate científico e artístico, expressando assim, uma sintonia com determinado conjunto de questões “modernas”, mas nem sempre claras ou compreensíveis aos sujeitos sociais envolvidos. (HERSCHMANN e PEREIRA, 1994, p.14 -15).

“Modernização à Européia”, que vai de 1870 a 1920, momento esse da formação do pensamento teórico e científico dos escritores e colaboradores da *Informação Goyana* e do começo de suas publicações.

Já o segundo período que Herschmann e Pereira (1994), analisam é o de 1920 a 1937, caracterizado segundo os autores, como o momento da construção de uma modernidade “nativa”³². Esse seria então outro ponto importante a ser investigado, por ser o cenário em que a revista aqui analisada é criada e editada na Capital Federal, entre 1917 a 1935. Respeitando as devidas diferenças de datas, esses autores nos trazem as décadas de 1920 e 1930, parte do período em que a *Informação Goyana* foi editada, trazendo em suas páginas os reflexos do contexto que estavam vivenciando seus autores.

Na passagem do Império para República temos o surgimento de uma nova geração de literatos “A Geração de 1870” constituída de militares, membros do clero. Alguns literatos eram cientificistas, marcados por ideias liberais e por uma vontade de transformar radicalmente as estruturas sociopolíticas e econômicas do país. Defendendo a abolição da escravidão e a proclamação da República. Entretanto, cedo essa geração se desilude com a implementação do projeto republicano que termina com uma relação tensa entre os militares e as oligarquias regionais.(HERSCHMANN e PEREIRA, 1994, p.20).

O fim do regime Impérial não significou o fim dos valores vigentes nesse período, mantendo muitas práticas que evidenciam uma sociedade excludente e hierarquizadora. Contudo, tanto esses cientistas como os membros da elite política promoviam nesse momento a necessidade de “reformular”, “regenerar”, “Civilizar”, a sociedade e o país. O ponto de referência era uma modernização “à européia”, a busca era estar em pé de igualdade com a Europa. O estado republicano estava preocupado em impor uma racionalidade correspondente às transformações sociais, econômicas e políticas ocorridas na Europa nas últimas décadas do século XIX. (HERSCHMANN e PEREIRA, 1994, p.22).

Na passagem do século XIX para o século XX temos no Brasil, o surgimento de um conjunto de valores e modelos que a elite dirigente desejava incorporar como referências para a sociedade, valores estes inspirados nos modelos puritanos, ascéticos e

³² A busca de um Brasil Moderno calcada no reconhecimento da diversidade de características regionais, isto é, um movimento de redescobrir o Brasil, ou de interiorização. O intuito era de procurar em meio essa diversidade, traços comuns, definidores da identidade brasileira. Para maiores informações ver: (NAXARA, 1992, p.185).

européus ganhando corpo nas reformas sanitárias, pedagógicas e arquitetônicas deste século. A palavra de ordem era então de “civilizar-se”³³, o mais rápido possível para competir no mercado internacional. O modelo tomado era a Europa, que impunha valores e códigos sociais para o país, um cotidiano e uma cultura que iria caracterizar o conjunto de vida na modernidade.

Nesse contexto modernizador do Brasil, grupos de intelectuais se dedicam a contruir uma ideia de identidade nacional, moldada, pelos seus próprios interesses. O intuito era procurar nos modelos europeus a solução para o desenvolvimento da nação brasileira. O pensamento era adequar ou construir padrões sociais, econômicos e governamentais que conduzissem o país ao novo tempo.

Projetos políticos foram elaborados e os intelectuais buscaram encontrar no passado a explicação para os desvios, para as desigualdades e para o atraso percebido por eles no Brasil. Os estudos sobre a resolução dos males de origem, tanto na geografia como na formação “genética” do povo tornou-se usual para explicar o quadro de atraso vivenciado pelo país (OLIVA, 2003, p.94). Diferentes eram os modelos, diversas eram as decorências teóricas. Assim no contexto caracterizado pelo enfraquecimento e final da escravidão, na realização de novos projetos no país, as teorias raciais se apresentam enquanto modelos teóricos possíveis nesse complicado jogo de interesses. Para além dos problemas relativos a substituição de mão de obra ou mesmo a conservação de uma certa hierarquia social bastante rígida, era preciso estabelecer também critérios diferenciados de cidadania para os diferentes grupos sociais.(SCHWARCZ, 1993, p.18).

Isto é, nesse sentido que o tema racial³⁴, se tornou, apesar de suas explicações negativas, em um argumento novo e conveniente para explicar as diferenças sociais. Schwarcz (1993), afirma que as adoções de tais teorias não poderiam ser de imediato nesse contexto, isso porque, de um lado, esses modelos pareciam justificar cientificamente organizações e hierarquizações que pela primeira vez era questionado com o fim da escravidão, por outro lado, devido sua interpretação pessimista da mestiçagem, acabava por inviabilizar o projeto de uma construção de uma identidade nacional que mal havia começado. Para resolver esse impasse a saída encontrada pelos

³³ Civilizar-se aqui corresponde Europeizar-se, isto é, seguir padrões europeus.

³⁴ O termo raça é introduzido na literatura mais especializada nos inícios do século XX, Georges Cuvier, inaugurando a ideia da existência de herança física permanente entre os vários grupos sociais. Para além, o termo também acabou recebendo uma interpretação social. Antes de aparecer como um conceito fechado, fixo e natura, é entendido como um objeto de conhecimento, cujo significado estará sendo constantemente renegociado e experimentado nesse contexto histórico específico, que tanto investiu em modelos biológicos de análise. (SCHWARCZ, 1993, p.17- 47).

homens da ciência foi acomodar modelos, cujas decorrências teóricas eram originalmente diversas: o darwinismo social e o evolucionismo social. Do primeiro adotou-se o suposto da diferença entre as raças e sua natural hierarquia, sem problematizar as implicações negativas da miscigenação. Do segundo, ressaltou-se a noção de que as raças humanas não permaneciam estacionadas, mas em constante evolução de “aperfeiçoamento” (SCHWARCZ, 1993, p. 18-19).

Nesse sentido na primeira metade do século XIX, os debates circulavam em torno da origem dos homens. Os que acreditavam que o homem tinha uma única origem eram denominados de monogenistas e teve maior respaldo na primeira metade do século. Já os que se filiaram à ideia das múltiplas origens receberam o nome de poligenistas e a partir da segunda metade do dezanove, com o fortalecimento das ciências biológicas e a publicação das teorias darwinistas³⁵, tiveram mais força que monogenistas (OLIVA, 2003, p.94).

Da fusão dos postulados monogenistas, com as teorias evolucionistas e darwinistas surgiu o “Evolucionismo Social”. A “antropologia cultural ou etnologia social” tinha como foco central à questão da cultura, visando assim, sobre uma ótica evolucionista. O grande interesse era no desenvolvimento cultural tomado em uma perspectiva comparativa. A civilização e o progresso, termos privilegiados da época segundo Schwarcz, era entendidos não como conceitos específicos de uma determinada sociedade, mas como um modelo universal:

Segundo os evolucionistas sociais, em toda a parte do mundo a cultura teria se desenvolvido em estados sucessivos, caracterizados por organizações econômicas e sociais específicas. Esses estágios, entendidos como únicos e obrigatórios..., seguiam determinada ligação, que ia sempre do mais simples ao mais complexo e diferenciado. Assim,... princípio otimista de tal escola, que entendia o progresso como obrigatório e restituía a noção de humanidade única (SCHWARCZ, 1993, p.57-58).

Já da aliança entre as análises poligenistas com as ideias de Darwin se tem o “Darwinismo Social”, com características deterministas essa doutrina era pautada em três pontos, o primeiro estava relacionado às diferenças raciais da humanidade, isto é, essa perspectiva via de forma pessimista a miscigenação, acreditava que as raças constituíram fenômenos finais, imutáveis, sendo todo o cruzamento entendido como um erro, isto é, os seres humanos estariam divididos em raças diferentes. Nesse sentido,

³⁵ O grande marco divisor, da polêmica das origens do homem foi a publicação de “As Origens das Espécies”, de Charles Darwin, em 1859. Sua obra teve efeito apaziguador sobre os debates anteriores. (OLIVA, 2003, p.95).

acreditava-se que no cruzamento entre raças, o indivíduo carregaria não as qualidades, mas os defeitos de seus genitores. Em segundo, existiriam relações entre as características físicas e a capacidade mental e os valores morais dos indivíduos. E terceiro, o indivíduo era visto condicionado pelo grupo racial ao qual estava inserido. Não era percebido como um indivíduo autônomo, independente. As raças assim como as sociedades na primeira metade do século XIX eram entendidas como imutáveis, e a miscigenação era vista como um símbolo de degeneração (OLIVA, 2003, p. 96; SCHWARCZ, 1993, p. 59- 60).

É desse modo que no Brasil, essas doutrinas foram acomodadas, para atender as necessidades do momento e aos interesses vigentes. A entrada de tais ideias no Brasil aconteceu assim, a partir da década de 1860 e 1870, momento que se pensava a reconstrução da concepção da nação brasileira. A constatação de problemas nacionais, assim como, o encaminhamento para uma nação moderna, leva alguns intelectuais a buscarem explicações históricas para os atrasos e os desvios que caracterizava o povo, a política e a economia brasileira. Desse modo à análise do papel do negro, do índio e do mestiço tornou-se comum para explicar os problemas do Brasil. (OLIVA, 2003, p. 97).

Nessa perspectiva as vertentes pessimistas de interpretações do Brasil se radicalizam em meados do século XIX, os primeiros elementos que influenciaram essa discussão a serem considerados são os relatos de vários viajantes, que percorreram o Brasil desde meados do século XVIII, e representaram com seu olhar acostumados a sociedades em processo de industrialização, o Brasil como o exemplo de uma nação degenerada de raças mistas.

A historiografia goiana é um exemplo dessa influência, na luta de representações sobre o Estado temos primeiro os relatos dos viajantes europeus que percorreram Goiás durante o século XIX, e representaram o *Brazil-Central* com elementos que configuram e consolidaram durante muito tempo os estigmas de decadência e do atraso.

Os viajantes, que passavam por Goiás com seus olhares repletos de progresso europeu, conseguiram vislumbrar a decadência comum a todos, imagem gravada como se fosse a memória de um povo, como se fosse a realidade vivida por todos e não como se fosse o desejo do que não viam: a imagem do progresso invertida na janela do tempo. Dentre os mais variados argumentos alegados para justificar a decadência, temos: a precariedade das estradas, a falta de incentivos da Coroa para operacionalizar novos meios de comunicação e o constante ócio em que vivia o povo de Goiás. (CHAUL, 1995, p.18).

Dentre os viajantes que estiveram por Goiás pode se destacar, Augustin François César de Saint-Hilaire, naturalista francês, chegou ao Brasil em 1816 e percorreu grande parte do Centro Sul do Brasil, interessando principalmente na flora brasileira, e deixando importantes impressões de viagem sobre a sociedade em geral. Outro exemplo seria Johann Emmanuel Phol, naturalista austríaco chegou ao Brasil em 1817 como membro da expedição científica vinda da Corte de Viena percorreu quase todos os arraiais goianos e relatou que muitos caminhos se encontravam trágicos. Outro observador Willian John Burchell, naturalista e desenhista inglês que chegou ao Brasil em 1827 produziu inúmeros desenhos sobre a sociedade e as paisagens que viu e captou. Outros dois exemplos são George Gardner, naturalista escocês, que aportou no Brasil em 1836 e percorreu aldeias, arraiais e vilas goianas, retratando e/ou representando o Estado como uma região desértica e de pénuria. E por fim, Francis Castelonau, naturalista francês, que andou por Goiás em 1843, deixando alguns relatos em relação a sociedade goiana, as condições estruturais e sobre a fauna e a flora da região.(CHAUL, 1995, p.21-26).

Francis Castelonau ao descrever um velho índio preso na província de Goiás exemplifica algumas das representações deixadas por esses viajantes sobre a sociedade goiana, atribui assim ao nativo características de um animal selvagem:

Pedi que me trouxessem para desenhá-lo. Tinha oitenta anos de idade; chamava-se Choitay e era o principal chefe dos Xerentes. Tratava-se de um homem forte, vigoroso e entrocado...apresentava uma aparência de bonomia que contratava singurlamente com os instintos ferozes cuja história se via escrita nas numerosas cicatrizes que em si mesmo produzira, golpeando-se a faca, com o fito de perpetuar a lembrança de cada homem que matara e devorara; as do lado direito indicavam vítimas cristãs, as outras, peles-vermelhas. Garantindo que nada menos de que duzentas pessoas tinham sido mortas assim.³⁶

Nesse sentido diante de uma sociedade mista racialmente, as teorias do Darwinismo Social condenariam a nação brasileira ao fracasso e a degeneração, logo a solução encontrada para tal problema foi uma adaptação a tais preceitos. Os intelectuais propunham como caminho para solucionar as questões raciais da nação, justamente acelerar a miscigenação. Isto é, o país passaria por um processo de transição racial no qual, acelerando o cruzamento entre elementos de raças inferiores (negros, índios ou sub-raças, mestiços) com brancos, tentando força desse modo à depuração do povo

³⁶ CASTELONAU, 1843, p.229.

brasileiro. Nessa perspectiva essas teorias chegadas no Brasil vão ser aqui cópiadas, mas ao mesmo tempo recriadas ou adaptadas às necessidades nacionais.(OLIVA, 2003, p. 97).

Assim no cenário brasileiro a partir de 1870 temos a chegada dessas teorias de pensamento até então desconhecidos, como já falamos, modelos como o evolucionismo, o darwinismo e sem deixar de lado o positivismo que chega ao Brasil como um “método”, uma opção viável para a constituição do Brasil republicano. A proposta positivista que teve mais difusão e força neste período foi aquela apresentada pelas ideias de Augusto Comte³⁷. Os discursos passam a ser dos especialistas/cientistas, os quais passam a promover uma perspectiva cronológica, a constituição de uma nova linguagem moral e política de justificação do poder.

O positivismo foi adotado nesta época como rótulo de uma conduta ideal de oposição à monarquia. Assim, a doutrina positivista, baseada nas ciências exatas, no conhecimento racional, e pregando a Ordem e o Progresso, prestava -se idealmente para contrapor às especulações do romantismo e do idealismo característico do Segundo Império além de justificar o autoritarismo. É possível identificar uns dos pólos de difusão do positivismo na Escola da Praia Vermelha no Rio de Janeiro, pelas aulas do professor republicano Benjamin Constant Botelho de Magalhães³⁸, a partir de 1870 (MARTINS, 1989, p.42).

Considerando que o projeto original da *A Informação Goyana* foi desenvolvido desde o fim do século XIX no interior da Escola Militar da Praia Vermelha, quando Henrique Silva, seu mentor intelectual, Olegário Pinto, J.J Curado e outros que nela escreveram freqüentavam essa escola e vivenciavam toda essa efervecência positivista, se torna relevante conhecer um pouco dessa instituição de ensino e sua influência para esses que, reivindicavam para si a tarefa de tornar “corretamente” conhecida, a terra goiana.

³⁷ “Positivismo” é o nome atribuído por Auguste Comte (1798-1957) ao seu sistema filosófico, sistema que pode ser sintetizado em três partes: Primeiro, uma *filosofia da história* baseada na “lei dos três estados”. O segundo ponto da filosofia de Comte é a *classificação das ciências*, em uma escala que se inicia por aquele cujo objeto é o mais simples e indeterminado até aquele cujo objeto é inversamente o mais complexo e específico, aqui na sociologia divide-se em uma estática social, que estuda as condições constantes da sociedade, *a ordem*, e uma dinâmica social, que estuda as leis de seu desenvolvimento, *o progresso*. O terceiro e último ponto da filosofia comteana é a reforma das instituições promovida pela elite científico-industrial, que se daria através da reforma intelectual do homem. Para a maior discussão da filosofia Comteana. ver: CASTRO, 1995.

³⁸ Benjamim Constant entrou, na Escola Militar da Praia Vermelha por meio de concurso público, em 1871. Aderiu ao positivismo em 1857, convergindo suas preocupações diante da doutrina de Comte para outra esfera, diferente daquela que predominava, no momento, entre os positivistas em geral. Benjamim apreendeu de Comte as questões relativas à filosofia da história, da vida social e política (MILAN, 1993, p. 262).

Nesse sentido, eram comum os filhos das famílias abastadas de Goiás, se encaminharem para os centros culturais mais avançados do país, com a finalidade de completarem e aperfeiçoarem sua formação intelectual iniciada em sua terra natal. O que ocorreu com grande parte dos colaboradores da *Informação Goyana*. Os principais, escritores fizeram sua formação no Rio de Janeiro, na Faculdade de Medicina e na Escola Militar da Praia Vermelha onde estudaram Henrique Silva e seus principais colaboradores (NEPOMUCENO, 2003, p.69).

A Escola Militar da Praia Vermelha evoluiu da Real Academia Militar, fundada pelo príncipe D.João em 1810. A criação dessa instituição, que por muito tempo formou engenheiros civis e militares, está inserida numa conjuntura internacional e nacional de criação de escolas de ensino superior. As escolas militares da França, da Prússia e dos Estados Unidos datam, assim dessa época. No Brasil nas décadas de 1810 e 1820, surgiram a Real Academia dos Guardas Marinhas (1808), as escolas de Medicina do Rio de Janeiro (1813) e de Salvador (1815), a Academia de Belas Artes (1820) e o Curso de Direito São Paulo e Olinda (1827) (NEPOMUCENO, 1991, p.59).

Celso Castro (1995) faz um levantamento da procedência dos oficiais da Escola Militar da Praia Vermelha na Proclamação da República. Os resultados revelavam que 66,7% tinham nascido no “Norte” que compreende as regiões Norte, Nordeste e Centro Oeste, e 33,3% vinham do “Sul”, isto é, do Sul e do Sudeste. Entre os estados mais representados estão o Rio Grande do Sul e o Maranhão com 16,7%, o Rio de Janeiro, Bahia e Sergipe com 10% cada. O autor então destaca que a Escola Militar atraía pessoas de todos os estados, o que é mencionado nos livros de memória de militares da época, caracterizando se como uma escola superior de acesso mais democrático nas últimas décadas do Império e nos primeiros anos da República. Além de tornar-se um elemento simbólico importante, para a afirmação do caráter nacional do corpo de oficiais do Exército (CASTRO, 1995, p.31).

As origens dessa Escola, se localiza no deslocamento da Escola Militar da Corte, que com o objetivo de separar o ensino profissional militar do ensino de engenharia civil, dividiu-se em 1855, dando origem à Escola Militar e de Aplicação do Exército, de ensinamentos práticos localizada na Fortaleza de São João até 1857, quando foi transferida para a Praia Vermelha, já com o nome de Escola Militar. A Escola Central de estudos teóricos, que transferiu se, em 1874, para o Ministério de Império com o nome de Escola Politécnico, destinado apenas à formação de engenheiros civis, fechada durante a “Guerra do Paraguai”. A Escola Militar da Praia Vermelha foi reaberta no

mesmo ano de 1874 monopolizando todos os estudos militares superiores, inclusive os de engenharia militar (CASTRO, 1995, p.42-43).

Na prática, a separação entre ensino militar e civil foi menos real, isso se explica principalmente após a entrada na Escola Militar das doutrinas “cientificistas”³⁹ que irromperam no contexto intelectual brasileiro. Doutrinas como o positivismo e o evolucionismo, assim como movimentos sociais e políticos como o abolicionismo e o republicanismo. Essas doutrinas circulavam no Brasil desde os meados do século XIX, se acetuando no final do século, perpassando todos os centros acadêmicos de ensino superior. Contudo, a escola que era marcada profundamente, pelo pensamento positivista de Auguste Comte foi a Escola Militar da Praia Vermelha.

A partir do ingresso de Benjamin Constant em 1872, como professor de matemática do curso superior. Juntamente com Roberto Trompowsky seu repetidor a partir de 1877, o ensino de matemática do primeiro ano do curso superior passou a ser pautado pelo ensinamento de Comte. A presença do pensamento positivista durou assim, até 1904, quando a escola foi fechada (CASTRO, 1995, p.66).

Percebe se que apesar da influência de Benjamin Constant e Trompowsky o positivismo não era predominante como pensamento filosófico no conjunto de professores. Em 1881 só 13% do corpo docente da Escola Militar da Praia Vermelha eram positivistas, em 1886 se constituía em 16%. Entre os alunos, porém a doutrina era muito disseminada, principalmente nos diversos grêmios de alunos, em atividade fora da sala de aula, em palestras “cientificistas e literárias” (CASTRO 1995, p.67).

É importante perceber, dessa maneira, que é para além da sala de aula, no processo de “socialização”, que se completava a formação dos jovens oficiais, isto é, no interior das sociedades científicas, literárias e filosóficas, mantidas pelos próprios alunos, que existiram na Escola Militar. No período de 1874-1889, Castro (1995, p.69), destaca a existência de algumas sociedades; “Fênix Literária”, “Recreio Instrutivo”, “Clube Academia” e “Amor a Tribuna” e “Família Acadêmica”. Além de associações abolicionistas, republicanas e artísticas. Não esquecendo que a revista *Brazil Central*, a primeira tentativa de formação de um órgão de imprensa em favor das potencialidades

³⁹ No Brasil, o cientificismo não foi exclusivo dos jovens militares “científicos”. Ele também se desenvolveu nas escolas de direito e medicina. Mas nunca foi tão hegemônico como na Praia Vermelha, nem utiliza tão claramente como elemento constitutivo da identidade social de um grupo. O autor utiliza assim, o termo “cientificismo”, no sentido de uma supervalorização da ciência, isto é, reconhecendo a inocuidade de qualquer solução “não – científica” para os problemas humanos (CASTRO 1995, p.54).

goianas, surgiu no interior da Escola Militar da Praia Vermelha, quando Henrique Silva estudava em tal instituição.

Sobre os estudos no interior da Escola é possível observar, que nessa escola os estudos teóricos mereciam mais atenção do que os estudos práticos. Esses eram bem deficientes, o que se acentuava ainda mais as diferenças entre os oficiais formados pela Escola Militar da Praia Vermelha e o restante do exército. Além disso, “os jovens oficiais ‘cientificistas’ formados na Praia Vermelha, lutavam por uma posição melhor nesse campo dominado pelos bacharéis em direito, a Escola Militar da Praia Vermelha era antes que militar rival das academias civis” (CASTRO 1995, p.51).

No diferenciamento do ensino dos militares com os bacharéis, temos que, o conteúdo mais “técnico” do ensino militar diferenciava-se na educação centrada nos “estudos clássicos”, dos bacharéis das Escolas de Direito e de Medicina do Império, por isso, eram considerados inferiores. Contudo, a escola militar também concedia os títulos de bacharéis em Matemáticas e Ciências Físicas. No primeiro número da *Informação Goyana* o artigo escrito por Eduardo Sócrates, ex - aluno da Praia Vermelha, sobre a importância do surgimento da revista mostra de maneira implícita que o problema maior enfrentado por Goiás no seu desenvolvimento era a falta de preparo dos bacharéis que controlavam o poder político do Estado, o que demonstra também a manutenção do poder pelas oligarquias agrárias:

O mal goyano e o de todo Brasil são a politicagem infrene professada por todos, com prejuizo dos interesses geraes do Estdo.

Todos se esforçam para exercer dominio politicos e açambarcar os empregos, mas quasi ninguem cogita do trabalho, que é a fonte de riqueza publica, como da particular.

A propaganda é o melhor rastilho para conseguir impressionar massas populares, transmittindo-lhes déas, que ellas acolhem com fervor...

Precisamos, nós goyanos, orientar o nosso povo e dar-lhe a noção do trabalho fecundo, como condição imprescentivel do engradecimento de nosso Estado.

A “Informação Goyana” surge pois impregnada neste ambiente convencida destas necessidades, desta conveniencias, que precisa incutir no povo goyano.⁴⁰

O primeiro aspecto que percebemos nesse trecho é a referência, mesmo que “entre linhas”, aos bacharéis que dirigem a política em Goiás, que seriam corruptos e incapazes de atender as necessidades do Estado. A expressão “nós goyanos”, se refere aos colaboradores e escritores da *Informação Goyana*, aos quais cabe a tarefa de

⁴⁰ *A Informação Goyana*, agosto de 1917, p.26.

orientar o povo de Goiás ao progresso e ao conhecimento ou integração com as áreas centrais do país. Assim, cabia a esse grupo de oficiais “cientistas” formados na Escola da Praia Vermelha construir um saber teórico sobre Goiás, baseado em “factos e algarismos exactos”, como a ciência.

A Escola da Praia Vermelha formou para além de militares, bacharéis fardados, engenheiros, políticos, burocratas, publicitários, sanitaristas arquitetos e também militares (NEPOMUCENO, 2003, p.81). Profissionais estes que constituíam o corpo de escritores e colaboradores da revista *A Informação Goyana* aqui analisada. Esses traçaram como objetivo ao se agruparem já dentro dessa instituição de ensino, o desafio de construir uma teoria sobre o *Brazil-Central*, em especial sobre Goiás, para tanto, usam o conhecimento com base científica, para definir a “lei” e determinar o papel do Estado no conjunto do Brasil.

O objetivo maior era se integrar às “prosperas zonas do paiz” (*A Informação Goyana*, 15 de agosto de 1917.p.9). Enfatizando que o estado de Goiás praticamente desconhecido tinha muito a oferecer para o maior desenvolvimento do Brasil. Nesse sentido analisando o papel desempenhado pelos militares, o que chama a atenção na relação de poder era o clima de rivalidade dos militares com os bacharéis e os magistrados. O medo desses bacharéis e magistratos era que os militares significavam uma parcela da população (que passaram a ser cada vez mais recrutados de famílias humildes) armada e organizada, constituído em um parceiro incômodo tanto para as oligarquias rurais quanto, posteriormente, para a burguesia industrial (HERSCHMANN e PEREIRA, 1994, p.27).

Nesse contexto é importante relacionar o papel dos militares no contexto político do período. Assim do ponto de vista político, a chamada República Velha se caracterizou pela prática de um regime político baseado na maximização do poder das oligarquias estaduais, viabilizada a partir do coronelismo⁴¹.O processo de construção do Estado republicano brasileiro teria como ponto forte o aperfeiçoamento de mecanismos que garantissem a simultaneidade entre a ampliação formal da participação política e a exclusão real dos setores subalternos, aos quais não interessava incorporar a cidadania, isto é, um voto universal fictício, isso porque, se limitava aos alfabetizados que era a minoria em uma maioria massacrante analfabeta e predominantemente rural (MENDONÇA, 1996, p.252).

⁴¹ Sobre o fenômeno do coronelismo em Goiás temos a obra organizada por Narsr F. Chaul. *Coronelismo em Goiás: Estudos de Casos e Famílias*, de 1998. Que reúne três dissertações de mestrado sobre o assunto. Ainda se apresenta o livro de Itami Campos, *Coronelismo em Goiás*, 2003.

Segundo Emília Viotti da Costa (1997), a proclamação da república no Brasil não significou uma profunda mudança na estrutura econômica e social do país e nem uma ruptura do processo político brasileiro. A economia continuou agrária de exportação, as condições de vida dos trabalhadores rurais não sofreu alterações. O poder político permaneceu com os representantes da elite agrária enquanto, a maioria da sociedade, isto é, as camadas populares, os setores médios urbanos e a grande maioria da população rural, continuaram excluída da participação política. Enfim, a organização da sociedade não foi alterada em suas bases (COSTA, 1997, p.305).

O modelo adotado na República Velha (1889-1930) foi a política dos governadores criada pelo presidente Campos Sales (1898-1902). Esta política foi responsável pela solução dos impasses criados pelas contradições entre os poderes executivos e legislativos dando o predomínio do poder executivo e a consolidação do poder das oligarquias, nessa perspectiva:

A política dos governadores foi efetivada, através do processo eleitoral. As eleições na Primeira República ou República Velha eram organizadas de tal maneira que tornava possível o controle das mesmas pelo poder executivo, pois não havia justiça eleitoral independente. A política dos governadores favorecia a autonomia política das oligarquias que disputavam o poder nos seus Estados, ao mesmo tempo em que garantia a eleição dos candidatos da situação (FERREIRA, 1998, p.19).

Podemos então considerar que por meio de um controle rigoroso dos mecanismos institucionais, foi possível às elites políticas manter o poder e usá-lo segundo seus interesses. Nos momentos de crise ou de oposição não faltaram, desse modo, os mecanismos de opressão. As práticas eleitorais adotadas nesse período se sustentaram através do controle das eleições, das fraudes, dos favores, da violência e principalmente do fato de o voto ser aberto, o que possibilitava o seu controle. Também se tem nesse momento à política chamada “café com leite”, isto é, o revezamento presidencial entre os mineiros e paulistas (FERREIRA, 1998, p.20).

É justamente diante da impossibilidade de resolver os problemas gerados pelo centralismo-localismo⁴², e pelo federalismo que emerge a figura do coronel, que

⁴² O sistema federativo adotado pelo governo se constitui em um modelo no qual os municípios, estados e distrito federal, sendo independentes um do outro, formam um todo que legitima um governo central e federal, que governa sobre todos. Na Primeira República, o sistema federativo, presume uma descentralização ou uma autonomia total dos Estados. Entretanto como lembra Chaul (1997), o que ocorre é uma centralização, em que todas as decisões estaduais ficam atreladas ao governo federal. O autor não desconsidera o mandonismo dos coronéis e nem a autonomia das oligarquias estaduais, mas essa seria relativa (CHAUL, 1997, p.135).

constituiu em uma figura básica para a manutenção do palco político republicano. O coronel vem desde o Império, mas só na República que este encontra as condições favoráveis para seu domínio e ascensão. O elemento imperativo para exercício do mando era, portanto, a prática da violência⁴³ que dava ao coronel fama, reconhecimento, não sendo necessariamente ricos ou afortunados (FERREIRA, 1998, p.21). Ainda sobre o fenômeno do coronelismo Sônia Regina de Mendonça, ressalta “o fenômeno do coronelismo também apresenta uma faceta arbitrária e violenta, já que ele não impedia a emergência das oposições locais, em geral neutralizadas pela truculência oficial ou mesmo por vinganças encomendadas a bandos de capangas” (MENDONÇA, 1996, p. 256).

Na política econômica, consolidou-se a hegemonia do cafeeiro paulista, tentando transformar em “projeto universal” interesses que só lhe dizia respeito. Decorrendo daí, sucessivas medidas de valorização do café implantada pelo governo federal. Ao mesmo tempo, para não deixar de ser atendido pelos interesses dos demais segmentos agrários, que se voltaram para a exportação de outros bens, produtos e gêneros para o mercado interno, como no caso de Goiás, onde esta prática procurava ser compensada, ora com cargos estratégicos nas composições das chapas presidenciais, ora no atendimento parcial de certas demandas especificamente regionais (MENDONÇA, 1996, p.254).

A década de 1920 foi palco no Brasil, da série crise política e socio-econômica, politicamente, tratou-se de uma hegemonia da burguesia cafeeira. Assim, os segmentos urbanos, que não tinham expressão política efetiva no período, encontravam canais de mobilização em momentos de cisão oligárquica, ou seja, nos momentos de reorganização das alianças entre as frações do setor cafeeiro dominante.

Nesse sentido, as rebeliões tenentistas da década de 1920 foram um exemplo da mudança simultânea de questionamento “de dentro” e “de fora” do pacto político, já mencionado. Foi justamente quando, em 1922, as oligarquias do Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro se uniram contra a candidatura do eixo São Paulo e Minas Gerais, formando uma reação contra a já formada aliança republicana, tão

⁴³ Sobre a violência no fenômeno do coronelismo, temos a obra de Dalva Borge de Souza, *Violência, poder e autoridade em Goiás*, 2006. A respeito da violência na Primeira República em Goiás, a autora analisa dois episódios que para ela relata a violência coletiva durante esse período, são eles: o movimento de Abílio Wolney e Santa Dica. Isso porque segundo Dalva Borges Souza, esses acontecimentos são exemplares quanto às intrincadas relações entre o público e o privado, próprio da dominação coronelista, isso porque nos dois episódios, temos o desencadeamento da ação repressora do Estado, menos para cumprir sua função como responsável pelo restabelecimento da ordem legal e mais para agir em defesa de seus interesses particulares (SOUZA, 2006, p.77).

movimento se alastrou em rebeliões pelos setores intermediário da oficialidade militar (MENDONÇA, 1996, p. 259).

A autora ao analisar o tenentismo mostra que a historiografia contemporânea divide o movimento em três posições. A primeira de Virgílio Santa Rosa, para muitos estudos, é a determinação classista do movimento dos tenentes a mais acentuada, pois seria que a esse movimento foi atribuída a condição de representantes ou porta-vozes dos setores médios, inconformados com a sua exclusão do jogo político e supostamente aliados aos segmentos industrialistas.

A segunda posição seria como aponta Bóris Fausto, que aponta ter sido justamente a intervenção do grupo (os tenentes) no aparelho do Estado que lhe possibilitou refletir, no conjunto, a crise do regime e do sistema de dominação, assim uma dimensão mais funcional do movimento. A terceira posição que concilia ambas as dimensões citadas acima, analisa o movimento na avaliação de seu significado e desdobramento.

Nesse sentido Sonia Regina (1996), percebe que nas três posições existe um fator coerente que seria:

o tenentismo teria produzido, inquestionavelmente, uma inflexão na vida política brasileira, deixando uma marca que persistiu depois de seu próprio desaparecimento enquanto movimento organizado: a incorporação do uso da violência enquanto instrumento político, se aliando ao exercício do papel arbitral e “purificador” do Exército na defesa e manutenção do(s) regime(s) (MENDONÇA, 1996, p.259).

Os portadores de um ideário altamente elitista, os tenentes apresentaram um programa com características autoritárias e nacionalistas, defendendo a maior centralização do Estado, a uniformização legislativa e o ataque à oligarquia paulista, o que poderia parecer a princípio, muito atraente aos outros segmentos oligárquicos dissidentes. Com relação às camadas urbanas, por um lado, o tenentismo se apresentava como a esperança de alteração da ordem vigente, por outro, ao se auto-identificarem como o agente da “salvação nacional” em nome e no lugar do “povo inerte” deixa transparecer as razões de sua precária vinculação com os setores populares.

Contudo, quando o movimento ultrapassa, em 1925 os limites urbanos em uma longa marcha pelo interior do país (24.000 Km), conhecida como Coluna Prestes, os segmentos oligárquicos logo se realinharam garantindo, ao candidato governista eleito, efetivo prestígio (MENDONÇA, 1996, p. 259).

Após essa análise sobre o papel dos militares durante a Primeira República passaremos ao próximo capítulo para à discussão sobre a luta da integração nacional do Estado de Goiás nas páginas da revista. Enfim após todas a teoria cietificistas que tem entrada no Brasil na década de 1870, a reflexão sobre a construção de um Brasil moderno, apresenta uma nova possibilidade, deixa de condenar a miscigenação dos brasileiros e resgata um novo e forte elemento o sertão e o sertanejo.

CAPÍTULO II

A LUTA PELA INTEGRAÇÃO NACIONAL NA REVISTA A INFORMAÇÃO GOYANA

2.1. REDESCOBRINDO O SERTÃO:

Nas primeiras décadas do século XX, foram organizadas comemorações relacionadas ao centenário de independências em muitos países da América Latina. Essas comemorações resultaram em ensaios e reflexões em torno dos problemas nacionais e uma busca de soluções para eles, sendo assim houve, uma tentativa de revisão das identidades nacionais, uma busca calcada em novas bases, de recuperar as origens e valorizar a cultura popular e as tradições (CAPELATO, 2005. p.260).

No caso do Brasil, a partir da independência a preocupação com a caracterização da nação como um corpo independente, separado da metrópole, tendo uma história própria passou a ser uma das prioridades tanto do governo quanto dos intelectuais. Estabeleceu-se um duplo confronto, primeiro, entre a nação recém – constituída, no caso do Brasil uma república que nascia, frente ao mundo civilizado e segundo, entre essa nação que nascia e o estabelecimento de uma identidade própria (NAXARA,1992, p.181). Assim, na busca de um Brasil moderno, a questão da constituição de uma identidade nacional se torna importante.

Ao contrário do período anterior, ou seja, entre 1870 até 1920, as décadas de 20 e 30 vão se caracterizar, no Brasil por uma busca da “identidade nacional” calcada sobre a afirmação da “força nativa”, o momento era assim de “descoberta ou redescoberta do Brasil” (HERSCHMANN e PEREIRA, 1994, p.29).

Os anos de 20 e 30 vão se configurar nesse sentido, como um momento de redefinição político - econômico, assim como também cultural. Na busca de um “Brasil Moderno”, os intelectuais da época⁴⁴ vão discutir o tema da “identidade nacional” para

⁴⁴ Aqui podemos incluir os participantes da Semana de Arte Moderna em 1922, como, Villa-Lobos, Menotti Del Picchia, Anita Malfatti, Mario de Andrade entre muitos outros. Esse movimento ocupa um lugar importante na história da cultura brasileira, e pode ser encarado como um dos pontos de partida para a reflexão de um Brasil moderno, pautado na identidade nacional que busca seu sentido no Brasil e nos

responder a pergunta central “que país é esse?” Resultando daí vários discursos de correntes diferentes, como médicos, engenheiro e educadores que procuram saídas para o desenvolvimento nacional. ” (HERSCHMANN e PEREIRA, 1994, p.31).

Herschmann e Pereira trazem ainda uma rápida seleção dos acontecimentos marcantes nos anos de 20 a 30 para demonstrar as transformações que o país passou nessas décadas e como foi o impacto dessas mudanças. O que nos interessa aqui mostrar por se tratar dos cenários intelectuais, culturais e político em que a *Informação Goyana* surge. Momento que aos poucos as evidências de um ideal de um “Brasil Moderno”, vai se tornando mais claro fazendo com que, “*os intelectuais explicitassem suas posições nas tensões dos debates ideológicos que se acirravam*”. (HERSCHMANN e PEREIRA, 1994, p.35).

Começando com 1918 temos o momento em que os anarquistas tentaram pôr em prática um plano para tomar o poder no Rio de Janeiro, e foram combatidos e reprimidos pela polícia. A reação a esse plano também foi sentida na lei promulgada que regulava a repressão ao anarquismo, tema recorrente nas próximas décadas que se seguiram no Brasil. Em seguida, Herschmann e Pereira (1994) voltam à década de 1920, para citar a inauguração da Universidade do Rio de Janeiro primeira instituição que reunia todas as escolas isoladas existentes desde o século XIX. Já em 1922, temos:

dois eventos importantes: a Semana de Arte Moderna e a fundação do Partido Comunista, em 1924, Graça Aranha escandaliza a Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, com a conferência “O Espírito Moderno” enquanto Oswald de Andrade publica o “Manifesto paulista”. Em 1925, a Coluna Prestes inicia sua marcha pelo Brasil em 1926, é fundada a Federação das Indústrias de São Paulo; em 1927, é declarada a ilegalidade do Partido-Comunista. No final da década, em 1928, aparecem três textos fundamentais: “Manifesto Antropofágico”, Oswald de Andrade, Macunaíma, Mário de Andrade e o Retrato do Brasil, Paulo Prado (HERSCHMANN e PEREIRA, 1994, p.35).

Esses textos foram fundamentais segundo os autores por sintetizarem o clima intelectual vivido na época. A noção de antropofagia apoiava-se na metáfora da “devoração” dos elementos da colonização para uma resistência cultural da “força nativa”. Nesse sentido, explicita uma tentativa de resposta à questão da “identidade cultural/nacional” de um país colonizado que procura se afirmar diante das grandes metrópoles e de si mesma.

proprios brasileiros (HERSCHMANN e PEREIRA, 1994, p.33).

Na década de 1930, Herschmann e Pereira (1994) enfatizam que esse é o período de institucionalização do “ideário moderno”. Com a Revolução de 1930 se dá a construção de um arcabouço institucional para as ideias modernas, ou seja, o momento era de institucionalizar as ideias modernas nos vários “lugares”, socialmente disponíveis e isso acontecia na medida em que se acirrava uma onda crescente de autoritarismo, assim, uma nova regra, um novo jogo de comportamentos “modernos” tomava corpo seguindo os acontecimentos, cronologicamente, na década de 1930,

Luiz Carlos Prestes lança manifesto de adesão ao comunismo, enquanto, em outubro, com a Revolução, Getúlio Vargas é nomeado Chefe do Governo Provisório, em 1933, Gilberto Freyre lança Casa grande & senzala, ensaio até hoje polêmico que vinha inverter ou pelo menos transformar boa parte da imagem que os intelectuais dentro e fora do Brasil, tinham sobre o país, em 1934, o mesmo Freyre realiza o I Congresso Afro-Brasileiro e Arthur Ramos publica dois trabalhos importantes: O negro brasileiro/etnografia religiosa e Psicanálise e psiquiatria (HERSCHMANN e PEREIRA, 1994, p.36).

Chegando á proclamação do Estado Novo em 1937, os autores ressaltam que, essa nova situação política vai colocar a claro o modo de como no Brasil se daria modernização. Alguns aspectos levantados são o autoritarismo, a exclusão dos segmentos sociais, a prevalência do Estado sobre a sociedade civil, a fragilidade da noção de cidadania, tudo isso, aliado a um discurso fortemente ufanista, “consolidava” uma aliança, nem sempre igualmente vantajosa para todas as partes, entre o Estado, o “povo” e os diferentes intelectuais. Associando no Brasil, assim, a construção de uma nação “moderna” com a prevalencia do Estado autoritário, isto é, inibidor dos espaços da sociedade civil e da cidadania.(HERSCHMANN e PEREIRA, 1994, p.37).

Nesse ambiente, os intelectuais goianos editaram no Rio de Janeiro *A Informação Goyana*, capital federal e lugar de efervescência desse ideal de um Brasil moderno. Esses personagens históricos pretendiam também integrar Goiás nessa reflexão e nesta busca identitária, sendo que inseridos nesse contexto passam a repensar as terras goianas e suas representações externamente (para o país), e internamente (para os próprios goianos).

Nessa perspectiva entendemos que a identidade é relacional, pois depende, para existir, de algo exterior a ela, de uma outra identidade que ela não é, mas que fornece algumas condições para sua existência. Assim a constituição identitária é marcada pela diferença, sendo esta tratada com menor ou maior importância, dependendo do lugar ou

do momento em particular. A identidade é dessa forma marcada pela diferença e sua construção é tanto simbólica quanto social (WOODWARD, 2000, p.10).

Percebemos assim que esse grupo de goianos direcionam o seu olhar para Goiás e se questionam sobre a identidade de sua terra natal e de sua gente, quando se encontravam em um local diferente, a capital federal, referência de modernidade e desenvolvimento, para o país. Esse local escolhido para estudar e morar vai influenciar diretamente em uma nova forma de pensar e representar o seu Estado de origem. Enfim, é fora de “casa” em um lugar “estrangeiro”, que se tem o contato com o “outro”, o diferente, onde as identidades afloram e são reafirmadas, e ao mesmo tempo reelaboradas.(SILVA; HALL; WOODWARD; 2000).

Ressalta-se aqui que, *A Informação Goyana* surgiu em 1917 as portas da década de 1920, momento esse que já apresentava acontecimentos importantes, para o século XX. O fim da Primeira Guerra, em 1918, conflito que teve importante repercussão no Brasil e os preparativos para a comemoração do Centenário da Independência, que reaviva estudos e análises dos problemas que a sociedade brasileira enfrentava. Enfim, um momento de preocupação com os rumos da nação, e que tipo de “Brasil Moderno” se pretendia ter passa pela questão de qual é a identidade ou as várias identidades dos brasileiros. Essa questão foi assim pensada por diferentes ramos intelectuais, culturais e profissionais como médicos, engenheiros, educadores, artistas, militares entre outros.

Nesse cenário um importante traço do ambiente intelectual das primeiras décadas do século XX, surgiu: o confronto entre sertão e litoral. A relação região-nação é reveladora de um tipo de pensamento que pretende difundir as tradições populares, fixando no interior a ideia de nacionalidade. O esforço de parte da elite intelectual goiano em defender as riquezas de seu estado e de conferir importância aos estados interioranos é parte de uma estratégia política na qual pede-se a inclusão dessas regiões no espaço econômico e político da nação. O sentimento de pertencimento à coletividade nacional dilui-se frente às precárias condições de vida da gente goiana (SANDES, 2000, p.117).

É importante a discussão da relação entre Sertão e Litoral, traçada especialmente nessas primeiras décadas da república brasileira, tema que vai perpassar de maneira explícita e implícita as páginas da *Informação Goyana*, desde o seu primeiro número ao último. Nísia Trindade Lima (1998) analisando a trajetória do conceito de sertão nos mostra que, no século XIX, a definição mais corrente para sertão era a que o

identificava às áreas despovoadas do interior do Brasil. Assim duas conotações eram localizadas no período primeiro a que associava à área ao semi-árido do Nordeste brasileiro, segundo, que prioriza a atividade econômica e os padrões de sociabilidade, aproximando o sertão à civilização do couro (LIMA, 1998, p.165).

Segundo a autora a força dos elementos naturais a simbiose entre o homem sertanejo e a natureza, com seus segredos, são encontrados na narrativa de Euclides da Cunha, e ao mesmo tempo nos textos-relatórios das expedições científicas de Rondon (1915) e dos cientistas do Instituto Oswaldo Cruz (CHAGAS, 1908,1913; CRUZ, 1909; PENNA e NEIVA; 1912).⁴⁵

Continuando sua análise, Lima ainda destaca que o mito do sertão como espaço vazio encobriria nessa expectativa, a natureza de um mundo que experimentava as consequências do isolamento físico e social uma espécie de “rebelião permanente” como marca constitutiva do sertão (LIMA, 1998, p.167).

Nesse sentido, Lúcia Lippi Oliveira (1998) nos esclarece que o lugar geográfico ou social identificado como sertão vem sempre imbuído ora com aspectos positivos, ora com aspectos negativos, em que essa definição abrange traços culturais. Dentro desses traços temos as seguintes definições: região, agreste, semi-árida, longe do litoral, distante do litoral, distante de povoações ou de terras cultivadas, pouco povoadas e onde predomina as tradições e os costumes antigos. Ainda mais, lugares inóspitos, desconhecidos, que proporcionam uma vida difícil, mas, é habitado por pessoas fortes, e essa força é relacionada com a capacidade que essas pessoas têm em interagir com a natureza, um herói sertanejo que sobrevive a adversidades. Além disso, aparece a idéia de que existem muitos sertões, não só um e que o sertão pode e deve ser tomado como metáfora do Brasil (OLIVEIRA, 1998, p.197).

Sendo assim, a autora ainda mostra que existem duas perspectivas na conotação do sertão quando se trata do seu espaço geográfico e seus habitantes. Portanto, na tradição romântica, o sertanejo aparece como símbolo da nacionalidade,

⁴⁵ Em uma sequência cronológica temos, alguns exemplos das expedições do Instituto Oswaldo Cruz: Em 1908 Carlos Chagas e Belisário Penna, realizam uma expedição pelo norte de Minas Gerais entre Lassance e Pirapora, com o objetivo de promover a profilaxia antimalárica e pesquisar sobre a fauna visando o estudo da nosologia da região, ocorrendo aqui a descoberta da doença de Chagas. De outubro de 1912 a março de 1913, Carlos Chagas percorre com João Pedroso e Pacheco Leão o Vale do Amazonas, com o objetivo de fazer estudos médicos visando o desenvolvimento da região. Em 1909 Oswaldo Cruz realiza uma expedição no Vale do Rio Madeira para promover a profilaxia antimalárica. Arthur Neiva e Belisário Penna, entre março e julho de 1912, percorreram o norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e norte e sul de Goiás, com o objetivo de fazer um estudo sobre o quadro sanitário e das condições de vida e de trabalho das populações locais. Pesquisou também sobre a fauna e a flora da região, com ênfase no interesse médico.(LIMA, 1998, p.186).

resultado de seu admirável modo de vida, caracterizado pela destreza e simplicidade. Nesse julgamento positivo⁴⁶ aparece assim a natureza e organização social do sertanejo se opondo à vida degredada e corrompida do litoral, isto é, das cidades. Já na perspectiva realista, a vida no sertão perde essa visão idealizada e passa a ser vista como um problema nacional, que se opõe à urbanidade do litoral. Nesse sentido, às luzes das visões científicas do fim do século XIX, as explicações raciais dão ao sertão o lugar da raça degenerada (OLIVEIRA, 1998, p.198).

Nessa linha de raciocínio temos um denominador comum para os vários significados da palavra sertão, ou seja, a ideia de distância em relação ao poder público e aos projetos modernizadores. Nesse sentido mostra que para os intelectuais - cientistas do primeiro período republicano - sertão integra o mesmo campo semântico de incorporação, progresso, civilização e conquista. Partindo desse pensamento o sertão é então encarado por um lado um dos pólos do dualismo que contrapõe o atraso ao moderno e é analisado como o espaço que domina a natureza e a barbárie. No outro lado, o litoral é visto como o espaço da civilização e da modernidade (LIMA, 1998, p. 168).

Assim o dualismo Sertão-Litoral apresenta segundo a autora duas faces. Em primeiro lugar, aquela em que é representado negativamente no qual o sertão é identificado como a resistência ao moderno e o civilizado. O segundo se inverte, ou seja, o litoral é apresentado como sinônimo de inautenticidade, enquanto antítese da nação. Dessa forma os que valorizam ou trabalham de forma ambivalente o sertão, o percebem como a possibilidades do desenvolvimento de uma autêntica consciência nacional (LIMA, 1998, p.167). Não é por acaso que a revista aqui analisada se denomina como: *“Revista mensal, ilustrada e informativa das possibilidades econômicas do Brasil Central” (A Informação Goyana, 17 de agosto de 1917, p.10).*

Em junho de 1920, temos na *Informação Goyana*, a publicação de um discurso de Ruy Barbosa, proferido por ele em uma conferência sobre o “sertão bahiano” e de uma forma geral ao sertão brasileiro e seus habitantes. O artigo intitulado *Pelo “Hinterland”* nos aponta linhas de pensamento com a qual a revista vai projetar, o sertão brasileiro, seus habitantes e sua importância para a construção de uma nação moderna ilustrada nesse número, pela opinião de Ruy Barbosa.

O artigo está dividido em três partes, na primeira Ruy Barbosa trata da bravura do homem do sertão diante da natureza selvagem e hostil, na segunda ele descreve

⁴⁶ Positivo neste sentido significa uma visão assim, otimista e romantica sobre o sertão brasileiro.

algumas cenas da vida sertaneja que considera importantes para demonstrar a “bravura” e a “doçura” de sua gente, definindo aí o que é sertão e por último conclama a volta ao sertão e suas fontes genuínas do Brasil. Nesse sentido começa apresentando o sertanejo como aquele que:

Em si mesmo a trazia de seu berço, da sua história, das suas tradições, da essência do seu ser. Estirpe de bravos, de soffredores, de obreiros incansáveis de lidadores sem pavor, reúne-se a índole dos justos a tempera dos leões. Tremenda luta com a natureza adquiriu a raiz das virtudes, em que se orlam os povos de cidadãos. Recebeu do meio agreste e hostil a couraça da intrepidez moral.⁴⁷

Observe que Ruy Barbosa trata o homem sertanejo em uma das perspectivas, que Oliveira (1998) reconhece para se representar o sertão. Dessa forma o interior é considerado como um lugar inóspito desconhecido, o que resulta em uma vida difícil, entretanto, é habitado por pessoas fortes, capazes de interagir com a natureza, um herói sertanejo que sobrevive a adversidades e traz consigo características ou virtudes importantes para formar um cidadão como a “bravura e a moral” (OLIVEIRA, 1998, p. 198).

Ademais, Ruy Barbosa ao discorrer sobre a influência que o litoral com toda a sua civilidade traz para o sertão, uma ação desastrosa que em nada ajuda a vida do sertanejo; como já foi anteriormente demonstrado, nasce em si próprio sua história, suas tradições e sua essência:

As influencias da nossa chamada civilização, que ocorrem do littoral para o interior, bem fora de cursarem alli como os sopros benignos do mar, como esses ventos alisados, refrigerantes das regiões intertropicaes, requeimam, esterilizam e devasta⁴⁸.

Para tanto o autor descreve cenas da vida sertaneja que, segundo ele, demonstra toda a hospitalidade, respeito das famílias que vivem no sertão reafirmando a sua constituição moral, essas cenas cotidianas exalam assim:

um aroma de suavidade, uma expressão de entusiasmo, de fé, de reconditas virtudes, aspirações ardentes e candidas esperanças, que só uma sociedade transbordante de harmonia moral seriam concebidos.⁴⁹

⁴⁷ *A Informação Goyana, junho de 1920, p.504.*

⁴⁸ *A Informação Goyana, junho de 1920, p.504.*

⁴⁹ *A Informação Goyana, junho de 1920, p.504.*

E define dessa forma, o sertão como:

O sertão, senhores, é isso; uma resistencia invencivel a tudo, uma vitalidade a tudo superior, o conjuncto de todas as condições nas quaes se revelam a bondade prestimosa e a força bemfazente. Elegantes da flora sertaneja, fies alegorias de uma região e de uma raça; indiferença ás intemperies, a resignação nos trabalhos, a benevolencia no vigor, a firmeza no sentimentos⁵⁰.

Essa definição realista das dificuldades de se viver no sertão e o abandono institucional que se encontrava seus habitantes, e ao mesmo tempo a visão romântica do sertanejo como símbolo da nacionalidade brasileira resultado de seu admirável modo de vida, caracterizado pela destreza, simplicidade e pelos seus sentimentos morais. Em seu artigo Ruy Barbosa chama assim seus ouvintes e leitores a voltar rumo ao sertão, para conhecer o próprio Brasil, demonstrando seu sentimento ao penetrar nessas regiões interioranas, o autor descreve que:

(...) ao penetrar nessas regiões, cuja originalidade não se deixa perceber aos que lhe não chegam ao contacto, no mesmo ponto, me senti suspenso e transportado, tive, no mesmo ponto, a intuição de que me encontrava com alguma coisa para mim, nova em minha terra: A força, Senhores, sim, a grande Força, não a Força da grosseria, mas a Força da Creação e da Belleza, a Força na innocencia e divindade, o poder em summa, de querer o bem e vencer o mal.⁵¹

Nessa perspectiva, o sertão é aqui concebido como potencialidades, que deve ser retomado para se encontrar o brasileiro e sua identidade. O elemento dessa identidade encontrado no sertão é a “Força”, do sertanejo. A sua força criativa e mais ainda produtiva ao lidar com a natureza difícil que o circunda.

Assim o teor das ideias divulgadas pela revista possibilita perceber a estreita ligação com esse cenário nacional. Demonstrando e divulgando os atributos do *Brasil – Central* e simultaneamente discutindo as possibilidades de explorá-los, esse grupo de intelectuais esperava convencer as autoridades políticas, os homens de negócios e os “sábios” do país que Goiás tinha grande potencialidade e um importante papel na construção da nacionalidade brasileira.

⁵⁰ *A Informação Goyana, junho de 1920, p.504.*

⁵¹ *A Informação Goyana, junho de 1920, p. 504.*

A construção da nacionalidade segundo os intelectuais de *A Informação Goyana*, passaria necessariamente pela superação das distâncias que separavam o *Brazil Central* do litoral. Assim, para a construção de uma unidade nacional, seria necessária a ampliação dos meios de transportes e comunicação modernos, integrando definitivamente o Brasil-Central aos centros dinâmicos da economia. Não se tratava de adicionar o sertão ao litoral, mas de articular com maior dinamismo e vigor, o sertão e o litoral, recriando sobre novas bases o Brasil Moderno.

Nas primeiras décadas do século XX, chega a Goiás os trilhos da Estrada de Ferro Goyaz,⁵² (paralisada na estação de Roncador desde 1914), um dos principais temas abordados pela revista se referia ao prolongamento da estrada de ferro. Na estréia modernizadora do Brasil a revista vem com um dos ícones da modernidade, encampa a luta pelos transportes rodoviários e fluviais (a possibilidade de navegação pelos rios Araguaia e Tocantins), motivada pela compreensão de sua importância econômica. A partir de 1917 *A Informação Goyana* tornou-se, dessa forma, foco mais ativo da luta pela ferrovia. Seus escritores abraçaram essa ideia e a transformaram em campanha, expressando-a nas páginas da revista e fazendo-a circular, lutando para imprimir maior dinamismo à sua concretização (BORGES, 1990, p.20).

A revista noticiou, ao longo dos anos, a multiplicação das empresas de transporte rodoviário, de carga e de passageiros, quase inteiramente assumida por homens de negócios de Goiás, bem como a abertura de estradas, a construção de pontes, a fundação de empresas de transportes e linhas postais, entre outros. Isso para demonstrar que havia em Goiás uma predisposição para o progresso (BORGES, 1990, p. 22).

Um exemplo é o artigo publicado em 15 de outubro de 1917, por Ayres da Silva, intitulado “O Problema do Transporte”. O articulista enfatiza que: “*Si um problema existe que sobre todos os outros, deve merecer a atenção, não já dos goyanos, mas dos brasileiros em geral, este problema é o de transporte*”.⁵³ Argumenta dessa forma, que não é um problema exclusivamente goiano. O Brasil como um todo e especificamente Goiás, tem incontáveis riquezas para contribuir no desenvolvimento do país, contudo, os meios de transporte se configuram em um problema. Para além, as possibilidades que existiam não eram devidamente exploradas pelo governo federal e pela falta de investimento, um exemplo claro que Ayres Silva, além da falta de estudo e

⁵² BORGES, Barsanufu.G. *O despertar dos dormentes: estudo sobre a Estrada de Ferro de Goiás e seu papel nas transformações das estruturas regionais: 1909-1992*. Goiânia: Ed UFG 1990.

⁵³ *A Informação Goyana*, 15 de outubro de 1917, p.55

investimento nos rios Araguaia e Tocantins, que poderiam se transformar em um importante meio de transporte.

Enfim, essa questão dos meios de transporte se mostra muito importante durante todos os anos da existência da revista. E nos remete à questão do abandono e do isolamento do estado de Goiás. Isolamento físico que se confundia com isolamento político e cultural e, além disso, reafirmava a aparência de uma região atrasada⁵⁴. Nesse sentido, a representação de Goiás vinculada pela *A Informação Goyana*, se contrapõe a esse estigma do atraso. É nesse intuito, que passaremos as questões sobre esse novo olhar, ou melhor, essas novas formas de representar o sertão brasileiro, para contribuir com a constituição de uma nacionalidade.

2.2- O SERTÃO E O LITORAL: UMA NOVA NAÇÃO.

O debate sobre a identidade nacional ocupou um lugar privilegiado no Brasil da Primeira República, como já observamos algumas correntes de reflexão sobre a questão surgiram, as vertentes influenciadas pelas teorias raciais, que indicavam como possível solução, por exemplo, para uma nação supostamente condenada pela mistura de “raças”, um programa intenso de imigração. Nessa perspectiva a solução favorável para a nação brasileira, seria no limite a substituição da população, ou seja, o sangue novo, “sangue bom”, permitiria aos brasileiros redimir-se e purificar-se da contaminação de raças supostamente inferiores, tratava-se de “branquear” a população, isto é, o *Whiteing* ideal (LIMA; HOCHMAN, 1996; SKIDMORE, 1974).

Nesse contexto, seguir a risca as determinações ou constatações dessas teorias deterministas seria reconhecer o total fracasso e a inviabilização da nação brasileira. Dessa forma a produção intelectual no Brasil necessitava encontrar meios de reconstrução do discurso sobre a nacionalidade, isto é, conceber um Brasil viável, dentro da multiplicidade de tipos raciais e culturais e da diversidade de origens (SOUZA, 1997, p.95).

⁵⁴ Na análise da ideia de atraso, temos dois trabalhos fundamentais, primeiro a obra do sociólogo Itami Campos (2003), *Coronelismo em Goiás*, na qual se apresentam os principais pontos que envolvem a construção da tese do atraso goiano. Segundo, o contraponto com a tese Nasr Nagib Fayad Chaul, *Caminhos de Goiás da Construção da Decadência aos limites da modernidade*. Na qual o autor procura desconstruir a tese do atraso, chamando a atenção para o fato de que, “*embora com significados distintos, os termos decadência e atraso continuaram a dar a tônica na explicação político - econômica que vem caracterizando a análise da história regional*” (CHAUL, 1995, p.129).

Nesse cenário o sertão aparece e passa a ser percebido com um novo olhar, com a obra “Os Sertões”, de Euclides da Cunha⁵⁵, que será uns dos pioneiros primeiros a apontar novos caminhos para a nação brasileira. Texto clássico e identificado em muitas obras como marco inicial da constituição de um argumento sociológico sobre o Brasil, *Os Sertões*, pode ser lido segundo Nísia Trindade Lima (1998), como uma viagem cuja origem estaria no Rio de Janeiro da *Bélla Époque*.

O dualismo litoral/interior poderia encontrar uma nova representação geográfica na posição entre a rua do Ouvidor - com suas livrarias, cafés e muito do que Euclides da Cunha considerava expressão de uma civilização copista - e o sertão de Canudos, ambiente caracterizado pela supremacia da natureza sobre o homem, pela quase impenetrabilidade da caatinga e pela autenticidade da nação. Assim, na perspectiva euclidiana segundo a autora, torna-se positivo e necessário para a “civilização do litoral” o projeto de incorporação efetiva do interior à construção do Estado nacional no Brasil (LIMA, 1998, p.168).

Para Euclides da Cunha, a questão não se refere apenas a distância espacial, entre os dois mundos, mas principalmente entre a distância temporal e essa distância colocaria em risco a nacionalidade. Para propor e pensar o encontro entre o litoral e o sertão, dois mundos totalmente, separados e indiferentes um do outro, Euclides teria que superar o dilema derivado das teorias raciais deterministas do seu tempo.

A prioridade para o progresso civilizatório não seria a homogeneidade étnica, mas o importante seria colocar lado a lado o sertão e o litoral unificando os dois tempos, isto é, os ritmos civilizatórios. Assim em sua obra Euclides inverte a compreensão do sertão do seu tempo. O sertanejo é representado como o retrógrado e não o degenerado. Seu atraso se deve ao abandono a que foi relegado e não aos condicionamentos e determinações de ordem genética (OLIVEIRA, 1998, p. 200-201).

Nesse sentido, a consciência de que o distanciamento entre o sertão e o litoral comprometeria a constituição da nação brasileira, reflete nos estudos sociográficos que atestam as reflexões de Euclides da Cunha. Assim se articulam campanhas que recomendam o maior conhecimento do Brasil. O discurso é de elaborar medidas que levem ao projeto pelo qual a civilização chegaria em todo espaço nacional, incluindo o interior. Dessa forma, os meios de civilização são nomeados, seus resultados antecipados e a situação projetada com confiança (SOUZA, 1997, p.102).

⁵⁵ CUNHA, Euclides. *Os Sertões: campanha de Canudos*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

Nessa perspectiva, o projeto de nação desenvolvido pela sociografia da época, desejava um único país estendido em todo espaço nacional. Ou seja, um só Brasil, nem sertão e nem litoral, mas a integração de ambos compondo as bases da nacionalidade que estava por nascer. Desse modo, na busca de um só Brasil:

Ou seja, o litoral vai ao sertão para encontrar a fonte verdadeira da nacionalidade. No caminho para o hinterlândia, deixa os sinais de impureza e contaminações adquiridos na exposição a tudo que é o não-Brasil. Por sua vez, o sertão, que lá já está, não sofre o deslocamento espacial, mas ao receber a chegada do mundo litorâneo abandona seu estado de atraso e primitivismo e passa a integrar a civilização...a civilização do sertão e a nacionalização da marinha vão ter, como resultante, uma civilização propriamente brasileira, autêntica no contato depurador com a “realidade nacional” (SOUZA, 1997, p. 107).

Nesse sentido, *A Informação Goyana*, em geral, traz em cada número, a representação de Goiás construída por meio de suas possibilidades econômicas, culturais e sociais, isso se justifica porque o interesse maior desse grupo de intelectuais goianos era projetar um conjunto de representações positivas, sobre o sertão goiano. A respeito das possibilidades econômicas procura representar as regiões tanto no sul, sudeste e norte do Estado. Apresenta os produtos comerciais dos municípios, e tudo aquilo que pode ser comercializado como suas riquezas naturais. A revista procura dessa maneira, representar Goiás de uma forma dinâmica que se encontraria pronta para ser inserida no mercado capitalista, do litoral e de contribuir com a nacionalidade brasileira.

A exemplo disso, Hugo de Carvalho Ramos, escreve no número de 15 de outubro de 1918, sobre o interior de Goiás, apontando os elementos que para ele já eram representativos do sertão goiano:

Sertão. O que seja. Salubridade geral. A cultura do mato-grosso. A roça. A fazenda. Typos Locaes. Matutos de beira de estrada e caipiras. Roceiros e sertanejos. Diferenças. Variedades. Elementos ethnicos: fixos, instaveis. O estudo do meio; como se faz e como de vera ser feita - A crença. Fatores mesologicos de vida. Sua influencia. Derimentes. A Lavoura. Seu atrazo. Considerações finais- O sertanejo é um forte.⁵⁶

O que se observa no trecho acima é que ao representar o sertão, Hugo de Carvalho Ramos, elege elementos que contribuem na projeção do sertão goiano como um lugar promissor. Não deixa de observar um *certo atraso*, mas o autor termina sua definição evidenciando o que o sertão goiano teria de mais importante. Desse modo

Hugo Carvalho demonstra que o sertão é constituído principalmente do sertanejo que teria como característica maior a força. Essa característica foi assim ressaltada pela primeira vez por Euclídes da Cunha, na sua obra *Os Sertões*, ao mencionar que o sertanejo é antes de tudo um forte que sobrevive sobre as adversidades naturais do sertão.

Nessa representação do sertão e do sertanejo goiano, podemos perceber também a questão da identidade, lembrando que a produção das identidades estão estreitamente ligadas aos sistemas de representação (WOODWARD, 2000, p. 18). Nessa perspectiva de, Hugo de Carvalho Ramos deixa evidente as variadas formas de se pensar o sertão e as múltiplas identidades do próprio sertanejo, contudo, dentro dessa diferença um elemento constitui a unidade e a identificação que seria a força (HALL, 2001, p. 13).

Candice Vidal Souza (1997), ainda acrescenta que esse encontro com o interior longe de ser uma parceria cooperativa e tranquila, entre o povo do litoral e do sertão, ao contrário se encontra relatos de invasão. Isto é, as ações de emergência para salvar as nacionalidades, são operadas de forma unilateral. Assim, do litoral parte as decisões de modificar o Brasil, com a apropriação de elementos que consideram “bons” no sertão. (SOUZA, 1997, p. 108).

As missões civilizatórias da República se associam assim ao projeto de incorporar os sertões à nacionalidade brasileira. Resultado desse movimento de valorização do interior do Brasil, o sertão era encarado enquanto espaço a ser incorporado ao esforço das elites políticas do país, como referência da autenticidade nacional. Nísia Trindade Lima, mostra que datam desse período importantes expedições ao interior, como as de Cândido Rondon, as da Comissão Geológica em São Paulo, a do astrônomo Louis Cruls em 1892 ao Planalto Central visando a mudança da capital federal e as expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz (LIMA, 1998, p.178).

Assim, essas viagens ao interior do Brasil, são vistas como missões civilizatórias, posto que, o desbravamento do sertão se configurou em um movimento oficial de delimitação de fronteiras, saneamento, a utilização de recursos naturais, povoamento e integração econômica e política. No *Brazil-Central*, podemos identificar a expedição científica realizada por Arthur Neiva e Belizario Penna, ao norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e norte a sul de Goiás. Vinculados ao Instituto Oswaldo Cruz, essa viagem foi feita de janeiro a outubro de 1912 e tinha como objetivo estudar o quadro sanitário das condições de vida e trabalho das populações locais.

Visava também a pesquisa da flora e fauna da região, com ênfase em seus interesses médicos. (LIMA, 1998, p.181).

Isso posto, temos na *Informação Goyana*, algumas matérias referentes a essa expedição. Ademais, com objetivo de representar imagens positivas do sertão de Goiás, encontra-se na referida revista, artigos que se dedicam a refutar, por meio de estudos científicos, informações e os fatos que seus colaboradores e escritores consideraram injustos publicados sobre o Estado de Goiás em livros e na própria imprensa.

O artigo escrito por Henrique Silva publicado por duas vezes, primeiro em fevereiro de 1918, com o título “*A VERDADE SEMPRE APPARECE*” e o segundo em novembro de 1933, com o título “*O INTERIOR DO BRASIL É UM VASTO HOSPITAL...*”, são exemplos de como a *Informação Goyana*, se manifestou a respeito dessa expedição científica no *Brazil-Central*. Nas duas matérias o autor refuta uma reportagem de dezembro de 1916, publicada no periódico carioca *Correio da Manhã*, em 1933, expondo as afirmações, feitas por tal periódico:

Em Dezembro de 1916, o Correio da Manhã affirmava que estaríamos em mãos lenções, se a capital do Brasil viesse um dia a ser localizada na área do planalto central, conforme deliberaram os legisladores constituintes. E acrescentava que as notabilidades científicas de Manguinhos acabavam de lá encontrar o paludismo, a leishmaniose, a molestia de Chagas e outras enfermidades perigosas.⁵⁷

As afirmações feitas pelo impresso carioca, diz respeito ao relatório produzido pelos médicos Belizário Penna e Neiva, sobre as regiões que passou, informações essas errôneas de acordo como o diretor da revista goiana, sobre Goiás e o *Brazil-Central* como um todo:

O director desta revista teve então oportunidade de endereçar áquelle matutino uma carta, no mesmo dia, contestando em termos serenos e dizendo que nenhum medico de Maguinhos fizera pesquisa na área dos 14.400 Kilometros quadrados demarcados pela Comissão Cruls para o futuro Districto Federal da Republica.

Publicada a carta, junto a redação do Correio que o missivista laborava em grave erro, pois os Drs. Arthur Neiva e Belisario Penna lá estiveram em comissão do Instituto de Manguinhos.

Em nova carta, o nosso director provou que esses emissarios do Instituto de Maguinhos nem ao menos avistaram terras do perimetro demarcado para nella se fundar a nova capital do Brasil - provando o que asseverava.

Mas não demorou a vir á lume nas “Memorias do Instituto Oswaldo Cruz”, a tão sensacional Viagem scientifica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauhy e de norte a sul de Goyaz, pelos Drs. Arthur Neiva e Belizario Penna - para confirmar de vez que elles nem se quer avistaram as lindes da área demarcada pela Comissão Cruls.⁵⁸

⁵⁷ *A Informação Goyana*, novembro de 1933, p.1785.

⁵⁸ *A Informação Goyana*, novembro de 1933, p. 1785.

Henrique Silva se refere assim a troca de carta ou mesmo de acusações entre os dois periódicos, de um lado, o *Correio da Manhã* do chamado litoral do Brasil que construía representações sobre o interior do Brasil a partir de seu mundo considerado moderno e civilizado. Do outro lado, o diretor da *Informação Goyana*, mesmo escrevendo da Capital Federal, buscava construir um conjunto de representações diferentes daquela imagem do atraso, da doença e da improdutividade delegada ao sertão brasileiro.

As viagens científicas a que se refere, ocorreu pelo interior do Brasil, das quais participaram alguns importantes membros da Liga Pró-Saneamento. Percorreram durante sete meses uma extensa área em que predominavam regiões periodicamente assoladas pela seca. A expedição dirigida por Belisário Penna e Arthur Neiva realizou amplo levantamento das condições climáticas, socioeconômicas e nosológicas⁵⁹, fartamente documentadas através de registro fotográfico. Ao que parece, as áreas visitadas eram muito pouco e, em alguns casos, praticamente desconhecidas por naturalistas estrangeiros e brasileiros. O relatório, além de informações sobre clima, a fauna e flora, apresenta, em detalhes, as doenças que afetavam homens e atividade pecuária.(LIMA e HOCHMAN, 1996, p.256).

A principal referência dessa expedição foi à publicação *Viagem Científica pelo Norte da Bahia, Sudoeste de Pernambuco, Sul do Pará e de Norte a Sul de Goiás*, organizada pelo Instituto Oswaldo Cruz, em 1912, por solicitação da Inspetoria de Obras contra as Secas. A visão do País divulgada no documento é reproduzida numa série de artigos publicados por Belisário Penna no *Correio da Manhã* e no periódico oficial da Liga Pró-Saneamento, a revista *Saúde*. (LIMA e HOCHMAN, 1996, p.257). E para finalizar o artigo e confirmar o quanto estava equivocado *O Correio da Manhã*, sobre o estado sanitário do Brasil Central, Henrique Silva diz que:

Pesquisas científicas fizeram-se alli os componentes membros da Comissão Exploradora- medicos, higienistas, geologos, meteorologistas, botanicos, ecologistas, astronomicos, geographos, paleontologos estrangeiros e nacionaes - dos mais notaveis.

Os medicos não encontraram na zona Planaltina um só caso de paludismo, de leishmaniose, da molestia de Chagas, nem de nenhuma outra enfermidade perigosa; encontraram, sim-dois tuberculosos, um procedente aqui do Rio, ouro de São Paulo, que para lá foram em busca de melhoras, mercê daquelle clima saluberrimo.⁶⁰.

⁵⁹ Nosologia é o estudo das moléstias.

⁶⁰ *A Informação Goyana, novembro de 1933, p.1785.*

No relatório dos médicos Belisário Penna e Arthur Neiva, o argumento mais forte seria a ideia do abandono da população do “*Brazil-Central*”. O relatório descrevia dessa forma, uma população abandonada e esquecida caracterizada pelo tradicionalismo e a total ausência de identidade nacional. (LIMA & HOCHMAN, 1996, p. 258).

Nesse contexto é importante ressaltar a Campanha Sanitária⁶¹ iniciada em 1916, na qual foi criada a Liga Pró-Saneamento do Brasil. O ano de 1916 foi assim decisivo para o movimento da saúde pública no Brasil. É o ano de publicação dos relatórios de Belisário Penna e Arthur Neiva, a respeito da expedição realizada em 1912 e denunciava as péssimas condições de vida no interior do Brasil. A partir da publicação desse relatório, o movimento sanitário superou sua fase urbana, com uma nova bandeira do “saneamento dos sertões”. O trabalho desses, médicos permitiu as elites do litoral do Brasil ter uma visão das condições médico-sanitárias e sociais no sertão, evidenciando dessa forma, os problemas sociais e as relações injustas de trabalho. (SANTOS, 1985, p.07).

Nesse sentido, identificamos ainda na *A Informação Goyana*, artigos, escritos por médicos goianos, refutam a ideia de que o interior brasileiro era um vasto hospital. Outrossim, argumentam, que não são contra a Campanha de Saneamento dos Sertões, o que consideram uma necessidade para o bem estar de sua população, mas que a campanha será inútil se não atender ao maior problema do *sertão* brasileiro, que causa o isolamento e o abandono, a falta de meios de transportes e comunicação mais dinâmicos. Com essa questão do transporte resolvida não só as riquezas de Goiás circulariam, como também as noções de higiene e prevenção de enfermidades. Como demonstram os artigos que analisaremos a seguir.

Em 15 de julho de 1920 temos outro exemplo, em artigo intitulado “*POBRE GOAYZ*”, Henrique Silva refuta outra reportagem, como podemos observar:

⁶¹ Por volta de 1915, as políticas públicas na área da saúde ainda se limitavam às capitais e demais centros urbanos. O Interior do país, particularmente o sertão permanecia esquecido. Santos (1985) identifica assim dois momentos do Movimento Sanitarista no Brasil, o primeiro seria o urbano, dedica a erradicar as moléstias, a urbanizar de forma higiênica e moderna das cidades do litoral, Sidney Chalhoub (1996), mostra esse processo no seu livro, *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperia*. Assim, toma como ponto de partida a cidade do Rio de Janeiro e a demolição de seus cortiços, passando pelas polêmicas entre infeccionistas e contagionistas em torno da transmissão da febre amarela e pela resistência das comunidades que se negaram à vacina antivariólica. Gisele Sanglard (2008), ainda ressalta que em 1889, o advento da República alterou a organização das competências municipais e federal, dessa forma, o que até então cabia ao poder central, passou ser exercido pelo município, a exemplo temos as ações de Higiene urbana, ou seja, a preocupação da prefeitura do Rio de Janeiro no período, era de melhorar as condições sanitárias e embelezar a cidade. Nesse sentido, esse seria o primeiro momento que teria se iniciado, já no século XIX, já o segundo momento desse movimento vai tomar forma só em 1916 com as publicações de Penna e Neiva. (CHALHOUB, 1996; SANTOS, 1985; SANGLARD, 2008).

Ha pouco a generocidade de um amigo fez-nos chegar ás mãos um numero da Actualidade, periodico que se edita nesta Capital, e em que se deparam, sob o titulo- “A Campanha Sanitarista”, formidaveis conceitos depreciativos do pobre povo goyano. Ao ler o sub-titulo do artiguete que traz, letras de forma, a tetrica affirmativa de em que Goyaz “o numero de cretinos é tão grande que nos dá a impressão de um enorme manicomio”, instinctivamente brotou-nos do intimo d'alma um gesto de indignação e revolta e não foi possivel sopitar o pobre Goyaz, que se lê linhas acima.⁶²

Henrique Silva usa assim em seu discurso palavras que enfatizam sua indignidade diante do publicado pelo impresso carioca, o editor faz questão de tratar tal materia de forma irônica, desacreditando cada afirmação que em suas palavras o “artiguete” faz sobre Goiás. Desse modo depois de desacreditar o periodico carioca, passa a considerar o autor de tais “arrojadas proposições”, sobre o Estado.

Quem avança tão arrojadas proposições?

É um senhor joven medico, Mouras Nobres, que alli percorreu uns tres ou quatro municipios do sul, ganhou alguns contos de reis, segundo nos informaram e depois cá fóra, vem fazer figuração á custa dos goyanos como si aquillo fosse o mais indefensavel dos recantos deste paiz! Terá razão o moço medico?

No seu ligeiro informe não se encontram dados clinicos capazes de orientar quem lê suas arrojadas affirmativas. O articulista afirma sem base segura, o faz sem os necessarios fundamentos probatorios.⁶³

Mais uma vez em seu discurso, Henrique Silva passa a questionar de forma a desacreditar o próprio autor de tais afirmações, o médico Moura Nobre⁶⁴, e colocar em suspeita suas intenções e caráter. Continua assim seu artigo, usando a estratégia da comparação, entre as afirmações do “jovem médico e do renomado cientista Arthur Neiva”, a respeito de sua expedição divulgada e conhecida sobre a região. Utilizam nesse sentido, tais informações como provas científicas a favor de Goiás e de sua “*boa saúde*”, um discursso que se preocupa em projetar um conjunto de representações positivas sobre o Estado atentendo, dessa forma, o objetivo maior da revista de projetar o *Brazil-Central*:

Á falta de dados pessoas conducentes a estrear tão ousada proposições, não sabemos em quem nós devamos acreditar, si no moço Moura Nobre, indo a Goyaz tentar a vida e, depois de favores de toda a ordem alli recebidos, vindo desmoralisar esse bom povo cá fóra, si num Arthur Neiva, cientista de renome mundial e que alli perambulou numa missão especial e de nos dá conta em trabalho, já hoje do dominio publico. Enquanto o moço Moura Nobre diz: “o numero de cretinos é tão que nos dá a impressão de um enorme manicomio”; Arthur Neiva referindo-se, diz “a população da cidade (capital) tem aspecto de saude, as crianças são sadias e folgazãs. Nos arrabaldes ha muitos casos de bocio”.⁶⁵

⁶² *A Informação Goyana, 15 de junho de 1920, p. 503.*

⁶³ *A Informação Goyana, 15 de Julho de 1920, p.503.*

⁶⁴ Médico carioca que esteve em Goiás provavelmente na década de 1910, percorreu alguns municípios goianos, exercendo sua profissão.

⁶⁵ *A Informação Goyana, 15 de julho de 1920, p503.*

O autor ainda continua o artigo citando trechos do relatório de Arthur Neiva sobre sua visita ao sul de Goiás, no qual afirma que seus habitantes são na maioria, sadios e robustos, não apresentando doenças perigosas. E termina ponderando que:

Nos insurgindo contra as affirmativas de Nobre, não queremos com isto apresentar Goyaz como paraíso de salubridade; bem sabemos que por lá ha males muitos que necessitam ser erradicados; dahi porém, afirmar-se que todo o Estado é um manicômio... de cretinos, só mesmo de um cavalheiro que faz suas asserções com a mesma facilidade com que muda de cara e de veste. Aos goyanos fica-lhe a lição para mostrar-lhe que se vae fazendo já a tempo de joeirar entre os exploradores que procuram, aquellos que se mostrarem mais dignos e que sejam incapazes de usufruir proventos lá e desencadear novidades depreciativas cá fóra.⁶⁶.

Em 15 de setembro de 1917 temos um artigo escrito pelo Dr. Ayres da Silva intitulado “*A Barrocata do Saneamento dos Sertões*”, o autor fala da campanha pelo saneamento do Brasil, iniciada de forma não organizada em 1916 e ampliada a partir de 1918, com a criação da Liga Pró-Saneamento do Brasil. Começa, nesse intuito descrevendo os diagnósticos dados pelas expedições científicas que andaram pelo interior do Brasil, tais viajantes denunciavam as más condições de vida das regiões centrais do Brasil, na qual se alastravam varias doenças perigosas, onde o povo era fraco, desnutrido, não resistindo às enfermidades. Assim Dr. Ayres da Silva levanta os seguintes questionamentos para evidenciar o que para ele seria maior problema, ou seja, a falta de transporte e de meios de comunicação mais rápidos e como sua solução estaria relacionado com a melhoria das condições de vida do sertanejo:

Como poderão alimentar-se sufficientemente individuos que não possuem meios de transporte para se abastecer de elementos essenciaes para seu nutrimento? Como prover-se fartamente, se muita vez, nem mesmo o material para serviço, o sertanejo póde adquirir, tão difficil se torna sua aquisição, sabido que, até agor, os Governos de Republica, seguido a mesma traça de Monarchia, não cogitaram de suavizas a situação de nossos concidadãos, facilitando-lhes transportes rapidos estrategicos ne commerciaes? A campanha que agora surge nas grades das capitaes será mais uma campanha inutil e de exito problematico para os interesses do paiz, sabido que a prophylaxia das molestias reinantes no interior, facilima, se pudesse contar com o concurso do individuo, torna-se de todo problematica no caso catrario⁶⁷.

É possível perceber no discurso do articulista, a principal reivindicação da *Informação Goyana*, ou seja, o maior investimento do governo federal no Estado,

⁶⁶ *A Informação Goyana*, 15 de julho de 1920, p.503.

⁶⁷ *A Informação Goyana*, setembro de 1917, p.32.

investimento que possibilitaria uma melhor condição de vida para o sertanejo, que dessa forma poderia ser parte da nação brasileira.

Um último, exemplo que podemos ressaltar desse grupo são os artigos escritos pelo Dr. Antônio Azevedo Pimentel, médico higienista que apresenta seus relatórios sobre o estado sanitário do Estado, quando participou da Comissão Cruls que delimitou a área para a construção da nova capital federal. Segundo o médico goiano esses relatórios estavam em contradição com as afirmativas para ele tendenciosas de Artur Neiva e Belisário Pena, ou seja, o sertão goiano não era precisamente um “vasto hospital”, como os dois médicos retrataram em seus cadernos de viagem. Dr. Azevedo Pimentel⁶⁸ ainda reforça que:

(...) Ninguém deve pensar que somos ou jamais fossemos contrários ao problema do saneamento do Brasil. O que desde principio combatemos foi a insidia dos que colaboram á frente dessa campanha, os quais procuram justificá-la sobre o pretexto falso de que o Alto Brasil, o vero sertão longínquo e desconhecido das nossas classes dirigentes, é um vasto hospital onde são sem conta os vitimados anualmente pelo paludismo e moléstias que assolam de preferência como é assas sabido, a faixa litorânea (...) Tanto é assim que o diretor desta revista mais de uma vez aplaudiu calorosamente (...) o importante trabalho relativo ao saneamento das zonas rurais do pais, a começar pelo Distrito Federal porque o litoral é o foco, o centro de irradiação de todas as moléstias que acaso possam ser observadas no interior, ou como dizem, no sertão.⁶⁹

Enfim, o Dr. Pimentel reforça a ideia de que não é e nunca foi contra a campanha de saneamento do Brasil, mas que essa campanha deveriam começar *a priori* na própria Capital Federal e nos grandes centros urbanos, pois segundo ele o litoral *civilizado* que era o foco e o centro de irradiação de todas as moléstias que chegavam até ao interior brasileiro. Enfim, podemos observar que esse processo de integração do sertão e litoral se constitui um assunto que sempre em pauta na *Informação Goyana*.

⁶⁸ Filho de uma importante família de fazendeiros da região fluminense, formu-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, foi secretário da Comissão de Saneamento do Rio de Janeiro, diretor do Laboratório Bacteriológico Federal, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e professor da Faculdade de Odontologia e farmácia de Ribeirão Preto, onde faleceu em 1928. (VERGARA, 2008, p. 867).

⁶⁹ *A Informação Goyana, maio de 1918, p.165.*

CAPÍTULO III

O DISCURSO DA REVISTA *A INFORMAÇÃO GOYANA*.

3.1. A IMPRENSA E O CONHECIMENTO DO PASSADO

Tania Regina de Luca (2006) analisando a “*História dos nós e por meio dos Periódicos*”, ressalta que a partir da década de 1970 apesar de poucos trabalhos, se começa a reconhecer, a importância de jornais e revistas como fontes para o conhecimento da história do Brasil. Assim a introdução e difusão da imprensa no país e o itinerário de jornais e jornalistas já contavam com bibliografias significativas, além das edições fac-símiles e os catálogos dando conta de diários e revistas que haviam circulado em diferentes partes do território nacional. Dessa forma, o que temos primeiro é a preocupação de se escrever a “*História da Imprensa*” e não a “*História Por Meio da Imprensa*”⁷⁰ (LUCA, 2006, p.111).

Os trabalhos que se dedicam a ter como objeto de pesquisa jornal e/ou revista⁷¹ devem ter em vista sua força política. O que significa que a imprensa emite ou vincula um sistema de representação dotados de um papel histórico dentro de uma determinada sociedade, que atende os interesses de um determinado grupo. Formando opiniões e conjunto de ideias a respeito de uma certa realidade.

Na *Informação Goyana*, temos assim, a projeção de um conjunto de ideias, imagens e conceitos que atendam os interesses de um determinado grupo de goianos. A imprensa também foi uma importante fonte para a pesquisa de alguns temas. Um

⁷⁰ A História da Imprensa busca reconstituir o desenvolvimento histórico dos órgãos de imprensa e levantar suas principais características para um determinado período. Já a História Por Meio da Imprensa engloba os trabalhos que tomam a Imprensa como fonte para a pesquisa histórica. (ZICMAN, 1981, p.89).

⁷¹ O jornal é o termo usado para a publicação diária, em folhas separadas, e revista é usado para as publicações de periodicidade mais espaçadas, enfileiradas por uma capa e com maior diversidade temática, porém essa definição não é fechada porque ainda se apresenta os jornais semanais que abarca temáticas diversificadas e as revistas extremamente especializadas. Esses jornais normalmente são diários e vespertinos, dos quais caberia a divulgação de notícia, o retrato instantâneo do momento, abrangendo desde as disputas políticas, até os fatos corriqueiros do cotidiano. Já as revistas, impressos que se dedicam a especificidade de temas, geralmente a intenção em discutir ou apresentar algumas temáticas e a oferta de lazer tendo em vista os diferentes segmentos sociais. (COHEN, 2008, p.125; LUCA, 2006, p.112).

exemplo seria, para o estudo dos movimentos operários do início do século XX no Brasil, ressalta assim que a quantidade de impressos publicados pelos e para os operários nas duas primeiras décadas do século XX eram bastante grandes. Cada liga, cada união, cada sindicato tinha dessa forma, sua própria folha, que veiculava os comunicados e as atividades das diversas entidades, além de artigos discudindo a questão mais ampla de representação dos interesses da classe operária (COHEN, 2008, p.120).

Ressaltando a alguns pontos relevantes da “História da Imprensa”, na chamada Primeira República, vemos que, a conjuntura para o nascimento do novo sistema de governo e suas questões já traz consigo o aparecimento de inúmeros periódicos, de duração curta, mas que divulgam posições e ideias diante de questões como a abolição da escravidão e a proclamação da república. Segundo a autora, a imprensa desde suas primeiras publicações já demonstra suas evidências ou raízes políticas, constituindo sempre como voz de um grupo que propagavam por meio dessas publicações seus interesses e ideias (COHEN, 2008, p.122).⁷²

A respeito dessa característica, analisando a imprensa na primeira metade do século XX, temos a chamada “Grande Imprensa”⁷³, ponderando que mesmo adentrando o mundo dos negócios, os grandes jornais não deixam de se constituir como um espaço de divulgação de interesses de diferentes segmentos que lutam a favor de seus interesses e interpretações de mundo. Diferenciando, assim um órgão do outro pela matriz ideológica que seguem, isto é, a auto-imagem que constroem, o público que pretende atingir e o conjunto de ideias que veiculam (LUCA, 2006, p.119).

Temos ainda, as revista de informação que se julgam “neutras” e “imparciais”. Essas tem como característica principal se declararem totalmente apolíticas, tendo como pretenção, formar e informar a opinião pública, oferecendo uma variedade de abordagens e temas. Já no período de 1920 a 1930 se localiza como o momento de multiplicação das revistas de cultura, que acompanharam a movimentações políticas, oferecendo diversidade de temas, mas também revelando na entrelinhas suas

⁷² Nesse sentido podemos considerar que a imprensa se caracteriza por se um campo-político ideológico, na medida que sempre é porta voz de um grupo de interesses e ideias. Ideologia aqui teve ser entendida de um modo mais geral como mentalidade dominante de uma época, no conjunto da sociedade, ou pelo menos entre um grupo ou classe social, tal qual entende Palacin. (PALACIN, 1986, p.7).

⁷³ Apesar de ser uma definição imprecisa, genericamente a grande imprensa pode ser definida como um conjunto de títulos que, num dado contexto, compõe a porção mais significativa dos periódicos em termos de circulação, duração e continuidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro (LUCA, 2008.p.149).

preferências e filiações. Nos anos de 1930 esse segmento se firma, as revistas vão procurar mostrar desse modo, o panorama profundo das questões políticas e sociais do momento (COHEN, 2008, p.125).

O cuidado com a parcialidade e a pouca preocupação com os assuntos políticos e econômicos, abrindo mais espaço para temas literários, ciência ou temas como arqueologia, é assim um movimento posterior, que começa a partir de 1935. Cohen justifica essa transformação em função do momento político vivido. Ou seja, após 1935, a censura e o controle dos meios de comunicação tornaram-se mais rigorosos e as perseguições políticas tornar-se rotineiras, o que leva a publicação dessas revistas ditas apolíticas. (COHEN, 2008, p.126-128).

Mesmo editada entre 1917 e 1935, período anterior identificado pela autora acima, a *Informação Goyana*, se apresenta como imparcial e com a tarefa de informar sobre as possibilidades econômicas do *Brazil-Central*. A revista traz também uma variedade de assuntos ao longo de suas publicações, tratando da economia, da saúde, da literatura, da história e até da política com a função “única” de informar.

Mas, sua análise como já mencionamos, deixa transparecer seus interesses, suas ideias e posições, que podem ser justificadas aqui, primeiro pelo próprio propósito da revista, de divulgar positivamente o estado, não interessando assim transparecer instabilidades política, econômicas e/ou sociais, onde Nepomuceno (2003) acrescenta que, em nome dessa neutralidade a revista quase nada falou e quando menciona isenta o estado de toda a responsabilidade, de alguns acontecimentos políticos e sociais importantes como o conflito em São José do Duro e o movimento denominado Santa Dica (NEPOMUCENO, 2003, p.101).

Um exemplo desta não neutralidade pode ser percebido na “informação” de capa sobre o novo governo de Goiás publicado na edição de novembro e dezembro de 1930, escrita por Henrique Silva, intitulada “GOYAZ SOB O NOVO GOVERNO”, o articulista começa enfatizando o entusiasmo no qual foi festejada na tarde de 24 de outubro de 1930, na capital do Estado, a posse de uma junta administrativa da qual sucedeu Pedro Ludovico Teixeira, nomeado interventor de Goiás, e ainda acrescenta sobre o novo governador:

O nosso compratricio, animado de boas intenções, vem realizando um governo honesto, trabalhador e progressista, que justifica a expectativa do povo goyano...Os actos do Interventor vêm merecendo geraes applauso dos goyanos, como por exemplo, a reforma da instrucção...Entre outros actos, de

que já nos ocupávamos noutra lugar, tem o novo governo tomado medidas liberais, civilizadoras, como referente á lei do trabalho.⁷⁴

Observamos nesse trecho, o claro apoio de Henrique Silva, a voz principal da *Informação Goyana*, ao Interventor Pedro Ludovico Teixeira e a suas primeiras ações a frente de governo. Outro ponto importante que deixa transparecer a sua posição favorável as ideias de progresso e a modernidade na medida que se refere a lei e o trabalho como um elemento civilizatório para a sociedade goiana⁷⁵. Assim Henrique Silva termina ressaltando a “neutralidade” de sua revista e que tais considerações a respeito do novo governo seria um caso de justiça, é o que podemos observar: “*Esta revista, alheia que sempre foi a qualquer pendencia política, sente-se á vontade para fazer justiça á acção do novo governo, que vem prestando ao Estado relevante serviço*”⁷⁶.

Acrescenta-se ainda que a revista traz em 1918, um apoio mesmo que não explicitamente demonstrado, ao primeiro ano do governo de João Alves de Castro, transcrevendo a mensagem que esse presidente enviou ao Congresso Legislativo de Goiás em maio de 1918. Fazendo claros elogios ao “fecundo” governo, o que não foi só nesse momento em especial, mas ao longo da gestão de tal presidente do Estado (NEPOMUCENO, 2003, p.30).

Depois dessa breve análise da imprensa e sua utilização para o conhecimento do passado nos interessa aqui também identificar essa relação na produção da História de Goiás. Isto é, temos no Estado o aparecimento de um número considerável de jornais e revistas, o primeiro foi, o jornal *A Matutina Meiapotense*⁷⁷. A própria *Informação Goyana*, apresenta em alguns de seus artigos a variedades de impressos que Goiás tinha e o constante aparecimento de novos impressos, no Estado. Como mostra o artigo no qual a revista comemora o aniversário do quarto ano do aparecimento da revista *O Lar*:

Entrou em seu 3º anno de existencia este bem feito orgão que se edita na Capital de Goyaz sobre competencia da srta. Oscerlina Alvses Pinto. Com o corpo redactorial composto dos mais intelligentes elementos femininos de Goyaz, “O LAR” não desmente os esforços das suas

⁷⁴ *A Informação Goyana*, nov. e dez. de 1930, p. 1516.

⁷⁵ Essa valorização do trabalho pode ser considerada como influência da formação positivista dos escritores da *Informação Goyana*, como também de seu idealizador Henrique Silva. Assim o desenvolvimento e o progresso viriam com a ordem e com o trabalho.

⁷⁶ *A Informação Goyana*, nov. e dez. de 1930, p.1516.

⁷⁷ *A Matutina Meiapotense* circulou no arraial de Meia Ponte, atual Pirenópolis, do dia 05 de março de 1830 a 24 de maio de 1834.

incansáveis colaboradoras que tão calorosamente pugnam pelo progresso do Estado Natal.⁷⁸

O LAR, editada na capital do Estado de 15 de setembro de 1926 a 15 de janeiro de 1932, foi dirigida somente por mulheres da *elite* vilaboese, se alto proclamava um “*orgão Literário e noticioso*”⁷⁹, Henrique Silva ao dar os parabéns ao aniversário de tal impresso, deixa claro a importância da imprensa para Goiás, sua maior tarefa seja como órgão informativo, uma revista feminina, seria promover o progresso do Estado. Os órgãos de imprensa goianos, seriam mais um instrumento de voz e projeção das terras goianas.

Outro exemplo é a nota, intitulada “Imprensa Goyana”, na qual a *Informação Goyana* traz em fevereiro de 1931 sobre o aparecimento de dois jornais, *Sul de Goyaz* e o *Novo Goyaz*, em cidades do interior do Estado, em Goiandira e Catalão, sempre evidenciando a tarefa da imprensa goyana de projetar sua terra:

Acaba de sahir á luz em Goyandira uma folha –“Sul de Goyaz”, orgam official do municipio.

Tem como redactores os moços intelligentes que se chamam Abrahão Izaac Netto e Raymundo Gomide.

Em Catalão, a mais importante cidade goyana, appareceu o “Novo Goyaz”, sobre a direcção do projecto jornalista Sr. João Cruz Gomes- com elevados intuitos symthetisados no amor á terra goyana – sempre esquecida e sempre menospresada.⁸⁰

A respeito dos jornais e revistas existentes no Estado de Goiás, Henrique Silva, traz uma relação na edição de 15 de setembro de 1918, da *Informação Goyana*. Começa assim se referindo *A Matutina Meiapotense*, “o primeiro periodico goyano, imprimia-se com typos de madeira, no papel almaço dessa epoca”⁸¹. Segue assim, com uma longa lista dos impressos que o Estado de Goiás apresentou antes da proclamação da República⁸². Sobre o tema isso, Henrique Silva destaca que Goiás apresentava dessa forma, trinta e três periódicos já no período Imperial, número, segundo ele, superior a outras províncias da época.

Isto posto, considerando a imprensa como um sinal de modernidade para o Estado, Henrique Silva, destaca ainda que, já no período anterior a república, Goiás

⁷⁸ *A Informação Goyana, setembro de 1929.P.1404.*

⁷⁹ Um órgão de imprensa dirigido, editado e escrito por mulheres representava para Goiás um elemento de modernidade que Henrique Silva não deixou de mencionar em sua revista. (*O LAR*, 15 de agosto 1926)

⁸⁰ *A Informação Goyana, fevereiro de 1931, p.1531.*

⁸¹ *A Informação Goyana, 15 de setembro de 1918 p.231*

⁸² Ver o anexo I ao final do trabalho.

apresentava elementos modernos como a imprensa que buscava o progresso da reigião e sua projeção em todo o país. O editor, cita os impressos goianos que para ele merecem serem lembrados, e refere-se a eles na *Informação Goyana*:

Actualmente se editam no Estado os periodicos: --“ *O Correio Official*”, “*A Evolução*”, o “*Goyaz*”, a “*Nova Era*”, o “*Democrata*”, na capital; “*O Anhaguera*” e o “*A.B.C.*” em Catalão; “*O Norte de Goiás*”, em Porto Nacional e o “*Indicador*” em Uratahy.
Concluindo: é o órgão dos interesses do Estado nessa Capital “*A Informação Goyana*” de que é director- Henrique Silva.⁸³

Nesse sentido, analisando a imprensa em Goiás, percebemos que esta se configurou em um lugar privilegiado para se divulgar ou mesmo formar certos conjunto de idéias e comportamentos, seja com o objetivo de divulgar o Estado e suas potencialidades, como é o caso da *Informação Goyana*, ou como voz política e mesmo cultural, ditando comportamento e condutas como no caso da revista “*O LAR*”.

Na perspectiva de que a imprensa nos fornece, assim, um tipo peculiar de discurso, e que por isso necessitam de um cuidado metodológicos específicos, passaremos, a discutir sobre esse papel político e ideológico, dos órgãos de imprensa em Goiás e mais especificamente, o discurso da *Informação Goyana* nesse cenário.

3.2- O DISCURSO NA INFORMAÇÃO GOYANA:

A imprensa como um todo se constitui em uma realidade específica, com formas próprias, e com uma escrita própria, machetes, artigos, se denomina “Escrita de Imprensa”. Existe assim, uma linguagem específica da imprensa produzida pelo sistema global de informação, que corresponde as diferentes funções do jornalismo e está ligado ao próprio modo de produção jornalística (ZINCMAN, 1985, p.93).

A forma de produção jornalística é assim composta por quatro elementos: as expressões escritas, que dizem respeito às manchetes, textos, artigos entre outros; as expressões icônicas, que seriam fotos, desenhos, caricaturas; a composição do órgão de

⁸³ *A Informação Goyana*, setembro de 1918. p.232.

imprensa, isto é, a distribuição dos artigos, colunas pelas páginas do jornal ou da revista e por último o texto da publicidade dos patrocinadores (ZINCMAN, 1985, p.94).

Em relação à linguagem específica da imprensa podemos considerar dois fatores, a seleção das fontes noticiosas, isto é, o que vai ser notícia e o próprio modo ou forma da transmissão dessas notícias. Nesses aspectos é importante um método que atenda a essas peculiaridades da imprensa, como já ressaltamos, nossa proposta nesse sentido é analisar o discurso, ou a “Análise do Discurso”.

Nessa tentativa, buscaremos nessa parte do trabalho, uma breve reflexão sobre o “Discurso”, para em seguida empreender, um estudo sobre o discurso da *Informação Goyana*. A análise do discurso se trata como o próprio nome diz, do discurso. Etimologicamente, a palavra discurso tem em si, a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento.

O discurso é, nessa perspectiva, palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso se observa dessa forma o homem falando. Na Análise do Discurso procura-se compreender, a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história(...)A Análise do Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que vivem (ORLANDI, 2005, p.15).

Ao fazer uma rápida digressão radiografia da imprensa brasileira constata-se que desde as primeiras publicações, se ressaltam as raízes e motivações políticas nas atividades jornalísticas, na medida que, os impressos partem sempre de um grupo de interesses que os percebem como um meio de publicar ou propangandear suas idéias e/ou suas aspirações (COHEN, 2008, p.104).

Configura-se assim, de extrema importância uma caracterização do meio ou mesmo do cenário social e histórico, de onde essas publicações são editadas, criadas e idealizadas. O discurso da imprensa é assim, construído social e historicamente, de acordo com a formação, com os interesses sociais e do momento histórico que seus editores vivenciavam, como procuramos demonstrar na primeira parte desse trabalho, a respeito da formação e do cenário em que *A Informação Goyana* foi projetada e escrita.

Outro ponto importante é que o discurso aponta sempre para outros que o sustentam, isto é, o sentido do discurso resulta da relação com outros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não existe,

dessa forma, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Essa relação pode ser delimitada de acordo com a relação ao contexto sócio histórico e à memória. O que nos leva a “*formação discursiva*”, isto é, aquilo que a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica data determina o que pode e deve ser dito (ORLANDI, 2005, p.31).

Nessa perspectiva se pensarmos primeiro o discurso da imprensa em Goiás, temos que os impressos goianos, desde antes da proclamação da República⁸⁴, mostram claramente que parte de um grupo de interesses específicos que podem até mudar ao longo de suas edições, mas que objetivam divulgar suas ideias e interesses. Logo ao lermos o primeiro número de algumas publicações goianas percebemos essas evidências em seus discursos e, futuramente, qual o papel que a imprensa teria para Goiás. Independente de seus interesses imediatos, a imprensa era concebida como um órgão ou um instrumento de modernidade que traria a “luz” para Goiás do cenário nacional ou apresentaria o Estado para a unidade nacional.

No primeiro número da *Matutina Meiapotense* (1830-184), temos os criadores do jornal falando da missão ou no objetivo que o jornal pretende cumprir:

A liberdade de imprensa não he considerada como sustentaculo do governo dos governos...hum povo instruído, vendo a necessidade da Nação. Abraça, e soffre, sem murmurar, os impostos, considera o governo como seo maior bem, e aborece o homem sedicioso, e turbulento, como o maior inimigo da sociedade: não entra pois em dúvida, que a instrucção seja a melhor e maior Garantia do Governos Constitucionais.

Firme, nesse principio, e persuadido, que os Periodicos tem concorrido, em grande parte, para se espalhar as luz entre o pòvo, emprehendi a ardua empresa de redigir o periodico “Matutina Meiapontense”, que terá em vista o seguinte: Integrar dos decretos e resoluções da Assembleia Geral

Decretos Provinciais e Avisos Lançados no Diário Fluminense que forem applicaveis a nossa Província Hum extracto das sessoens de ambas as Câmaras Legislativa. Ata do discurso dos Senhores Senadores e Deputados...⁸⁵.

Assim, para os dirigentes da *Matutina*, dois elementos eram fundamentais, pois representavam o sustentáculo para o progresso, a instrução pública e a liberdade de imprensa. Além desses elementos, o respeito pela ordem legal, representaria também nesse momento a modernidade para o Estado. Wilson Rocha Assis (2007), ainda

⁸⁴As listas dos periodicos se encontram no anexo I desse trabalho.

⁸⁵ *Matutina Meiapotense, 05 de março de 1830. n.01*

enumera alguns elementos que para ele se encontram difusos nas páginas da *Matutina* e representaria a “identidade–moderidade” que se construía para os goianos, os elementos seriam, segundo Assis,

firme adesão á nova ordem nacional; identificação da sociedade com a Constiuição; o Trono e a Igreja; resistência ao arbítrio de governos absolutistas; afirmação da liberdade de expressão; educação liberal dos povos; defesa de uma ordem social fundada na ideia de trabalho e poupança. (ASSIS, 2007, p.55-59).

Dessa forma, podemos considerar ao nível do discurso da Imprensa, que a *Matutina* apresenta, um grupo claro que pretende divulgar suas ideias e seus interesses. Um discurso de liberdade de imprensa desde de que respeite a ordem vigente, ou que perceba “*o governo como o seu maior bem*”, nos mostra que de certa forma reflete a posição social de quem escrevia. Isto é, manter uma ordem e respeito ao sistema vigente, garantiria a manutenção dos privilégios de uma elite dominante escravista (ASSIS, 2007, p.56).

Tal impresso pronunciou-se a respeito dos principais acontecimentos da época, servindo de instrumento de propaganda e defesa das ideias do grupo político moderado instalado em Meia Ponte e na Cidade de Goiás. Para além, a liberdade de imprensa no Brasil, em 1821, possibilitaram a difusão das ideias liberais, iluministas, positivistas, federalistas e republicanas, fazendo, assim, um registro do campo intelectual característico do Império (ASSIS, 2007, p.38).

Temos ainda, no primeiro número da *Revista Oeste* (1942- 1944), onde na sua apresentação deixa claro o seu objetivo e intuito:

Oeste é assim o veículo oficial do pensamento moço de Goiaz. Limita seu aparecimento a fase mais vitoriosa de Goiaz, dentro de aspectos absolutos. Mensagem de contemporâneos a outra posteridade mental, equivalente à fixação de nosso estado social-político-intelectual. Grava, em depoimento são de brasilidade sã, uma obra e um autor. A obra é : Goiânia; Pedro Ludovico, o autor.⁸⁶

Aqui temos de forma clara a propaganda da nova ordem vigente o Estado Novo, e de seus representantes Pedro Ludovico Teixeira, o interventor do Estado escolhido por Getúlio Vargas, e Goiânia símbolo do progresso ou da modernidade nesse momento. Vale lembrar aqui que a ideia da mudança da capital do Estado de Goiás é

⁸⁶ *Revista Oeste, Goiânia 05 de julho de 1942, p.15.*

pensada desde o século XVIII e XIX, a proposta é retomada com Pedro Ludovico, no início da década de 1930, com a esperança de progresso e estratégia de sobrevivência política. Assim, Goiânia vai representar o símbolo de um novo Goiás, moderno, portanto, o símbolo de uma nova identidade, calcada no projeto nacional pós-30, modernidade em forma de progresso. Discurso que a revista vai incorporar e projetar ao longo de suas publicações (CHAUL, 1997, p.198-199).

Outro exemplo seria no segundo número da revista *O Lar (1926-1932)*, temos a publicação de uma “Carta Aberta”, redigida por Luiz Couto, sobre o aparecimento de tal revista. Um órgão segundo ele “feito pelas e para elas, que contribui predominantemente para a grandeza de nossa terra”⁸⁷. Prosseguindo, o articulista deixa clara a função da imprensa e de seu discurso para Goiás:

A ocasião é oportuna para que os jovens lute para a conquista de um ideal. A Imprensa é o ponto de partida, o jornal a arma de combate. Fundae um jornal e pela grandeza de nossa terra. Os frutos de vosso esforços serão colhidos com amor e abençoados pela geração que hão de vir. Goyaz precisa de vosso serviços as moças já deo o primeiro passo.⁸⁸

Usando uma *metáfora bélica* em palavras como, *a luta, a conquista, a arma de combate*, o autor nos mostra que a imprensa é encarada como um instrumento estratégico na luta de divulgar o Estado de Goiás, ou melhor, segundo ele, de integrar as grandezas das terras goianas ao conjunto da nacionalidade. Mais um instrumento pela integração entre sertão e o litoral, posto que, as *moças* – articulistas - que editaram a revista feminina já teriam se engajado nesse empreendimento. Ao longo de suas publicações, elas irão delinear o papel da mulher na sociedade goiana e como as mesmas contribuirão para que o Estado possa atingir a luz do progresso, bem como, integrar a moderna nação brasileira.

Assim, artigos sobre a importância da educação para as mulheres tanto nas escolas como para se tornarem boas mães e boas esposas como também para ler livros clássicos, saber sobre música, literatura entre outros assuntos considerados como representantes de uma dita modernidade. Importante ressaltar que essa modernidade era encarada com limites, a revista traz em suas páginas, por exemplo, artigos contra a lei do divórcio, considerado um “*destruidor dos lares*”. A conduta esperada para a leitora

⁸⁷ *O Lar*, 15 de Agosto de 1926.

⁸⁸ *O Lar*, 30 de Agosto de 1926.n. 2.

do periódico era de uma família a viver em um “*Lar*”, harmonioso com uma mulher dinâmica, que saberia desempenhar seus vários papéis (mãe, esposa e intelectual).⁸⁹

Já o nosso objeto de análise, a *Informação Goyana*, com seus objetivos claros de projetar as potencialidades do Estado de Goiás tanto para as demais regiões do Brasil como para os próprios goianos, também apresenta um discurso pedagógico. Sobre o discurso pedagógico na argumentação do fazer persuasivo, se mostra segundo o jogo de imagens que se constroem ou é se é, transmitida. Trata-se do discurso que leva à sedução, à tentação, à provocação ou mesmo à intimidação (BARROS, 2001, p.94). No caso da *Informação Goyana*, trata-se do fazer *crer às gentes do Brasil* da importância do Estado, bem como, projetar aos homens de negócios os bens naturais de Goiás.

Podemos perceber essa posição exatamente nos artigos que se dedicam a ressaltar as riquezas naturais do Estado, configurando-o como um lugar paradisíaco, que oferece recursos importantes para uma vida saudável. Não podendo deixar de perceber, no entanto, a visão apaixonada, quase sempre acrítica, presentes nestes artigos, é um retrato otimista e de exaltação das terras *Goyanas*.

A série de reportagens que a revista traz ao longo de sua publicação sobre “*A Flora Medicinal Goyana*” se apresenta como um elemento importante, pois o autor dessa série, Henrique Silva destaca que não existia região mais rica em flora medicinal do que o Estado de Goiás citando assim, vários estudos e relatos de médicos e estudiosos que comprovam a diversidade da flora medicinal *Goyana* e sua importância para cura de várias doenças,

Não ha ahi brasileira mais rica em plantas medicinaes que aquella que o Estado de Goyaz cobre, seus campos nativos principalmente. Como já dizia Cunha Mattos, a então província era extremamente produtiva de vegetais, tanto para alimentos, como para curativos.⁹⁰

Observe que, o autor ressalta a questão da produtividade combatendo a tese de que os goianos não eram atrasados e preguiçosos, e reforçando a imagem de uma gente que trabalha produz e que tem muito a contribuir com o desenvolvimento do país. Outro ponto importante que percebemos, não só nesse, mas em outros artigos, é a utilização dos discursos de viajantes ou cronistas que passaram por Goiás, no século XIX, como

⁸⁹ Bittar, em sua dissertação de mestrado *As Três Faces de Eva*, busca destacar o papel social desempenhado pela mulher na história da cidade de Goiás. Partindo do conceito de Max Weber de “tipo ideal”, a autora trabalha três tipos de mulheres na sociedade vilaboense, a *Concubina*, a *Matriarca* e a intelectual (BITTAR, 1997, p.5).

⁹⁰ *A Informação Goyana*, julho de 1919, p.360.

um argumento a mais para legitimar as potencialidades e riquezas da região. Exatamente o contrário dos estudos baseados nos relatos dos viajantes e cronistas que passaram por Goiás, que perpetuam toda uma interpretação acerca da sociedade goiana estruturada na imagem de decadência e do atraso.

Outro ponto importante no qual podemos identificar o discurso apologético da *Informação Goyana*, são os artigos referentes ao “Centro Goyano”, a “Associação Universitária Goyana” e sobre a “Associação Goiana”⁹¹. Isso porque são entidades, que tem como objetivo principal, a projeção do Estado de Goiás e usa a revista como uma vinculadora de suas ideias.

Em junho de 1932, a revista traz um artigo intitulado “Ao povo e á Imprensa Goyana”, informando sobre a abertura da “Associação Universitária Goyana”. Em seguida ressalta a lista de objetivos de tal instiuição, que são:

- a)- Tratar da divulgação e da propaganda das riquezas de Goyaz.
 - b)-Facilitar a confraternização que deve unir o povo de Goyaz aos universitários goyanos residentes na Capital da Republica.
 - c)- Resolver, da melhor forma possivel, todos os problemas que se relacionem com o desenvolvimento de Goyaz, como sejam:
Vias-Ferreas-Rodovias-Lavouras-Industria-Commercio-Instrucção-Mineração e Navegação.
 - d)- Cumprir o que acima foi mencionado, excluindo toda e qualquer intromissão política, para o que não pediu, não pede e nem pedirá solidariedade de qualquer uma das correntes políticas, ora existentes no Estado.
- A sociedade para a effetivação de taes objetivos pede o incondicional apoio e a verdadeira solidariedadedo povo goyano e de sua imprensa. Rio de Janeiro,9 de Junho de 1932.
- (as)Luiz da Gloria Mendes- Bonfim d’ Abbadia- Domingos Viggiano- José Elias Isaac.⁹²

Os objetivos divulgados pela Associação, são claramente os da revista, a constatação dos problemas goyanos que precisavam ser resolvidos, estas bandeiras que constantemente aparecem na *Informação Goyana*. Os meios de comunicação e transporte, a questão de como os produtos naturais da região poderiam ser explorados economicamente até pelas indústrias. Um exemplo desta posição são os artigos que tratam do minério da “Malacacheta”, já no primeiro número da revista, Henrique Silva anuncia que em Goiás existe esse minério e sua importância para o desenvolvimento industrial:

⁹¹ Associações que reuniam goianos que na maioria residiam fora do Estado de Goiás e tinham como objetivo maior propagandear Goiás positivamente no Brasil.

⁹² *A Informação Goyana, junho de 1932, p.1659.*

Entre os mineiros actualmente mais utilizados pelas indústrias modernas conta-se a “mica” ou “malacacheta”, cujo o preço é altamente remunerador nos Estados Unidos- ou seja 250 a 300 contos de réis tonelada.

Da sua existência em Goyaz assim dizia um cronista dos tempos coloniais:- “Malacacheta, mais limpa e maiores que as de Veneza e de Alemanha, que já forma pedidas para as lanternas das náos, e que supprém a falta de vidro para as janellas, as ha em o districtivo de Trahiras: e já vi sobre ellas applicado o aço e formando um espelho , que tinha a vantagem de não se quebrar.”⁹³

Percebemos que Henrique Silva invoca aqui no seu discurso o testemunho de um cronista dos “tempos colonias”, o que seria uma prova contundente da existência do minério em Goiás. Conclui seu artigo, indicando onde a malacacheta é explorada no Estado, dando referência aos interessados. “*Actualmente a mica está sendo explorada em Anicuns e outras localidades goyanas, que produzem de optima quantidade*”.⁹⁴

Em fevereiro de 1934 a “Associação Goiana”, divulga um artigo na *Informação Goyana* escrito por Hélio S. de Britto⁹⁵, o então diretor de propaganda da entidade, tendo o artigo título “*A Imprensa Goyana*”, tratando da importância da imprensa em Goiás em “*propagandear corretamente o Estado de Goiás*”

A Associação Goiana vem desenvolvendo o maior esforço no sentido de realizar seu patriótico programa de tão alto interesse para o rico e esquecido Estado Central.

Pela grande imprensa carioca, defendemos, com intransigência, o bom nome de Goiás; proclamamos sua inexcedíveis e inexploradas riquezas naturais, procurando despertar, para lá, a atenção da boas correntes imigratorias capazes de incrementar o progresso sobre todos seus aspéctos.

Mas o sucesso desse alevado empreendimento de puro civismo não precinda da colaboração de todos os bons conterraneos e, ainda, da já tão adiantada imprensa coestadual.⁹⁶

Assim, nessa primeira parte do artigo, o autor deixa claro os objetivos da associação de goianos e o que vem realizando por meio da imprensa, que seria aqui mais uma vez um instrumento para divulgar suas ideias e interesses. Começa, então a envocar o compromisso da imprensa estadual no mesmo intuito:

Para isso, dirige-lhe, hoje, um apêlo, afim de que nas colunas dos jornais goianos não sejam mais publicados certos artigos, que só servem para

⁹³ *A Informação Goyana*, 15 de agosto de 1917, p.22.

⁹⁴ *A Informação Goyana*, 15 de agosto de 1917, p. 22.

⁹⁵ Nascido em 1909, formou-se em medicina pela Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, sendo deputado estadual de 1935-1937.(MENDONÇA, 2000. p.41).

⁹⁶ *A Informação Goyana*, fevereiro de 1934, p.1808.

desacreditar o bom nome de Goiás e refletir danosamente sobre a obra que vimos realizado, aqui, com tanta dificuldade, em benefício do estado. Constantemente jornais das cidades de ricos Municípios, em franca prosperidade, trazem, no meio de animadoras notícias de conquistas feitas em todos os ramos do progresso, artigos de pessoas que nada entendem do assunto sobre que escrevem e com os quais, de propósito ou por ignorância, ofendem rudemente à nossa cultura, à nossa prosperidade e, ainda, à nossa condição de gente civilizada, colocando-nos em posição inferior ao resto dos brasileiros. Tais escritos são um desmentido audacioso daquilo que noticiam com bem intencionado civismo os jornais goianos e que atestam perfeitamente e incompreensão impatriótica dos seus autores.⁹⁷

Nesse sentido, com objetivos claros em seu discurso, o diretor de propaganda da Associação Goiana delimita em um dado contexto sócio-histórico o que pode ser dito e o que não pode ser dito nos discursos da imprensa de Goiás. Demonstrando que:

A idéia já existente, por cá, de nosso Estado, é a pior possível: é uma terra de “gente inculta, doentia, barbara, que se mata por qualquer coisa”, como si isso fosse a regra nas plagas goianas. É justamente esse pensamento erroneo uma das coisas que devemos combater, sem desfalecimento, e não o agravar com publicações pela imprensa, de escritos que não traduzem senão a vontade incontável dos seus autores de serem jornalistas de qualquer jeito e, ainda mais, de tratar de assuntos que lhes são transcendentais.⁹⁸

Logo o discurso da imprensa deve, procurar construir uma nova imagem do estado de Goiás, para tanto, todos devem estar em conformidade com o que pode ser dito. O não-dito está relacionado com o sentido que se pretende que o discurso tenha com os interesses em jogo. É nessa perspectiva que *A informação Goyana*, usa do silêncio, isto é, recua sobre alguns temas que demostre a instabilidade seja ela política, social ou economica do estado, como caso já mencionado de São José do Duro e do movimento conhecido como Santa Dica, para dar sentido ao seu objetivo maior de projeção do Estado e a formulação de uma imagem positiva da região.

3.3. A MEMÓRIA E DISCURSO:

Percebemos, na *Informação Goyana*, o uso de outro recurso discursivo, a memória, isto considerando que o discurso como foi dito está relacionado com outros, os articulistas para construírem uma imagem positiva do Estado se baseam em fontes que legitimaria o que falam, ou melhor, a imagem do Estado que pretendem construir.

⁹⁷ *A Informação Goyana*, fevereiro de 1934, p. 1808.

⁹⁸ *A Informação Goyana*, fevereiro de 1934, p.1808.

Essas fontes seriam relatório de presidentes da província e relatos de viajantes ou cronistas do século XIX, que passaram por Goiás e deixaram suas impressões registradas.

Nessa perspectiva o já – dito que sustenta a possibilidade de compreender ou dar sentido no que está dizendo, isto é, citando uma passagem de alguns desses viajantes exaltando Goiás, isso dá sentido e sustentabilidade para a projeção do Estado no período atual que a revista está sendo escrita. Assim, toda formação discursiva se vê associada à uma memória discursiva: não existe discurso autofundado, de origem absoluta (Maingueneau) - enunciar é se situar sempre em relação a um já-dito que se constitui no discurso do Outro (BRANDÃO, 1997. p.76).

Nesse sentido, antes de passarmos para a análise propriamente dos artigos que usam esse elemento, buscaremos refletir sobre o próprio conceito de memória. Nessa discussão, temos na relação entre a memória em sua reflexão sobre o passado, Ecléia Bosi (1978) nos traz à luz dois autores importantes Bergson e Halbwachs. Começando com Bergson a autora nos mostra que esse autor apresenta a memória como conservação do passado; esta por sua vez sobrevive no presente em forma de lembrança, e em si mesma, no estado inconsciente. Bergson busca assim, provar a liberdade e a espontaneidade da memória. As lembranças antes serem atualizadas pela consciência estaria em estado latente, potencializadas, no inconsciente (BOSI, 1978, p. 7).

Dessa forma a memória intervém no processo atual das representações, por permitir a relação entre o presente e o passado. Nessa relação a memória aparece como força subjetiva, profunda, ativa, latente e penetrante, ou ainda, oculta e invasora. Bergson trabalha desse modo, com um método introspectivo, na medida em que, a memória seria um reserva crescente a cada dia e que dispõe da totalidade da experiência adquirida. Nessa concepção, a memória estaria em um espaço profundo e acumulativo e as percepções imediatas em um espaço raso e pontual (BOSI, 1978, p. 8).

Já o segundo autor que Ecléia Bosi apresenta, Maurice Halbwachs, percebe a memória como uma reconstrução, poderíamos dizer, social do passado. Esse autor vai estudar a memória partindo de “quadros sociais da memória”. Isto é a memória do indivíduo depende do meio social o qual ele convive (família, igreja, escola, clube, profissão...), enfim os grupos sociais de referência para aquele indivíduo (BOSI, 1978, p.10).

A memória aqui com Halbwachs, não é sonho e sim trabalho, lembrar não é reviver, mas sim refazer, reconstruir, com imagens e ideias de hoje, as experiências do

passado. Assim o conjunto de representações que se tem na consciência atual ajuda a construir as lembranças do passado. As lembranças são construídas, refeitas, dessa forma, não “tal como foi no passado”, mas a partir dos materiais que se tem no presente, e essas representações que se tem no presente são feitas a partir dos grupos sociais que indivíduo convive, desse modo a memória para o autor acontece de forma coletiva. Ou seja, Halbwachs, afirma que *“a memória dos outros venha assim reforçar e completar a nossa, é preciso dizer que as lembranças desses grupos não estejam absolutamente sem relação com os eventos que constituem o passado”* (HALBWACHS, 1990, p. 78).

Halbwachs (1990) ainda nos traz a relação entre a memória coletiva e a história. Nessa relação o autor traça algumas diferenças fundamentais, entre a história e a memória. A primeira pretende, assim, ser universal, científica, se coloca fora dos grupos e acima deles, estabelecendo esquemas de interpretações. Em relação a lugar e tempo, apesar da variedade desses elementos a história reduz os acontecimentos a termos aparentemente comparáveis, o que permite ligá-los uns aos outros. Ou seja, define uma cronologia, uma compilação de fatos que são agrupados e classificados, séculos são organizados em seqüências de períodos.

Enfim a história examina o grupo de fora abrangendo uma longa duração de tempo (HALBWACHS, 1990, p. 79). A memória coletiva ao contrário compartilha da vivência do grupo, é limitada, interna e afetiva, pois seu tempo, não dura mais que a média da vida humana, apresentando ao grupo um quadro de si mesma. A memória da sociedade atinge assim, até onde alcança a memória dos grupos dos quais ela é composta. Desse modo Halbwachs (1990), afirma que:

A memória coletiva se distingue da história pelo menos sobre dois aspectos. Ela é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que mantém. Por definição, ela não ultrapassa os limites deste grupo (HALBWACHS, 1990, p. 81,82).

Nessa discussão Pierre Nora (1993), nos traz “os lugares de memória”, isto é, lugares onde a memória se cristaliza. Para esse autor a memória e a história são opostas uma a outra. A primeira é compreendida como vida carregada por um grupo vivo e está imbuída pela dinâmica das lembranças, do esquecimento. Enraíza-se, no concreto, no espaço, no gesto, no objeto. Nas palavras do autor a memória é o “absoluto”. Já a história é a reconstrução incompleta e problemática do que não existe mais. Uma operação intelectual que tem vocação para o universal. Desse modo a história seria a

morte, tratando de algo que não existe mais, ou seja, a deslegitimação do passado vivido (NORA, 1993, p. 9).

Nesse sentido, os “lugares de memória” vão caracterizar o fim daquilo que Pierre Nora chamou de sociedades-memória. Ou seja, o fenômeno da aceleração moderna significa para o autor o arrancar da memória, ou melhor, do vivido e repetido pelas gerações, o que se tem é o fim da memória espontânea. Assim, um movimento no qual a história anula a memória e trabalha com um passado já morto. A memória por sua vez, se refugia em lugares específicos, no sentido material, simbólico e funcional; como arquivos, monumentos, museus entre outros (NORA, 1993, p.10).

Assim podemos considerar a revista *Informação Goiana* como um “lugar de memória”, na medida que é um material que traz um conjunto de representações sobre o estado de Goiás. Representações construídas por um grupo específico de intelectuais goianos que conviviam na Capital federal, o Rio de Janeiro, e que a partir desse cenário determinado, começou a resignificar a identidade de Goiás diante do conjunto da nação brasileira. Outro aspecto importante da memória na revista é que seus articulistas trabalham no sentido de construir uma memória de Goiás em cada número. Ou seja, os frequentes artigos que tratam de algum aspecto da História de Goiás ou de suas origens se constituem um exemplo.

Outro aspecto que chama a atenção são as reportagens escritas por Henrique Silva e Americano do Brasil com intuito de contar de forma “correta” a história “desbravadora” de Goiás. Pensar a historiografia de Goiás é levar em conta que essa vem sendo construída por diferentes personagens históricos como: viajantes, cronistas, governadores, escritores ilustres e estudiosos como historiadores e sociólogos. Tais personagens vivenciaram distintas épocas e possuíam diversos interesses, produzindo assim diferentes formas para contar a história de Goiás.

Nesse cenário historiográfico temos, portanto, nas primeiras décadas do século XX a presença de Henrique Silva e Americano do Brasil; o primeiro foi um estudioso sempre interessado por Goiás e a sua história. O segundo por sua vez, em 1918 retorna a Goiás assume a Secretária de Estado dos Negócios do Interior e da Justiça, de onde consegue reunir grande parte de documentos oficiais dentro de sua secretaria, publicando uma série de artigos sobre fatos da história goiana. Sendo também

incumbido da tarefa de redigir para o IHGB um resumo da História de Goiás, de 1722 a 1889.

Desta forma, esses autores utilizam as páginas da revista para refutar fatos divulgados “erradamente” sobre a história de Goiás. Em março e abril de 1925, *Americano do Brasil* publica na *A Informação Goyana*, dois artigos intitulados “A Pobre História de Goiaz I” e a “A Pobre História de Goiaz II”. Em março *Americano do Brasil* trata de uma questão polêmica sobre a correta data do “descobrimento” de Goiás, responde assim ao goiano monsenhor Inácio Xavier da Silva que teria escrito uma carta para Dr. João Alves sobre a questão. Com base nos documentos oficiais sobre a História de Goiás nos arquivos goianos em São Paulo, o autor, em resposta propõe uma síntese a respeito da “descoberta” de Goiás. Ele apresenta que em 1720 os paulistas Bartolomeu Bueno da Silva, João Leite e Domingues Rodrigues pediram licença a D. João V “para penetrar no coração da América Portuguesa”. Como resposta da corte, ele receberam a Carta Régia de 14 de fevereiro de 1721 com a permissão para organizar a monção. O historiador traça assim, dúvidas a respeito das datas mencionadas pelos cronistas como 30 de julho de 1722 e usa outros documentos para discordar.

Partindo dos roteiros encontrados, especialmente de Silva Braga, *Americano do Brasil* fala das dificuldades deparadas na aventura dos bandeirantes (doenças, esgotamento, fome...) e como foi a iniciativa tomada por Rodrigo César de Menezes de mandar outra bandeira em socorro da primeira. Desta maneira, coloca em dúvida se essa segunda expedição teria realmente saído de São Paulo.

Com autoridade de quem conhece os documentos presentes nos arquivos, ele discorda da data do descobrimento do local em que se ergueu Vila Boa, argumentando que a data de 26 de julho de 1727, foi eleita como a data oficial por se tratar do dia da invocação de Santana. “*A tal história da descoberta de Goiás no dia de Santana é novela mal contada, é balela digna de ser perpetuada pelos que tiveram desamor à tradição, a cousa que teceram os sonhos de nossos avós*”⁹⁹.

Em meio à organização da celebração do Bicentenário do Estado, *Americano* se mostra indignado com a falta de precisão de datas, e no sentido de buscar a veracidade dos fatos, discorda e argumenta a impossibilidade da descoberta da região

⁹⁹ *A Informação Goyana*, março de 1925, p. 974.

em 26 de Julho de 1926 ou mesmo em 1925, chegando a seguinte conclusão em seu parecer:

Não é preciso mais pesquisas para a recusa da colocação do bicentenário em 26 de julho de 1926 ou em 1925. A data verdadeira é a de 26 de julho de 1727 que, aliás, não representa o dia da descoberta, mas sim o da elevação da capela de vila Boa, homenageando a padroeira da vila natal de Bueno.¹⁰⁰

Em abril de 1925, Americano do Brasil, em tom embravecido, volta a contestar os vários “erros” presentes agora na publicação do Jornal do Comércio intitulado “Histórico da Diocese de Santana de Goiás”, cujo autor era ignorado. Conhecedor de grande parte dos Arquivos de Goiás, dos eclesiásticos da antiga Vila Boa, Jaraguá e Meia Ponte, responde com firmeza o que para ele “há nessas linhas deslizes imperdoáveis, ofensivos ao pórtico da história goiana e a própria crônica religiosa, adulterada sem nenhum proveito”¹⁰¹. Observe-se a preocupação do autor em ressaltar seu papel de historiador em busca da “verdade histórica” com base nos documentos:

Nós que temos dedicado longo período de existência ao estudo da historiografia goiana, e mais ainda, autor, entre outros, de longo capítulo sobre a parte eclesiástica, entregue ao Instituto Histórico, assim como de vários ensaios pertinentes à vida da igreja goiana de outros tempos, como biografias de sacerdotes e a do próprio bispo Dom Francisco, sabemos quão difícil é a tarefa do historiador das causas do Brasil Central, mas nem por isso dispensamos a verdade dos documentos, mormente quando o terreno já está desbravado.¹⁰²

Assim sendo, Americano do Brasil refuta a hipótese levantada de que o primeiro sertanista estivesse chegado a Goiás em 1647, argumentando que no arquivo de São Paulo encontrava informações que divergiam dessa. Para tanto, ele rejeita com base na Carta Régia de 1721 a possibilidade de que Bartolomeu Bueno Filho estivesse sido estimulado a entrar para o interior rumo a Goiás a mando do Capitão General Rodrigo César de Menezes. O historiador apresenta que a iniciativa partiu a pedido do

¹⁰⁰ A Informação Goyana, março de 1925, p.977.

¹⁰¹ A Informação Goyana, 15 de março de 1925, p.988.

¹⁰² A Informação Goyana, abril de 1925, p.988.

próprio Bueno, e diverge imediatamente da data mencionada do cronista Washington Luiz 30 de julho, como sendo a data da partida da bandeira de Bueno de São Paulo.

Partindo da bula do Papa Inocêncio XI de 1676, Americano do Brasil também discorda do “Histórico da Diocese de Santana de Goiás” de que o território de Goiás se limitasse com o bispado de São Paulo. Ele ressalta os erros cometidos em torno de um personagem que foi testemunha de trinta anos da História Goiana, o padre Dom Francisco, divergindo com base em um livro de correspondência do governo de Goiás com a História do Império, e também pelos escritos de Pizzaro, Alencastre e Cunha Matos, das conclusões presentes no “Histórico”.

Ele finaliza seu parecer conclamando os mais jovens goianos a comprometer-se com a empreitada de construir uma “rica história de Goiás”, traduzindo: “verdadeira História de Goiás”. Desta forma, um compromisso com a identidade, pois construindo a “verdadeira História de Goiás”, ou melhor, resgatando suas verdadeiras origens que também se reflete e se constitui a identidade de um povo.

Diante disso podemos dizer que, Americano Brasil confunde história com historiografia. Isso porque não havia uma historiografia sobre Goiás, mas a história feita pelos historiadores sobre os grandes feitos e fatos dos grandes homens de Goiás.

Outro exemplo são os dois artigos escritos por Henrique Silva, em Agosto e setembro de 1917, intitulado “As Mil e uma Noites do Sertão, Seus Pró-Homens”. O objetivo segundo o autor seria tirar do “ostracismo histórico” os primeiros desbravadores do *Brazil Central*. Em Agosto de 1917, Henrique Silva discute a necessidade de hierarquizar os grandes e primeiros desbravadores do coração do Brasil. Isto é, “Goyas e Mato-Grosso possuem terras que precisam ser novamente descobertas - e antes que isto suceda - não esqueçamos, por justiça e gratidão, os nomes dos seus primeiros desbravadores”.¹⁰³ Observe que o autor ressalta a importância de resgatar as origens da “descoberta” desbravadora de Goiás incluindo aí também o Mato Grosso, reivindica assim a história e conseqüentemente a identidade do *Brazil Central* em geral. A figura dos bandeirantes é apresentada como heróica, a história aqui resgatada é a de heróis desbravadores da nação brasileira, os pioneiros na construção da nacionalidade. Portanto fala que:

É justo, é preciso destacar hieraticamente as figuras legendarias dos primeiros descobridores, melhor dito, restaurar o culto a um gênero de heróis que floresceram nos primeiros dias de expansão da nacionalidade

¹⁰³ *A Informação Goyana*, Agosto de 1971, p.18.

brasileira, dando – nos o espetáculo dessa epopéia que nos enche de assombro: a descoberta dos sertões do interior - Goyas e Mato Grosso.¹⁰⁴

Henrique Silva segue, deste modo, identificando os nomes dos bandeirantes mais antigos que antes do “anhanguera”, teriam desbravado parte do interior do Brasil, nomes como: Antônio Pires de Campos, Antônio Pedroso de Alvarenga, Manoel Corrêa, Paschoal Paes, Amaro Leite incluindo também os “anhangueras”, Bartolomeu Bueno da Silva pai e filho. Finaliza, evidenciando a figura do Capitão-Mor Antônio Pires de Campos que segundo ele, pouco ou quase nunca é lembrado, sendo que desde de menino muito novo acompanhou uma bandeira aos Martyrios de Araés, em companhia de seu pai, já brincando com seu companheiro de infância e de expedições, Bartholomeu Bueno, de doze anos.

Em setembro de 1917 Henrique Silva faz um apelo aos intelectuais de Goiás a respeito da necessidade de se fazer um estudo sobre os costumes e as características do grande ciclo dos bandeirantes paulistas. Resgatar de tal modo, suas tradições, seus dramas, suas tragédias e superstições, suas esperanças e dificuldades durante as expedições. Isto é, os episódios da epopéia no sertão do Brasil. Ele segue, mostrando que cada vez mais a história, as tradições e as lendas desses desbravadores vão se perdendo. É preciso, segundo autor, salvar ao menos o espolio poético e lendário, as tradições e costumes dessa época “desbravadora” que ainda se perpetuam na memória dessas gerações. Enfim, convida os historiadores e estudiosos que se dedicam somente a contar a “descoberta do litoral”, a voltar:

quanto antes suas vistas a conquista do Grande Oeste, onde se encontra o elemento ethnics das três raças distintas que amalgamadas e fundidas sob o sol do sertão, produziram um typo inteiramente novo-o mestiço, que, por transformações phisicológicas, será o genuíno brasileiro de amanhã, arbitro na extensão continental da Sul América, no irradiar da sua futura civilização, na virtualidade do seu ato destino social e humano.¹⁰⁵

Henrique Silva remete aqui a uns das questões muito discutidas no momento da Republica Velha. Durante esse período, particularmente depois da Primeira Guerra¹⁰⁶, a produção literária e sociológica tornou-se marcadamente nacionalista, na

¹⁰⁴ *A Informação Goyana*, agosto de 1917, p.18.

¹⁰⁵ *A Informação Goyana*, setembro de 1917, p.40.

¹⁰⁶ Período em que *Informação Goyana* é projetada e editada, em agosto de 1917.

medida que a salvação do Brasil voltava-se para a tarefa de construção da identidade nacional (SANTOS, 1985, p. 195). Dentro dessa reflexão Henrique Silva argumenta no fragmento acima, que o sertanejo seria o novo mestiço “produzido” no sertão, logo, o “genuíno brasileiro”. Por conseguinte, o autor está imbuído da corrente nacionalista que se preocupa em recuperar no interior do país as raízes da nacionalidade, buscando integrar o sertanejo ao projeto de construção da nacionalidade.

Enfim após essa tentativa de analisar o discurso da revista *A informação Goyana*, a luz de alguns elementos da “Análise do Discurso”, percebemos que a partir do interesse principal da revista existem ao longo de suas páginas, elementos difusos que podemos considerar como parte de uma busca por uma nova identidade para os goianos e para a própria região. Nesse sentido uma nova identidade baseada em elementos como a própria imprensa, a produtividade econômica e cultural do povo goiano, que poderia contribuir com a construção de uma nação moderna. Para além, do discurso de projetar imagens positivas sobre o estado de Goiás, buscaremos agora elementos que justifique e que corroborem com o empenho dos criadores e escritores da *Informação Goyana*.

3.4 PARA ALÉM DO DISCURSO: UMA QUESTÃO DE SAÚDE:

Como já demonstramos o debate sobre a identidade nacional ocupou um lugar de destaque no Brasil, nas primeiras décadas do século XX. A questão de recuperar e integrar o homem do interior se constituía em uma tarefa importante, e uma alternativa aos diagnósticos deterministas, que condenavam o desenvolvimento do país. Nesse contexto, a questão da saúde e das condições de vida no sertão aparece como um elemento importante, para representar o abandono ou mesmo o dito atraso do interior do Brasil, ou ainda ressaltar a “força criativa” do sertanejo, evidenciada por Euclides da Cunha e suas contribuições para a constituição de um país moderno.

O objetivo dos criadores e escritores da *Informação Goyana* de projetar o *Brazil-Central*, e todas as possibilidades de contribuição para o conjunto da nação que se configurava, percebemos está sempre difuso no discurso da revista. Nesse sentido temos a questão da saúde e das condições de vida como um elemento pontuado e trabalhado nas páginas do periódico. Mas para além desse discurso buscaremos, analisar essa questão da saúde em Goiás.

Nesse aspecto, o estudo Gilka Vasconcelos (1999), a *Saúde e Doença em Goiás*, entre 1826 a 1930, destaca que no século XIX e nas primeiras décadas do século XX, temos em Goiás alguns elementos fundamentais, como: o surto de algumas epidemias, ora leves para rigorosas, geralmente trazidas do Leste ou Nordeste do país, e a preocupação em detê-las ou exterminá-las, com a criação de hospitais, boticas, asilos e o estabelecimento de cordões sanitários para as preocupações necessárias, nas crises agudas (SALLES, 1999, p.64).

Nesse intuito, Itami Campos destaca que (1996), a medicina sofre transformações radicais nos séculos XVIII e XIX, tanto na sua forma de compreensão e apreensão do conhecimento quanto no seu modo de intervenção. Assim, o objeto dessa nova Medicina se deslocando da doença para a saúde, seu conhecimento se amplia, englobando o meio ambiente, a natureza e a sociedade em que o homem vive daí, uma preocupação com o social, e a medicina passa a ser uma ciência social. Seu modo de intervenção também muda, penetra na sociedade e em suas instituições intervindo em todos os espaços e se tornando política.

O saber médico se afirma nos regulamentos como uma forma de normatizar a vida e o cotidiano da cidade e do cidadão, ao mesmo tempo em que, via delegacias de higiene e classe médica, procura melhor conhecer a realidade, o que permite uma maior dominação do cidadão. A entrada da medicina nas instituições do governo torna-se evidente em muitos momentos na Colônia, bem como no Império; e se dá pela higienização, na tentativa de purificação dos espaços urbanos. (CAMPOS, 1996, p.173).

A preocupação era instituir um tipo de assistência pública, entendia nesse período do final do século XIX e início do XX, como um vasto e abrangente leque de ações as quais atribuía um caráter público, desde os cuidados à maternidade, até a velhice e a loucura, e que envolvia um conjunto de instituições públicas e privadas, laicas e religiosas (hospitais, asilos, orfanatos, colônias, creches, ligas, postos médicos, maternidades, hospícios, dispensários e policlínicas). Nesse sentido, pública ou privada, laica ou confessional, a Assistência no Brasil, era realizada por diversas instituições e denominações assistenciais, que em época de necessidades, se voltavam para socorrer os pobres (SANGLARD, 2008. p.2).

Em Goiás, podemos perceber esse fenômeno da assistência pública pelo estudo de Moraes (1995), que pesquisou a legislação sanitária a partir da sua apropriação pela classe dirigente goiana como forma de disciplina sobre trabalhador, mendigos vagabundos e doentes. Seu trabalho abrange o período entre 1835 a 1843 e demonstra

como as estratégias sanitárias se desenvolvem e interferem em todos os espaços da cidade de Goiás, através do Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara.

O Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara atendeu indiscriminadamente aos doentes que os procura. Inaugurado em 1826, numa casa situada à Rua do Carmo, vivia da caridade pública, possuindo uma botica, cujo pequeno lucro deveria cobrir as despesas com os medicamentos dos enfermos pobres. Compunha-se de dois departamentos, sendo um para homens e outras para mulheres. Em cada, um deles, havia três enfermarias: uma, para os doentes não afetados por enfermidades contagiosas; outra, “de superior grandeza”, para os convalescentes; e outra, em local separado, para os doentes de moléstias contagiosas. Cada enfermaria tinha doze leitos (MORAES, 1999, p.137).

Havia também os leprosários, aos redores de alguns povoados. *A Informação Goyana* traz notícia de duas instituições uma “na Ilha do Bananal e outro em Catalão”, o artigo de 15 de outubro de 1932, ainda acrescenta que:

O da maior ilha fluvial do mundo inteiro foi fundado pela naturalista Dra. Missis Bettie Buchan; o de Catalão devemos á Senhora Morris Bernardo, esposa do Sr. Morris Bernado (Pastor Evangelico), e que foi matrona de um grande hospital em Glasgow, na Escossia. Esta ultima obra pia foi construida com auxilios do Sr. Bernardo da prefeitura e de pessoas caridosas, estando hospitalizadas 20 victimas do mal de Hensen, algumas já curadas... Bandeirante – apostola aliás, eis que, com auxilio de uma enfermeira diplomada e obtendo da Missão Evangelica a doação do terreno onde se ergueu o presidio, na Ilha do Bananal, Miss Bettie Buchan- como se chama a filha de Albion- construiu e vem mantendo, sem auxilio deirecto de poderes publicos ou de quaesquer associações, um leprosoario onde os infelizes cancerosos são tratados com carinho e zelo. ¹⁰⁷

Como podemos observar, Goiás já apresentava instituições que se empenhavam nos cuidados médicos e que eram entregues a iniciativas privadas, mantendo-se de doações particulares, demonstrando que a iniciativa pública, dedicava ainda poucos recursos à área da saúde, no estado de Goiás. Outro aspecto importante dessa relação, medicina e política, é a criação da Saúde Pública ou do Serviço Sanitário. Segundo Merhy (1987), as práticas sanitárias advindas do Serviço Sanitário, são constitutivas das relações sociais, ou seja, são organicamente ligadas as práticas sociais a partir da relação de dominação da elite com os outros grupos sociais. O regulamento

¹⁰⁷ Voz do Povo. Transcrito em *A Informação Goyana* 15 de outubro de 1932, p.1690.

da Saúde Pública, normatiza a vida e o funcionamento de diferentes setores sociais e reflete a realidade sanitária e socioeconômica da sociedade.

Nesse cenário nacional preocupado com a saúde pública, com as campanhas de saneamento, primeiro das cidades do litoral e depois do sertão brasileiro, temos em Goiás também dois momentos¹⁰⁸ de “criação” do Serviço Sanitário ou de Higiene, o primeiro no governo de Brasil Ramos Caiado (1924-1929), e segundo no governo de Pedro Ludovico Teixeira (1930-1938).

Em 1926, no governo do médico Brasil Ramos Caiado foi estalado o Serviço Sanitário em Goiás. Como afirma o governador: *“De longa data se fazia sentir entre nós a necessidade de uma instituição que tivesse o objetivo humano e civilizador (...) de melhorar as condições físicas das populações”*¹⁰⁹.

A estrutura prevista para a realização desse serviço era a utilização de cinco delegacias – capital, Ipameri, Rio verde, Posse e Porto Nacional - tendo cada uma delas certo número de inspetores com sede em cada município. Esses inspetores sanitários eram responsáveis por todos os encargos e atribuições do serviço sanitário, desde a polícia sanitária e a vigilância médica até a fiscalização de alimentos. O serviço de Higiene transfere assim, para a alçada municipal boa parte de suas atribuições, tanto na fiscalização da higiene, como no controle sanitário. Mas, não estabelece claramente as atribuições de uma e outra instância. A primeira preocupação do Regulamento de 1926 era com a organização administrativa do serviço de saúde; mais de vinte artigos são dedicados á definição dos serviços e as atribuições de cargos e funções. Trata também da habilitação profissional, momento em que especifica o controle e fiscalização do exercício da medicina, da farmácia, da odontologia e da obstetrícia. Em seus artigos detalha também a construção, o funcionamento e a fiscalização, de escolas, oficinas, fabricas, mercados, matadouros, habitações, hospitais, açougues, bares, restaurantes, cemitérios entre outros estabelecimentos (CAMPOS, 1996, p.226-227).

Como deixa claro Brasil Ramos Caiado no seu pronunciamento ao Congresso Legislativo:

O regulamento do serviço abrange os seguintes ramos, onde se delinea uma grande e difficultosa obra, a que o governo actual pode vangloriar-se de ter dado inicio:

a) – prophylaxia geral e especifica das doenças transmissiveis e de outras evitaveis, policia sanitaria dos domicilios, lugares e logradouros publicos, fabricas, officinas, estabelecimento de ensino, estabelecimento commerciaes e industriaes, hospitaes, casas de saude, maternidades, mercados,

¹⁰⁸ Esses dois momentos que ressaltamos no trabalho correspondem ao período estudo entre 1917 a 1935.

¹⁰⁹ *A Informação Goyana, Mensagem ao Congresso Legislativo. Julho: 1927 p.1193.*

- matadouros, hotéis, restaurantes e quaesquer sédes collectivas, necroterios e cemiterios;
- b) – fiscalização dos generos alimenticios na Capital e nos municipios;
 - c- o estudo da natureza, etiologia, tratamento e prophylaxia das doenças transmissiveis e outras evitaveis bem como quaesquer pesquisas scientificas que interessem á saude pública;
 - d) - fornecimento de sôros, vaccinas e outros productos biologicos que se destinem ao combate de epidemias no territorio do Estado;
 - e)- assistencias aos morpheticos e demais doentes que devam ser isolados;
 - f) organização da estatistica demographo- sanitaria e publicação dos boletins respectivos;
 - g)- saneamento e prophylaxia rual;
 - h)- organização do serviço de propaganda e educação sanitaria;
 - i)- fiscalização do exercicio da medicina, da pharmacia, da odontologia e da obstetricia;
 - j)- Assistencia dentaria nas escolas.¹¹⁰

A legislação demonstra dessa forma que já havia em Goiás uma preocupação com a saúde pública, a intenção era combater as doenças, fiscalizar as instituições de saúde como também normatizar os lugares de domínio público e privado da população de forma mais higiênica e salubre possível, além de fornecer recursos que proporcionasse a cura, a prevenção das doenças e por fim a regulamentação dos profissionais da saúde. Contudo, as escassas verbas e os poucos recursos orçamentais destinados ao setor indicam a pouca importância e as limitações de intervenção que o serviço sanitário tinha, embora tenha sido designados delegados para as sete regionais, a função do órgão de saúde restringia-se quase somente ao município da capital (CAMPOS, 1999, p. 229).

Esse serviço teve, assim, pouco tempo de funcionamento, logo após o movimento de 1930, o interventor federal Pedro Ludovico Teixeira, o extinguiu, por motivos políticos, como veremos abaixo:

O Serviço Sanitário, logo após a vitória da Revolução, fora extinto, porque não correspondia às suas nobres finalidades. O regime decaído dele se servia como arma política contra os seus adversários. Os charlatões que rezavam pela cartilha do situacionismo tinham franca liberdade de ação ou eram tolerados. Não havia preocupação dos preceitos científicos de defesa sanitária das populações rurais ou urbanas.¹¹¹

Em fevereiro de 1931 Pedro Ludovico Teixeira reorganiza os serviços de saúde pública, passando a denominar-se Diretoria de Higiene, subordinada à Secretaria de

¹¹⁰ *A Informação Goyana*, Mensagem ao Congresso Legislativo: 1927, p1193.

¹¹¹ *Relatório de Pedro Ludovico ao Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas*, 1930-1933:61. In: PALACIN, Luis. *Quatro tempos de Ideologia em Goiás*. Goiânia: Ed. UFG, 19, p 81-89. .

Segurança e Assistência Pública. Apresenta um extenso documento que detalha em cada item a ação do governo no setor sanitário e na saúde da população, especificando serviços, cargos e atribuições, penetrando e interferindo em todos os recantos e meandros da vida social. O papel do médico é destacado, seja com executor das medidas necessárias a saúde pública, seja como elaborador de conhecimento. Cabia aos médicos proceder a estudos a quem fornecessem elementos à compreensão da realidade social e que contribuíssem para melhor conhecer as doenças e os problemas da saúde da comunidade. Outra alteração ocorrida é a centralização dos serviços de higiene. Os municípios são tratados como subordinados à autoridade da saúde pública, a autoridade sanitária é dada o poder de exigir dos dirigentes municipais o cumprimento das normas do regulamento. Estes se subordinavam não somente aos poderes estatuais, mas principalmente ao especialista, aquele que era conhecedor da questão sanitária, ressaltando então a importância do especialista que possuía o saber médico-sanitário. (CAMPOS, 1999, p. 230-231).

Outro ponto importante que se verifica é a de caber ao interventor a escolha do município sede da Delegacia de Higiene, ou seja, uma escolha política e não técnica. As cidades escolhidas para sediar as diretorias de higiene-Anápolis, Rio Verde, Ipameri, Arraias e Natividade - são escolhas políticas. Cidades que tinham maior peso político na Primeira República, Goyaz, Morrinhos e Porto Nacional passam a ser subordinadas, respectivamente, a Anápolis, Ipameri e Natividade. A mudança da capital em 1933 tem a ver também com a “criação” da Diretoria de Higiene e com o regulamento de 1931. É com base no saber médico que Pedro Ludovico, descaracteriza a antiga capital, Goiyaz, como cidade incapaz de sediar o Governo, apontando como problemas a insalubridade e a falta de infra-estrutura da cidade. (CAMPOS, 1999, p.235-236).

Segundo Lena Castello Branco (1999), o interventor pretendia que a nova capital privilegiasse a saúde dos habitantes, que seriam atendidos com abastecimento de água, rede de esgotos sanitários, coleta de lixo e regulamentação das construções, segundo parâmetros ideais de higiene e conforto. No entanto a autora mostra que não se torna realidade, a utopia da cidade ideal, locus privilegiado da saúde, deixando de ser atendidas muitos aspectos essenciais desse projeto, como, o abastecimento com água tratada, rede de esgotos sanitários, assistência médica-social à população.

Nesse sentido, observamos que mesmo de forma limitada já havia no Estado uma preocupação com a saúde de sua população, mesmo que muitas das iniciativas de assistência aos enfermos fossem de iniciativa privada como é o caso do leprósario da

Ilha do Bananal e do hospital de Caridade São Pedro de Alcântara. O estudo das instituições de saúde em Goiás se configura em um tema ainda pouco explorado, construir essa história também é um meio de escrever a história da medicina do Estado. Outro ponto de discussão importante é sobre as condições de vida e seus resultados para a saúde dos sertanejos goianos. Esse relato é possível de ser percebido em dois documentos quase contemporâneos, mas de descrições contraditórias.

Temos, assim o relatório das patologias em Goiás feito pelo Dr. Antônio Martins de A. Pimentel, médico higienista da Comissão Exploradora do Planalto Central em Goiás, 1892, chefiada por Luiz Cruls, então diretor do Observatório Nacional. Dessa forma, Em 1892 Cruls cercou-se de dois astrônomos, Oliveira Lacaille e Henrique Morize, ambos do Observatório Nacional, além do médico higienista Antônio Pimentel, do geólogo Eugênio Hussak e do botânico Ernesto Ule e partiram para o Planalto Central. A expedição durou de junho de 1892 a março de 1893, foram equipados com teodolitos, aneróides. Em Uberaba organizou-se a entrada no sertão, que tinha como meta Pirenópolis, em Goiás; lá chegando deu-se o início da expedição, em 1º de agosto (VERGARA 2008. p.866).

No seu relatório o Dr. Pimentel define a situação sanitária de Goiás da seguinte forma:

Nenhuma affecção constante da pequena estatística por mim organizada, é particular á parte do Estado de Goyaz visitada pela Commissão, e nem tão pouco depende do clima.

As molestias alli indicadas, entre as quaes algumas graves, como a syphilis, a bouba, a morphéa e diversas outras em que a anemia predomina, observam-se tambem em varios pontos de toda a zona intertropical em medida desigual para as differentes raças, para as differentes grãos de receptividade morbida individual, e, bem assim, para as influencias mesologicas, etc. ¹¹²

No relatório percebemos o esforço de Pimentel em afirmar que não havia nenhuma doença própria da região e que os casos encontrados eram estrangeiros, isto é vindo de fora e decorrentes de outros fatores. Vergara (2008) ainda percebe a aproximação do médico com a escola tropicalista de medicina ao citar, como argumento de autoridade, os médicos Bilharz e Wucherer, cujas teorias parasitárias apoiam. Essa escola postulava que a umidade e o calor tinham o poder de exacerbar as doenças então associadas à pobreza, à má nutrição e à falta de saneamento, além de um comportamento inadequado (EDLER, 1999), e tais fatores são mencionados não só no

¹¹² PIMENTEL, Antônio Martins de Azevedo. Anexo IV: Relatório do Dr. Antonio Pimentel, médico higienista da Commissão. In: Cruls, Luiz. *Relatório Cruls*: (relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil). Brasília: Senado Federal. p. 237-272. 2003

texto de Pimentel, mas nos dos demais membros da Comissão Exploradora, que associavam esses problemas ao passado colonial. Assim, as doenças aqui são associadas, por esses cientistas ao abandono e a má alimentação do sertanejo goiano (VERGARA, 2008, p.868-869),

Até o anno em que estive em Goyaz pela primeira vez, a natureza do papo era desconhecida, mas sempre acreditei que não são estranhas ás suas efficientes as influencias do processo evolutivo da herança e do estado social e domestico das intempéries, da miséria da alimentação, da água, provocando tudo isto determinado grão de enfraquecimento orgânico e, pois, facilitando acção do agente trasmissor.¹¹³

No trecho Pimentel cita uma doença, bócio conhecida como papo¹¹⁴, encontrada em Goiás e as hipóteses para o seu aparecimento. Para o autor os fatores sociais como a miséria, a má alimentação e a pouca qualidade da água são elementos que contribuam muitas das vezes para o agravamento do quadro sanitário goiano. Essa opinião também é compartilhada por alguns escritores e colaboradores da *Informação Goyana*, como podemos observar no trecho abaixo:

Recapitulando, vemos que a maioria dos males que affligem o nosso roceiro, é devido quase absoluta ignorância dos meios de prevenção. Muitas vezes é o rancho á beira da estrada, a taipa sem reboco, ou a liga deste de estrume fresco de vacca que ao seccar deixam largas fendas; o chiqueiro ao pé da cozinha, o tejudal que se fôrma á frente da palhoça, episodio a todo o momento pelos animaes que chegam ou passam, e regorgitando de dejectos da criação, - tal meio em que, de dez a dez mezes proliferamente, surge á luz do mundo o filho do racheiro... Melhoradas as condições de moradia, e, sobretudo, com a applicação de methodos de cultivo dos campos que os afastem das baixadas de mattas virgens, de mui fácil e abundante producção, porém tão perigosos facilitados os meios de communicação e difundido o ensino com o estabelecimento de escolas ruraes ou, visto a sua impossibilidade presente, missões medicas que lhes inculcam em linguagem chan e efficaz princípios preventivos de hygiene, e veremos sanados de vez os males que tão grande alarma têm suscitado ultimamente entre nós.¹¹⁵

Nessa perspectiva a situação sanitária goiana melhoraria quando ocorressem investimentos, na área da saúde dos quais orientasse o sertanejo a ter uma vida e hábitos mais saudáveis. Contudo a “realidade” observada sobre o estado de saúde dos goianos é

¹¹³ *A Informação Goyana, maio de 1918, p.701.*

¹¹⁴ Bócio: aumento do volume da tireóide, conhecido vulgarmente por papeira ou estruma. Verifica-se em algumas zonas montanhosas. Sua etiologia (parte da medicina que trata das causas da doença) é desconhecida, mas supõe-se ser devido à carência de alimentar de iodo, importante na composição de tireoxina nos tecidos do organismo. (SALLES, 1999, p. 89).

¹¹⁵ *A informação goyana, 15 de outubro de 1918. p.242.*

muito discutível quando, nos atentamos ao relato da “Viagem Científica” realizada pelos doutores do Instituto Oswaldo Cruz, Artur Neiva e Belisário Penna, pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e norte e sul de Goiás, em 1912. Como já demonstramos no segundo capítulo desse trabalho, tais cientistas diagnosticaram “*O Brasil é um vasto hospital*”.

Quase todos os domicílios em todo o trajeto ofereciam todas as condições para permitir a reprodução das triatomas; a maioria é constituída por causa do adobe não rebocado... Portanto a saúde não é apenas um problema da medicina; é também problema social - por exemplo, da habitação.... Além das formas citadas (bócio e modalidades nervosas e cardíacas registradas por Chagas - CN) são muito comuns em Goiás os casos de cretinismo, infatilismo e surdez-mudez, principalmente nos municípios de Duro, Natividade, Amaro Leite, Pilar e Descoberto. Localidades como Descoberto, onde a população é de cerca de 400 moradores, estes são quase todos infectados e se nem todos possuem bócio desenvolvido, grande número tem o sensível crescimento da tireóide, pescoço grosso, como vulgarmente designam.¹¹⁶

Primeiro podemos observar que os cientistas levam em consideração o fator social das doenças que afligem o Estado de Goiás, em segundo passa para uma descrição calamitosa da situação sanitária do Estado, várias doenças que se alastram pela região como um todo, deixando quase que o total da população doente. Sobre a profilaxia ou o tratamento e cura das doenças, os médicos visualizaram uma perspectiva nada saudável em relação a algumas doenças e ressaltam que “*quanto à profilaxia da anquilostomose dadas às atuais condições de higiene do Brasil Central é impossível fazer-se alguma coisa de prática*”¹¹⁷.

Ainda destaca que em relação aos recursos para a cura de doenças a população estava totalmente desatendida:

Este capítulo mostrará a inópia de recursos em que vivem as populações do Brazil-Central obrigadas a procurar auxilia na flora e na fauna locais a fim de se tratarem. Pela exposição que abaixo daremos, ver-se-á a pobreza do arsenal terapêutico de que podem lançar mão, aliás, quase sempre sem o menor resultado.¹¹⁸

Nesse sentido, a situação sanitária do Estado de Goiás, é um tema de longa discussão. Para além desses relatórios científicos do período, temos ainda as instituições

¹¹⁶ NEIVA, Artur e PENA, Belisário. Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e do norte a sul de Goiás. Ed. Fac-similar. Brasília, Senado Federal, 1999.p.10-13.

¹¹⁷ op.cit.p.11.

¹¹⁸ op.cit.p.161.

de saúde e os regulamentos de saúde pública. Tais elementos se constituem em fatores agregadores para se construir uma história da medicina em Goiás.

CONCLUSÃO

Buscamos ao longo do trabalho analisar as estratégias de projeção do Estado de Goiás por meio da revista *A Informação Goyana*. No intuito de integrar o estado a um projeto de nação moderna, os intelectuais que se reuniram em torno da revista, se esforçaram em defenderem ao longo de suas páginas, a sua importância para o desenvolvimento econômico, político, social e cultural do país, ou seja, com esse objetivo eles exaltaram as potencialidades econômicas, naturais, culturais e históricas da região.

Partimos, desse modo, do pressuposto que a revista *A Informação Goyana* se constituiu em um campo político – ideológico tendo portanto, como finalidade produzir um discurso de defesa sobre o *Brazil –Central*, mais especificamente sobre o estado de Goiás. Isto posto, em um movimento de valorização e redescobrimto do chamado sertão, observamos que os articulistas da *Informação Goyana*, buscaram constituir um conjunto de representações positivas sobre o estado, a preocupação era recuperar no interior do país as raízes da nacionalidade, bem como integrá-lo ao Brasil.

Percebemos que no esforço de projetar recursos naturais as possibilidades econômicas, a história e a cultura de Goiás, os articulistas da *Informação Goyana* almejavam construir um contra-discurso, que demonstrasse uma realidade diferente daquelas representações desabonadoras do sertão brasileiro e de Goiás, pautada pelo estigma da decadência e do atraso, produzida por grupos hegemônio dos grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro.

Um discurso como observamos contribui para a construção de uma *identidade goiana*, baseada em representações positivas que enaltescessem a região, o que para os intelectuais da revista representava também um elemento imprescindível na constituição de uma identidade nacional. O que era o desejo maior, diagnosticar e contribuir para a solução dos problemas nacionais, ou seja, contribuindo para a construção do progresso material e da nacionalidade brasileira.

Nessa perspectiva, começamos por investigar o contexto histórico do surgimento da revista, as raízes do pensamento teórico e científico dos intelectuais que escreveram em suas páginas, as relações sociais, políticas de seus escritores e principais colaboradores, bem como a análise da forma e conteúdo da revista. Percebemos que *a Informação Goyana*, foi idealizada e posteriormente executada dentro de um contexto histórico nacional maior, isso porque, temos no Brasil no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, discursos que buscam construir uma identidade nacional e refletir os rumos de um “Brasil Moderno. Dessa forma, no processo de construção de um constituição ou mesmo de reconfiguração da identidade nacional que produza sentido, temos diferentes sistemas de representações que lutam para construir sentidos no qual os membros de uma determinada nação se identifiquem entre si.

Logo, observamos que nessa luta de representações, em um primeiro momento a identidade nacional se pautava pelos elementos europeus, que impunha valores e códigos sociais para o país, um cotidiano e uma cultura que iria caracterizar o conjunto de vida na modernidade. Assim, examinando os problemas nacionais algumas correntes nacionalistas encaminharam reflexões sobre a questão ou mal da miscigenação “racial” da população brasileira.

Isto posto, surgiram, as vertentes influenciadas pelas teorias raciais, que indicavam como possível solução, para uma nação supostamente condenada pela mistura de “raças”, um programa intenso de imigração. Nesse contexto, seguir a risca as determinações ou constatações dessas teorias deterministas seria reconhecer o total fracasso e a inviabilização da nação brasileira. O que nos leva ao nosso segundo capítulo, no qual analisamos a integração entre sertão e litoral e de que forma essa relação pode ser percebida na revista.

Observamos, inicialmente o conceito de Sertão e seus sentidos, no processo de constiuição da identidade brasileira. Percebemos que, na tradição romântica, o sertanejo aparece como símbolo da nacionalidade, resultado de seu admirável modo de vida, caracterizado pela destreza e simplicidade e uma perspectiva mais realista, na qual a vida no sertão perde essa visão idealizada e passa a ser vista como um problema nacional, que se opõe à urbanidade do litoral. Nesse sentido, às luzes das visões científicas do fim do século XIX, as explicações raciais dão ao sertão o lugar da raça degenerada. Temos ainda, um denominador comum para os vários significados da palavra sertão, ou seja, a ideia de distância em relação ao poder público e aos projetos modernizadores.

Encontramos, nessa perspectiva, uma nova alternativa que busca a identidade nacional, no redescobrimento do interior brasileiro e em seus elementos particulares. A perspectiva seria de um projeto de nação desenvolvido em um único país estendido em todo espaço nacional. Ou seja, um só Brasil, nem sertão e nem litoral, mas a integração de ambos compondo as bases da nacionalidade que estava por nascer.

Desse modo, observamos na *Informação Goyana*, um movimento de luta por essa integração entre o interior do país e os grandes centros. A tarefa ou melhor os objetivos buscados na revista eram de representar as possibilidades e os elementos naturais, culturais, econômicos, políticos e sociais dos quais o *BRAZIL-CENTRAL* e Goiás em especial tinha a oferecer para o conjunto da nação. Para além disso, não hesitou em contestar ou questionar fatos publicados, considerados errados pelos intelectuais da revista sobre algum aspecto da região, seja ele econômico, político ou sobre as condições de saúde do estado.

Já **no** terceiro e no último capítulo, procuramos analisar o discurso evidenciado nas páginas da revista, ressaltando a utilização da imprensa em Goiás como instrumento de poder **seja** para formar uma certa consciência sobre o *Brazil-Central*, como voz política. O que observamos foi que a imprensa em especial os jornais e as revistas, idealizadas e publicadas pelos goianos, configurava-se também em um elemento de modernidade, de representação da sociedade goiana.

O que percebemos no discurso apresentado pelos articulistas da revista, que a mesma, foi um instrumento utilizado para formar um conjunto de representações sobre o Estado e sua sociedade, não somente para os goianos, quiçá, muito mais para as demais regiões do país.

Enfim, passamos a investigar, o que de concreto os articulistas da *Informação Goyana*, vão encontrar no interior do *Brasil-Central* para contrapor com a construção do discurso do atraso e da decadência feita a respeito de Goiás. O que nos levou para um elemento fundamental e sempre discutido no periódico, a questão da condições de saúde, do estado de Goiás. Sobre esse tema, temos ainda um longo percurso, isso porque a história da medicina em Goiás ou mesmo a história das instituições médicas e assistenciais do Estado configura-se em um trabalho a ser realizado.

O que concluímos, em nosso estudo é que Goiás já apresentava desde o começo do século XX uma legislação sanitária que tentava atender as necessidades da saúde pública, entretanto, o que diz respeito as instituições e a prática assistencial aos necessitados, essa era feita por instituições que se mantinham por meio de recursos e

doações da sociedade civil e particulares, e o exercício da medicina era realizado na maioria dos casos por curandeiros, bezendeiros, onde a cura era buscada nas rezas, simpátias e/ou plantas medicinais.

Isto posto, a revista nos mostra que, Goiás ao apresentar uma legislação sanitária assim como instituições médicas como hospitais e leprosários, se preocupam com as condições sanitárias do estado. Temos aqui um elemento modernizador, isso porque acompanha o movimento nacional que ocorreu desde o final do século XIX no Brasil, que busca melhorias das condições de saúde para a população como um todo.

Enfim, a pesquisa aqui apresentada não se encerra aqui, isso porque a Informação Goyana, constituiu-se em um objeto com um vasto e amplo leque de temas e elementos ainda a ser investigados e que podem contribuir para a construção da história goiana.

FONTES

-A *INFORMAÇÃO GOYANA*. Governo do Estado de Goiás. Goiânia: AGEPEL, 2001. (Reprodução fac-similar da coleção completa da revista publicada no Rio de Janeiro por Henrique Silva e Americano do Brasil, no período de agosto de 1917 a maio de 1935).

- A *MATUTINA MEIO POTENSE*. Governo do Estado de Goiás. Goiânia: AGEPEL, 2001. (Reprodução fac-similar da coleção completa da revista publicada no arraial de Meia Ponte, atual Pirenópolis, no período de 05 de março de 1830 a 24 de maio de 1834).

- CASTELNAU, Francis. Cap. IX: Estado de Goiás. In: Expedições às regiões centrais da América do Sul. Tomo I. São Paulo: Companhia da Editora Nacional, 1949, p. 225-238.

- *REVISTA OESTE*. Governo do Estado de Goiás. Goiânia: AGEPEL, 2001. (Reprodução fac-similar da coleção completa da revista publicada em Goiânia, no período de 05 de julho de 1942 até 1945).

- PIMENTEL, Antônio Martins de Azevedo. Anexo IV: Relatório do Dr. Antonio Pimentel, médico higienista da Comissão. In: Cruls, Luiz. *Relatório Cruls*: (relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil). Brasília: Senado Federal. p. 237-272. 2003

**Centro de Documentação “Dra. Dalisia Dolles” - Laboratório de História-
Universidade Federal de Goiás (LAPH-UFG)**

- O LAR (1926 a 1932). LAPH-UFG / caixa 133.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Wilson Rocha. Os Moderados e a representações de Goiás n' A Matutina Meiapotense (1830-1834)-Goiânia, 2007. (Dissertação de mestrado).

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do Discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Humanistas, USP, 2001.

BENEDICT, Anderson. *Nação e Consciência Nacional*. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo. Ed. Ática, 1989. p.65-72.

BITTAR, Maria José Goulart. *As Três Faces de Eva na Cidade de Goiás*. Goiânia, 1997. Dissertação de Mestrado.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Regionalismo. In: *Dicionário de Política*. Tradução: Carmen C. Varriale et al. 3. ed. Brasília; Linha Gráfica, 1991, v.2.

BORGES, Barsanufo.G. *O despertar dos dormentes: estudo sobre a Estrada de Ferro de Goiás e seu papel nas transformações das estruturas regionais: 1909-1992*. Goiânia: Ed. UFG 1990.

BORGES, Lindsay. *Revista da Arquidiocese de Goiânia (1957-1967): as representações da diferença e a construção da unidade religiosa*. Goiânia, 2007. Dissertação de Mestrado.

BORGES, Vavy Pacheco. *Anos Trinta e Política: História e Historiografia*. In: FREITAS, M. C. de.(org). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

BOSI, Éclea. *Memória e Sociedade*. São Paulo: Edusp, 1987.p. 3-29.

BRANDÃO, Helena H. N. *Introdução á Análise do Discurso*. Campinas, São Paulo: Ed. da UNICAMP, 1991.

BRASIL Americano do. *Pela História de Goiás*.Goiânia: Ed.UFG,1980,pp.13-19.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Modernismo latino-americano e a construção identidade através da pintura*. Revista de História. n.1,1950, São Paulo: Nobel, 1988. p. 30-34.

_____. *A Imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto EDUSC, 1988.

EDLER, Flávio Coelho. *A constituição da medicina tropical no Brasil oitocentista: da climatologia à parasitologia médica*. Tese (Doutorado) – Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1999.

CASTRO Celso. *Os Militares e a República: um estudo sobre cultura e ação política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

CAMPOS, F. Itami. “Saúde pública: a Medicina e a Política”. In: *Revista de Patologia Tropical* v. 25, n.2, p. 173-186. Goiânia: Ed. da UFG, jul/ dez, 1996.

CAMPOS, F. Itami. Serviço de higiene, origem da saúde pública em Goiás. In: FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de (Org). *Saúde e Doença em Goiás: a medicina possível*. Goiânia: Ed. da UFG, 1999. p. 223-238.

_____. *Coronelismo em Goiás*. 2 ed. Goiânia: Vieira, 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. “História e análise de textos”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 375-399.

CARDOSO, Maria Divina Costa. *Movimento Estudantil em Goiânia: (1960 a 1964)*. Goiânia, 2002. Dissertação de Mestrado.

COSTA, Livia Batista da. *Da Defesa da Honra à Defesa da Vida: Uma história da violência contra a mulher na cidade de Goiânia*. Goiânia, 2006. Dissertação de Mestrado.

CHAUL, Nasr Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da “Decadência” aos limites da modernidade*. Goiânia: Ed. da UFG, 1997.

_____. (Org). *Coronelismo em Goiás: estudos de casos e famílias*. Mestrado/UFG. Goiânia: Kelps, 1998.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre Práticas e Representações*. Difusão Editorial Lda Lisboa. Tradução de Maria Manuela Galhardo, 1988.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo, Cia da Letras, 1996.

COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à República: Momentos decisivos*. 1 ed. São Paulo: Editora Grijalbo, 1977. p.245-325.

COHEN, Ilka Stern. *Diversificação e Segmentação dos Impressos*. In: MARTINS, A.L. LUCA, T.R.(org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

CUNHA, Bruno Domingues. *História da esquerda em Goiás – 1960-1979*. Goiânia, 2001. Dissertação de mestrado.

DELGADO Andrea F. *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*, Tese de Doutorado, UNICAMP, 2003.

CUNHA, Euclides. *Os Sertões: campanha de Canudos*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Imprensa a Serviço do Progresso*. In: MARTINS, A.L. LUCA, T.R(org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

FALCON, Francisco J. C. *História Cultural: uma visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FERREIRA, Gracy Tadeu. *O Coronelismo no Estado de Goiás(1889-1930) As Construções Feitas do Fenômeno pela História e Literatura*. In: CHAUL, Nasr Fayad (Org). *Coronelismo em Goiás: estudos de casos e famílias*. Mestrado / UFG. Goiânia: Kelps, 1998.

FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de. Goiânia: locus privilegiado da saúde. In: FREITAS, Lena Castello Branco (Org). *Saúde e Doença em Goiás: a medicina possível*. Goiânia: Ed. da UFG, 1999. p.239-290.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da Cultura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. *Intelectuais e a Organização da Cultura*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1989.

_____. *Literatura e Vida Nacional*. Tradução Carlos Nelson Coutinho, 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1986

HALBAWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990p. 24-89.

HALL, Stuart. *A Identidade na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HERSCHMAN, Micael M. e PEREIRA, Carlos Alberto M. *O Imaginário moderno no Brasil*. In: HERSCHMAN, Micael M. e PEREIRA, Carlos Alberto M. (org). *A Invenção do Brasil Moderno: medicina, educação e engenharia no Brasil nos anos 20-30*. p.9-43. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LIMA, Nísia Trindade. *Missões Civilizatórias da República e Interpretação do Brasil* In: *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*. vol.V(suplemento),163-193, junho 1998.

_____, HOCHMAN, Gilberto. *Condenado pela raça, absolvido pela medicina: O Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República*. In: MAIO, Marcos Chor, SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz, Centro Cultural Banco do Brasil, 1996. 252p.

LOZANO, Jorge *et al.* *Análisis Del Discurso. Hacia una Semiótica de la Interacción Textual*. Madrid: Cátedra, 1997.

LUCA, Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla B. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006.

MARTINS, Ana Luiza. *República: um outro olhar*. São Paulo: Contexto, 1999, p.41.

MENDONÇA. Sônia Regina. Estado e Sociedade: A Consolidação da República Oligárquica. In. LINHARES, M. Y. *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

MERHY, Emerson Elias. O Capitalismo e a saúde pública: a emergência das práticas sanitárias no Estado de São Paulo. 2. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1987.

MORAES, Cristina de Cássia Pereira. Reflexões sobre o Estudo da Sociabilidade na Cidade de Goiás: A Origem da Liga Operária de Santa Luzia 1911. *Cultura*. Tevista de História e Teoria das Idéias. Lisboa: Centro de História da Cultura. Vol. X, II série, 1999.

_____. O Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara e os trabalhadores na cidade de Goiás-1830- 1860. In: FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de (Org). *Saúde e Doença em Goiás: a medicina possível*. Goiânia: Ed. da UFG, 1999. p.129-168.

_____. As Estratégias de purificação dos espaços na capital da província de Goiás (1835-1843). 1995. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias)- Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, 1995.

MILAN, YARA Martins Nicolau. *A Educação do “Soldado-Cidadão” (1870-1889)*. Campinas: UNICAMP, 1993. Tese de Doutorado.

MOREIRA, Cleumar de Oliveira. *História política de Goiás: a dinâmica do desenvolvimento: 1945 a 1964*. Goiânia, 2000. Dissertação de Mestrado.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. *A Construção da Identidade: um Momento Privilegiado*. Revista Brasileira de História-Órgão da Associação Nacional Dos Professores Universitários de História-São Paulo. ANPUH / Marco Zero, vol. 12, n°23/24, setembro 91/ agosto 92.

NEPOMUCENO, Maria Araújo. *O Papel Político-Educativo De A INFORMAÇÃO GOYANA na Construção Da Nacionalidade*. Goiânia: Ed. da UFG, 2003.

NEIVA, Artur e PENA, Belisário. Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e do norte a sul de Goiás. Ed. Fac-similar. Brasília, Senado Federal, 1999.

_____. *A Escola Militar da Praia Vermelha e o Caráter “Sue Generis” da Formação de seus oficiais*. In: Universidade e Sociedade/ Sindicato

Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior, - Volume 1, no.1 (fev.1991) – Brasília (DF) O Sindicato, 1991, p.59-64.

NORA, Pierre. *Entre memória e história. A problemática dos lugares*. In: Projeto História. Revista de estudos Pós-graduados em História do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. V.10, p.07-28, 1993.

ORLANDI, Eni R. *Análise de Discurso. Princípio e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2005.

OLIVA, Anderson Ribeiro. Sobre a cor da noite: teorias raciais e visões sobre o negro em meio aos debates científicos da passagem do século XIX para o XX. In: Revista Múltipla. UPIS. Faculdades Integradas. Número 14- ANO VIII-2003. p.87- 123.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro. In: História, Ciências, Saúde-Manguinhos. Vol.V (suplemento), 195-215, junho 1998.

PALACIN, Luís. *Quatro tempos de Ideologia em Goiás*. Goiânia: Cerne, 1986.

PIMENTEL, Antônio Martins de Azevedo. Anexo IV: Relatório do Dr. Antonio Pimentel, médico higienista da Comissão. In: Cruls, Luiz. *Relatório Cruls: (relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil)*. Brasília: Senado Federal. p. 237-272. 2003

PRADO, Antônio Arnoni. *Imprensa, Cultura e Anarquismo*. In: MARTINS, A.L. LUCA, T. R. (org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

SANDES, Noé freire. *A invenção da nação: entre a monarquia e a república*. Goiânia: Ed. da UFG: Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, 2000.

SANTOS, Luiz Antonio de Castro. O Pensamento sanitário na primeira República: Uma Ideologia de construção da nacionalidade. Dados. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v.28, n.2. p.193-210, 1985.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org), Stuart Hall, Kathryn Woodward.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.p.10.

SILVA, Helenice Rodrigues da. *A História como “A Representação do Passado”*: A Nova Abordagem da História Francesa. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. MALERBA, Jurandir. *Representações: Contribuição a um debate interdisciplinar*. Campinas, SP: Papyrus, 2000. - (Coleção texto do tempo).

SILVA, Leicy Francisca da. *Saúde pública e medicina popular em Goiás*. Goiânia, 2003. Dissertação de Mestrado.

SILVA, Mônica Martins da. *A festa do Divino. Romanização, patrimônio & tradição em Pirenópolis (1890-1898)*. Goiânia, 2000. Dissertação de Mestrado.

SKIDMORE, Thomas E. Preto no Branco. Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro. Rio de Janeiro. Paz Eterna, 1976.

SOUZA, Dalva Borges de. *Violência, poder e autoridade*. Goiânia; Ed. UFG, 2006.

VIDAL e SOUZA, Candice. A Pátria Geográfica. Sertão e Litoral no pensamento social brasileiro. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

TAVARES, Giovana G. *Divulgação Científica e Recursos Naturais: O Papel da Revista Informação Goyana Na Construção da Imagem do Estado de Goiás, 1917 - 1935*. in: I Simpósio de Pesquisa em Ensino e História de Ciências da Terra e III Simpósio Nacional Sobre Ensino de Geologia no Brasil. Unicamp, 2000. p. 235-238.

TELES, Mendonça José. *Memórias goianienses I*. Goiânia: Editora UCG, 1986.p.09-35.

_____. *A Imprensa Matutina*. Goiânia: CERNE, 1989.

_____. *Dicionário de escritores goianos*. Goiânia: Kelps, 2000.

VERGARA Moema de Rezende. Território e saúde: o estudo de Antônio Pimentel sobre o Planalto Central. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.3, p.865-881, jul.-set. 2008.

ZICMAN, Renée Barata. História Através da Imprensa – Algumas Considerações Metodológicas. In. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e de Departamento de História*. n°4, p. 89-102. São Paulo: EDUSC, junho 1985.

Sites:

SANGLARD, Gisele – acessado no dia 14/08/2009

www.encontro2008.rj.anpuh.org/.../1212930000_ARQUIVO_textoANPUH20082.pdf

ANEXO I

A INFORMAÇÃO GOYANA, 15 de Setembro de 1918.(p. 230-231).

- Lista dos impressos que o Estado de Goiás apresentou até a proclamação da República:

Impresso no alludidos prelos da “Matutina” appareceu em 3 de Junho de 1837 o

“CORREIO OFFICIAL”

Orgão do Governo, sob a direcção de Monsenhor Joaquim Vicente da Azevedo.

“O TOCANTINS”

Fundado pelo Coronel Felipe Antonio de Santa Cruz, em 1º de Janeiro de 1855, impresso na Typographia Provincial, que lhe fôra entregue de conformidade com a Lei n.6 e pelo parágrafo 3º do artigo 2º da lei n. 18 do anno de 1854. Esta folha desapareceu em 1857.

“GAZETA OFFICIAL DE GOYAZ”

Este periodico fôra impresso na Typographia Provincial que estava em mãos do Coronel Felipe Antonio Cardozo de Santa Cruz, em virtude da lei acima citada. Apparecen o seu 1º numero em Janeiro de 1858, e, na ausencia do proprietario, estevs sob a direcção do Padre João Luiz Xavier Brandão.

“ALTO-TOCANTINS”

Appareceu em Agosto de 1860, sob a gerencia de Umbelino Galvão de Moura Larceda e teve curta existencia.

“IMPrensa GOYANA”

Veio á luz em 1860, sob a direcção do Padre de Souza Reho e Carvalho. Teve pouca duração.

“CORREIO OFFICIAL” (segunda série)

Reappareceu em 1861 e cessou sua publicação por acto de 26 de abril de 1890, firmando pelo governdor do Estado Major Rodolpho Gustavo de Paixão.

“ALTO ARAGUYA”

Veio á luz em 1866 e viveu até 1873. Propriedade do Major Antonio Pereira de Abreu.

“MONITOR GOYANO”

Sahiu á luz em Novembro de 1866, editado pela Typographia Bastos & Irmãos, tendo como directores o Dezembargador Antonio Felix de Bulhões Jardim e Tenente José Ignacio de Azevedo. Publicava-se uma vez por semana e viveu até 1867.

“O CIDADÃO”

Semanario político que appareceu em 1867 sob a direcção do Coronel Luiz Gonzaga Confucio de Sá. Foi impresso na Typographia Provincial. Pouco tempo viveu.

“A PROVINCIA DE GOYAZ”

Este jornal sahiu á luz em 8 de Agosto de 1869 e suspendeu a sua publicação em 1873. Era de propriedade do Major Ignacio Soares de Bulhões e redigido por seu filho o Dezembargador Antonio Felix de Bulhões Jardins – o mais proveccto jornalista goyano.

“A TRIBUNA LIVRE”

Este periodico sahiu á luz a 20 de fevereiro de 1878, como orgão dos interesses da provincia de Goyaz. Propriedade de uma associação anonyma. Columnas ineditoriaes livre para todos. Editor, José de Patrocínio Marques Tocantins. Do numero 28 de 27 de julho de 1878, tornou-se orgão do Club Liberal de Goyaz, tendo como redactor-chefe o Dezembargador Antonio Felix de Bulhão Jardim. Fechou o circulo da sua existencia para dar logar á publicação do “Goyaz”, a 24 de Dezembro de 1884.

“REGENERAÇÃO”

Orgão politico e noticioso, tendo diversos como redactores, sendo editor Candido de Cassia e Oliveira. Teve principio em 1877 e terminou em 1879.

“EMPREZA DO ARAGUAYA”

Propriedade do Coronel João José Correia de Moraes, dirigido pelo cidadão Jacintho Luiz da Silva Caldas, publicava-se duas vezes por mez. Teve principio no anno de 1882. Em 1883º proprietario vendera a Typographia ao Coronel João Fleury dos Campos Curado.

“A PROVINCIA DE GOYAZ”

Hebdomadario, litterario e noticioso, dedicado aos interesses da Provincia; iniciou a sua publicação no anno de 1884 e terminou em 1893.

“O BOCAYUVA”

Orgão republicano, gerente Manoel Alves de Castro Sobrinho; redactores diverso, sahiu á luz em 1882 e terminou em Outubro de 1883.

“O PORVIR”

Orgão do Club Juvenil publica-se duas vezes por mez. Apareceu em 1882, e desapareceu no mesmo anno.

“O LIBERTADOR”

Orgão da propaganda abolicionista, redigido pelo Dezebargador Antonio Felix de Bulhões Jardins. Sahiu á luz da publicidade em 1885.

“O DENTISTA”

Publicação semanal sob as vistas do illustre publicista Oscar Leal.

“AURORA”

Orgão critico e litterario redigido por Floriano Florambel; sahiu á luz da publicidade a 1º de Abril de 1885.

“BOUQUET”

Orgão dedicado ao bello sexo goyano, redigido por Alfredo de Barros. Apareceu este jornal em 1855.

“O BRASIL FEDERAL”

Apareceu em 1886. Orgão do Club Republicano, redigido pelo bacharel Joaquim Xavier Guimarães Natal.

“O COMMERCIO”

Este jornal teve principio no anno de 1879, impresso na Typographia do Major Antonio Pereira de Abreu, como orgão politico, commercial e noticioso, passando depois a ser orgão do partido conservador, tendo como redactor chefe o Dezebargador Luiz Gonzaga Jayme e gerente João da Rocha Vidal; mais tarde, teve como editor Veridiano José Sacramento. Este jornal desaparecem em 1884 era publicado em dias indeterminados, e tinha a tiragem de 500 exemplares.

“O PUBLICADOR GOYANO”

Orgão dos interesses do povo teve principio em Fevereiro de 1885, era propriedade de Tocantins & Aranha; jornal de grande formato e impresso em prelo Marinoni. Em seu arti-programma lia-se o seguinte-”Este jornal sera publicado uma vez por semana em dias ideterminados. Esse modelo de periodico tem por fim servi ao orgão e todas as pessoas que tiveram necessidade de recorrer á imprensa, contando que se exprimam em linguagem descente. O nosso redactor é o povo, e nosso objetivo é o bem público”.Esse importante jornal cessou sua publicação a 2 de Março de 1892. Era editado na Typographia “Perseverança”.

“CONSTITUCIONAL”

Orgão do partido conservador; sahiu á luz da publicidade a 5 de julho de 1885, publicação bi- mensal ; redactores diversos;gerente , José Gonzaga Socrates de Sá.Esse periodico cessou sua publicação em 1888.

“O BEIJA-FLOR”

Orgão do povo, publicação quinzenal; este jornal sahiu á luz da publicidade a 3 de junho de 1886 e cessou em 1887.

“O CANARIO”

Orgão critico litterario; este pequeno jornal sahi á luz da publicidade em 1º de Janeiro e desapareceu em 1889.

“PHENIX”

Este jornal teve principio a 1º de Março de 1887, era propriedade de uma associação de intelligentes e distinctos moços amadores da litteratura; mais tarde foi seu redactor-chefe Americo Torres (Raphael); desapareceu em 1888.

“ O ASTRO”

Orgão do povo principiou a ser publicado a 1º de Agosto de 1887, publicação bi-mensal. Do n.9 em diante passou a ser um orgão literario. Fois seu redactor Avelino de Paiva. Cessou sua publicação em 24 de Agosto de 1888. No artigo de fundo em que declara seu desaparecimento lê-se o seguinte “In fine”: “O ASTRO porém continuando no ultimo estado de decrepitude , despede-se de seus amaveis leitores para nunca mais apparecer como as folhas seccas que nunca mais voltam ao tronco”

“A UNIÃO”

Orgão do partido conservador; redactores diversos; publicação semanal; gerente, João da Rocha Vidal. Este jornal foi publicado a 24 de Janeiro de 1888, teve pouca duração.

“A THESOURA”

Orgão critico literario, foi publicado o primeiro numero a 15 de maio de 1888. Redactor, Benedicto Altino Correia de Moraes. Desappareceu em 1889.

“ASYLIO DA RAZÃO”

Era o titulo da revista maçonica da Loja do mesmo nome, que se começou a publicar nesta capital e na officina d’ o Publicador Goyana, a 15 de Fevereiro de 1888. Era mensal e continha oito páginas. Durou poudo tempo, devido a desavença entre os socios e ao mesmo tempo redactores, Drs. Francisco de Paula Arvellos (medico), João Teixeira Alves (medico), José Leopoldo Bulhões Jardim e o veneravel da Loja João Gonzaga de Siqueira, que introduziram na Loja a maldita política.

“GAZETA GOYANA”

Semanario politico; proprietario, Monsenhor Ignacio Xavier da Silva, redactores diverso. Sahiu á luz da publicidade esse jornal a 24 de juhlo de 1889 e desappareceu em 1891.

